Os seres do invisível e as provas ainda recusadas pelos cientistas

Pesquisador: Willian Crookes
Médium: Florence Cook
Espírito: Katie King

Paulo Neto

Copyright 2019 *by*
Paulo da Silva Neto Sobrinho (Paulo Neto)
Belo Horizonte, MG.

Capa:

http://www.autoresespiritasclassicos.com/Pesquisadores%20espiritas/William%20Crookes/O%20Esp%C3%ADrito%20de%20Katie%20King.jpg

Revisão:

Hugo Alvarenga Novaes
Paulo Cesar Pfaltzgraff Ferreira
Rosana Netto Nunes Barroso

Diagramação:

Paulo Neto
site: www.paulosnetos.net
e-mail: paulosnetos@gmail.com

Belo Horizonte, novembro/2019.

Os seres do invisível e as provas ainda recusadas pelos cientistas

(A materialização como prova científica da sobrevivência e da comunicabilidade dos espíritos)

(versão 2)

"Que os homens não devem tomar o limite de suas faculdades como limitação inerente dos modos possíveis da existência do Universo." (MILL)

"A doutrina da evolução foi construída através de suas observações de campo, reunidas por Darwin em sua forma culminante na *Origem das Espécies*; ela *não* veio dos laboratórios de biologia." (HARDY)

"Aquele que olha por um vidro de cor, vê todos os objetos da cor desse vidro: se o vidro é vermelho, tudo lhe parece rubro; se é amarelo, vê tudo amarelado." (TAHAN)

"A Ciência não é mais que o conjunto das concepções de um século, que a Ciência do século seguinte ultrapassa e submerge." (LÉON DENIS)

"Com efeito no dia em que o sábio apoiar seus estudos em tal ou tal sistema religioso ou filosófico, ele abdica, por isso mesmo, do seu título de sábio. Ele advogará uma causa, não mais buscará a verdade pela verdade sem fito que não interrogar a Natureza." (RADOT VALLERY)

Paulo Neto

ÍNDICE

Apresentação.....5

Prefácio.....11

Introdução.....15

O ectoplasma, a base dos fenômenos de efeitos físicos.....25

O método de pesquisa espírita seria científico?.....73

O livro “Fatos Espíritas” de William Crookes.....85

As experiências com o circuito elétrico e a pesagem da médium.....134

Outros pesquisadores com a médium Florence Cook.....159

O importante depoimento de Paul Gibier.....191

Algumas pesquisas com outros médiuns.....202

Incidentes “agarrando o espírito” e outros.....237

Análise de alguns trechos de “Estudando o Invisível: William Crookes e a nova força”.....244

Conclusão.....276

Referências bibliográficas.....286

Apresentação

À guisa de “Apresentação” mencionaremos dois e-mails que o nosso amigo escritor Eurípedes Kühl nos enviou, para a nossa grande surpresa, dizendo a respeito de suas impressões sobre este ebook.

From: Euripedes Kuhl
Sent: Wednesday, November 27, 8:12 PM
To: Euripedes Kuhl
Subject: Re: artigo: Os seres do invisível e as provas recusadas pelos cientistas

Paulo, bom amigo: boa noite.

Pela sua mensagem, imaginei que você me convidou para ler um “artigo”. E artigos, maioria, são de 3 a 8 páginas, na média.

Mas não: o seu “o material” até pode ter o nome de artigo, mas não o é: é uma obra piramidal, absolutamente bem estruturada, irrepreensível quanto à didática, exemplar no que diz respeito à bibliografia, as citações são lâmpadas a iluminar o parágrafo em que se posicionam, cujo respectivo conteúdo constituem uma aula, na qual, a estrutura física das fontes, parágrafos, espaços entre linhas, vocábulos, ou

frases grifados... meu Deus! Nem sei mais o que falar. Tudo sóbrio.

E li exatamente a metade. Foram muitas horas, de leitura plena. Não continuei, embora o quisesse, porque fiquei fatigado.

Nessa metade que já li dediquei-me “de corpo e alma” a depreender e captar o sentido do material que você me enviou.

Se Deus permitir, pretendo concluir a leitura no mais rápido possível. Hoje, não dá mais (fadiga de material... kkkk).

Essa metade já percorrida dá-me a certeza de que estou diante de defesa de tese, de tese aprovada, cuja rota intelectual e de sensibilidade investigativa é recomendável a qualquer círculo humano palmilhar, máxime se formado de pessoas desapetrechadas de preconceitos.

Falei até aqui da estrutura física do “seu artigo”.

Falarei agora, do que depreendi da metade da mensagem dessa portentosa obra, quanto ao objetivo maior:

Pacificar o eterno embate da ciência, quando ela desacredita e até mesmo deprecia tudo aquilo que não pode provar “in vitro”, mas que, no

entanto, existe com pujança, só que "in spiritus"... E Espíritos, se elevados, não recebem ordem, mas se involuídos, valem-se de oportunidades quetais para exercer sua atividade predileta: o sarcasmo, a zombaria, a mistificação".

Não fosse o alicerce da nossa amizade – a sinceridade – e eu não declararia a você que: grande parte do seu alevantado livro (sim: seu texto é um **livro**, sim senhor!), sequer eu comentaria o fato de que me empolguei, até porque unindo as incontáveis leituras de livros espíritas, nos meus 50 anos de estudos espíritas, relembrei bastante tantas e tantas lições da extensa bibliografia que você apropriou tão bem.

Estou dizendo isso porque poderia parecer que me mostro vaidoso. Mas não, o que digo é que, como leitor inveterado de obras espíritas, em cinco décadas de com elas sempre aprendendo, apreciei, e muito, a grande seriíssima lista de autores que você mencionou, quase todos meus "conhecidos".

Fica para outra hora, ou outro dia o término das minhas singelas palavras sobre a outra metade do seu monumental trabalho. Parabéns!

Estejamos com Jesus,

Euri

****

From: Euripedes Kuhl
Sent: Sunday, December 01, 2019 6:40 PM
To: Euripedes Kuhl
Subject: Re: artigo: Os seres do invisível e as provas recusadas pelos cientistas – 2ª parte dos meus comentários

Olá, Paulo: boa noite.

Concluí a leitura do seu livro "*Os seres do invisível e as provas recusadas pelos cientistas*". Aqui, agora, concluo comentários.

Na verdade, não tenho muito a acrescentar aos meus comentários iniciais, referentes à metade que então tinha lido.

Ontem, mais um pouco. E hoje, decidi completar a leitura, para não deixar fugir da minha mente, uma que outra reflexão.

A partir da página 71 observei que vários fenômenos mediúnicos de materializações foram observados pelos pesquisadores, todos sérios, alguns deles notáveis. Não os cito, para que o leitor sinta o grau de cuidados tomados nas sessões, bem como os

respectivos resultados alcançados, inimagináveis, antes das materializações e das desmaterializações.

Seu livro traz, com feliz sinceridade, depoimentos de pesquisadores consagrados, maioria favorável à fenomenologia mediúnica.

Mas também desfavoráveis, como o de (Paul Gibier – [1851-1900]) incrédulo do Espiritismo, que mesmo não conseguindo reprovar o que presenciou, declarou, paradoxalmente:

> *"(...) não partilhamos as ideias da escola espírita, e repelimos como prematura e insuficiente demonstrada a teoria da intervenção da alma dos antepassados nos fenômenos determinados por meio de certos indivíduos, a que chamaremos de médiuns";*
>
> *"(...) provaremos que existe uma categoria inteira de fenômenos aparentemente contrários às leis conhecidas da Natureza, inexplicáveis presentemente: o que não quer dizer que devamos renunciar a procurar a explicação deles".*

Não me dispenso de recomendar que esse livro seja lido aos poucos, de preferência por grupos de estudos, meditando sobre os inúmeros acontecimentos mediúnicos, de materialização, psicometria, xenografia, levitação e aportes (dezenas de formas que saíram de

onde estava a médium e se materializaram!). Esses acontecimentos, ocorridos em cerca de meio século (último quartel do século 19 e primeiro, do século 20), englobados nesse livro, para mim têm o propósito de sacudir o marasmo intelectual dos doutos em teologia, incréus mesmo diante de comprovações de autenticidade. E principalmente dos que, desconhecendo as premissas do Espiritismo, não se pejam de lançar impropérios contra sua luz fulgurante, premissas essas que, ao fim e ao cabo, restam sobeja e indiscutivelmente comprovadas.

Seu livro, caro amigo Paulo, não deixa margem a dúvidas quanto à Espiritualidade Maior e a autenticidade das manifestações mediúnicas, obtidas por médiuns, ou grupos sérios. Quanto aos que duvidam, diante das provas, são da estirpe daqueles que mesmo vendo, lá longe no horizonte de mar aberto surgir um navio, aos poucos, ainda duvidam da esfericidade terrena…

– Com eles: fazer o quê? – Entregá-los ao Tempo…

Muita paz, saúde e que Jesus nos ilumine.

Euri

(grifo em itálico e negrito do original)

Prefácio

Em 2011 tivemos oportunidade de publicar em nosso blog o pequeno texto “Livro II – Estudando o Invisível (por Juliana M. Hidalgo Ferreira)” ([1]) sobre a tese que é objeto da presente obra de Paulo Neto. Naquela ocasião ressaltamos a importância do trabalho de J. Hidalgo, ao mesmo tempo em que fizemos uma “leitura espiritualista” de algumas conclusões desse trabalho. Na ocasião, destacamos que a análise feita por J. Hidalgo não tinha como objetivo saber “se os fenômenos espiritualistas existem ou não”. Para nós esse era um ponto crucial visto que não acreditamos ainda hoje ser possível criar uma narrativa histórica justa da fenomenologia estudada por Crookes sem saber se esses fatos existem ou não.

O que sobra de se assumir que a verdade sobre os fatos espiritualistas é irrelevante, o que chamei de “posição de neutralidade”, é algo curioso, mas completamente enviesado. Tal neutralidade transparece a todo momento no trabalho analisado como uma tentativa de enquadrar a pesquisa espiritualista de Crookes em um gigantesco embuste, uma grande “conspiração” de médiuns inescrupulosos para enganar um cientista

velhinho e provavelmente caduco. Se o Espiritualismo não pode ser “provado” como diz a autora, suas teses devem necessariamente ser contrapostas por outra coisa, no caso, a fraude. Pois, de outra forma, a autora teria que assumir aqueles fatos como autênticos. A respeito disso, a opinião de sábios reconhecidamente não espiritualistas (tal como Aksakof, Sudre e Richet) confirma a falsidade da teoria da fraude aplicada aos fenômenos estudados por Crookes e, portanto, a fragilidade da hipótese de neutralidade. Esse testemunho é trazido neste livro de Paulo Neto.

A verdade é que, em qualquer trabalho de natureza intelectual, é bastante difícil assumir uma postura completamente isenta. É por isso que, na vasta literatura de pesquisa dos fatos psíquicos, transparece a toda hora a teoria de embuste como principal antagonista das teses espíritas. Na verdade, essa imensa literatura supostamente científica é uma narrativa construída a posteriori, para valorizar a crença dos que sempre torceram o nariz para tais assuntos. Isso não é de se admirar já que a própria história da ciência “oficial” (a que se lê na maior parte dos livros didáticos e de divulgação) é uma narrativa construída a partir da seleção cuidadosa das pesquisas que “deram certo” e que coincidiram com os paradigmas que vingaram posteriormente. Os leitores modernos têm a falsíssima

impressão de que a ciência sempre progrediu em linha reta, com adição infinitesimal de contribuições em forma crescente e sem interrupção. A verdade sobre o desenvolvimento científico é que ele seguiu um caminho bastante tortuoso, de inúmeros erros, falhas e tentativas malogradas. Personalidades ilustres no passado foram completamente esquecidas, enquanto que nossos heróis modernos eram a minoria dissidente que não aceitava a ciência dominante de sua época. Mas, para os fatos espíritas se nega inclusive um caminho.

Na presente obra, Paulo Neto fornece o “contexto fenomenológico” anterior e da época de Crookes, algo muito mais abrangente e necessário que está ausente no trabalho “Estudando o Invisível” e sua hipótese da neutralidade. O trabalho de Paulo Neto busca ilustrar esse caminho tortuoso dos fatos espíritas e a opinião de ilustres cientistas que testemunharam sua realidade. No Capítulo “Outros pesquisadores com a médium Florence Cook”, Paulo Neto traz o depoimento de personalidades científicas da época além de Crookes, bem como outras testemunhas e até membros da realeza, que observaram a médium F. Cook. Tais testemunhos justificam porque a postura de Crookes não era apressada e a justeza de suas conclusões todas baseadas na mais rigorosa observação dos fatos. A opinião unânime de cientistas da época sobre a qualidade dos trabalhos de Crookes não deixa dúvidas

de que tentar reconstruir uma nova narrativa deles baseada em uma visão moderna supostamente imparcial cria um outro anacronismo.

Talvez a não replicabilidade dos fatos estudados por Crookes prejudique um julgamento moderno e definitivo, principalmente daqueles fatos extraordinários tais como as materializações e levitação de objetos. Entretanto, o testemunho histórico dos que viveram na época definitivamente apoia o trabalho de Crookes e pede por novas instâncias de investigação. Com base nessa pesquisa histórica, Paulo Neto mostra que a hipótese da fraude não é a explicação para os fatos, tal como insistem aqueles que continuam a torcer o nariz para esses fatos mal compreendidos.

Ademir Xavier

Brasília, 28 de novembro de 2019.

Introdução

> “Se, durante muitos anos, a ciência acadêmica desprezou o conjunto dos fatos que, por bem ou por mau, certo ou errado, o Espiritismo absorveu e assimilou, considerando-os elementos formadores de seu sistema doutrinário, tanto pior para a ciência!” (ENRICO MORSELLI)
>
> “Não se opor ao erro é aprová-lo. Não defender a verdade é negá-la.” (S. TOMÁS AQUINO)

Nosso objetivo é fazer uma breve análise do livro ***Estudando o Invisível: William Crookes e a nova força***, produto da tese de mestrado de Juliana Mesquita Hidalgo Ferreira, cujo teor foi assim resumido:

> Esta pesquisa investigará o envolvimento do cientista inglês William Crookes, no final do século XIX, com fenômenos paranormais, no contexto científico, filosófico, cultural e religioso da época. ([2])

Inicialmente tomaremos como base a conclusão constante do seu Prólogo, intitulado “Um estudo histórico

de peso, sobre um tema polêmico” de autoria do orientador Roberto de Andrade Martins, professor da Unicamp, que se expressou deste modo:

> Um leitor desapaixonado aprenderá, pela leitura deste livro, que as pesquisas de Crookes não eram tão ridículas quanto os céticos costumam descrevê-las, nem tão rigorosas quanto os espiritualistas costumam pintá-las. ([3])

Esse meio termo, em que se posiciona o orientador de Juliana Hidalgo, é bem interessante, pois, ainda que não seja intencional, coloca, em primeiro plano, aos que são contrários à possibilidade da vida após a morte, diante da urgente necessidade de reverem seus conceitos sobre o assunto.

O prof. Roberto Martins alerta que:

> Espero que ninguém distorça o presente trabalho, utilizando-o como base para defender ou negar a existência dos fenômenos mediúnicos. Ele não foi escrito para isso, e não se presta a tal uso. ([4])

Não será o que aqui faremos. Nosso principal objetivo é uma breve análise crítica séria – ainda que nos julguem sem qualificação técnica para tal – a alguns pontos do trabalho acadêmico de Juliana Hidalgo,

graduada em Física, mestra em História da Ciência e doutora em Filosofia, que buscou estudar os fatos históricos.

Destacaremos partes desse livro para análise visando elucidar a questão específica das materializações, que a nosso ver, é, geralmente, negada por um destes três motivos, sem descartarmos prováveis combinações entre eles: preconceito, ignorância ou má-fé.

Oscar d'Argonnel (?-?) ([5]), autor de *Vozes do Além Pelo Telefone* (1925), tradutor de ***Fatos Espíritas***, argumenta o seguinte:

> Os fenômenos espíritas têm sido objeto de atenção dos sábios mais ilustres do mundo, tais como Crookes, Gully, Elliotson, Lodge, Challis, Morgan, Wallace, Varley, Lombroso, Zöellner, Carl du Prel, Charles Richet, Aksakof, Rochas e muitos outros.
>
> **Como vemos, são os mais distintos físicos, químicos, matemáticos, astrônomos, fisiologistas, criminalistas, etc., os homens que atestam a realidade dos fatos do Espiritismo.**
>
> E, a nosso ver, essa atestação é um golpe mortal vibrado na escola materialista. ([6])

Inicialmente, informamos que o grifo em negrito é nosso, o que acontecerá em todas as transcrições,

quando não for daremos notícia.

Sim, é fato que muitas pessoas de saber, dos mais variados seguimentos do conhecimento humano, pesquisaram os fenômenos espíritas, uma boa parte apenas buscava meios de provar que as materializações de Espíritos não eram fraudes ou alucinações, mas acabou se dobrando à realidade.

Não podemos deixar de mencionar um cômico episódio narrado na obra ***O Desconhecido e os Problemas Psíquicos***, de autoria do astrônomo francês Camille Flammarion (1842-1925), que analogamente pode ser aplicado aos fenômenos de efeitos físicos, especialmente os das materializações:

> Assistia eu, certo dia, a uma sessão da Academia das Ciências, dia esse de hilariante recordação, em que **o físico Du Moncel apresentou o fonógrafo de Édison à douta assembleia**. Feita a apresentação, pôs-se o aparelho docilmente a recitar a frase registrada em seu respectivo cilindro. Viu-se então um acadêmico de idade madura, de espírito penetrado, saturado mesmo das tradições de sua cultura clássica, nobremente revoltar-se contra a audácia do inovador, precipitar-se sobre o representante de Édison e agarrá-lo pelo pescoço, gritando: **“Miserável! nós não seremos ludibriados por um ventríloquo”.** Senhor Bouillaud, chamava-se este membro do instituto. Foi isso a 11 de março de 1878. Mais curioso, ainda, é que seis meses após,

> a 30 de setembro, em uma sessão análoga, sentiu-se ele muito satisfeito em declarar que, após maduro exame, não constatara no caso mais do que simples ventriloquia, mesmo porque, “não se pode admitir que um vil metal possa substituir o nobre aparelho da fonação humana”. **Segundo esse acadêmico, o fonógrafo não era mais do que uma *ilusão de acústica***. ([7]) (grifo itálico do original, negrito nosso)

Acreditamos que a grande maioria dos chamados “homens de ciência” ainda não tem como possível a materialização de Espíritos, bem o disse Flammarion: “A passos lentos avança a pesquisa da verdade, mas as paixões humanas e os cegos interesses dominadores permanecem inalteráveis”.

Em relação à Ciência dita “oficial”, transcrevemos a opinião de Manuel Domingos, presidente da Sociedade Portuguesa de Neuropsicologia, inserida em ***Relatos verídicos. Experiências de quase-morte***:

> […] Pessoalmente, **eu acho que a ciência é uma destruidora de conhecimento**. Pode ajudar nalgumas coisas, mas **na ciência há muito o vício de dizer que “isto está provado porque a ciência demonstrou”**. Só que a ciência demonstra hoje, para dizer amanhã que, afinal, não era assim. Ou seja, nada está cientificamente provado de forma absoluta e perene. Portanto, eu prefiro falar mais em conhecimento do que em ciência. […]. ([8])

Com isso demonstra-se que aqueles que se apoiam no surrado chavão “isto está provado porque a ciência demonstrou” estão redondamente enganados, são outros que também devem mudar de conceitos, obviamente, abrindo mão dos seus preconceitos já adquiridos.

Uma coisa temos como certa, é que não basta que os incrédulos vejam para que se convençam, isso, na maioria das vezes, não funciona. Bem disse Allan Kardec (1804-1869): “Se não se devesse crer senão naquilo que se viu com seus olhos, nossas convicções se reduziriam a bem pouca coisa.” (9)

Na obra ***O Que é o Espiritismo***, no cap. I, no tópico que leva esse título, no qual Kardec trata o assunto, destacamos este trecho:

> *V.* – O que os incrédulos desejam ver, pedem, e na maioria das vezes não se lhes fornece, são os fatos positivos. **Se todos testemunhassem esses fatos, a dúvida não mais seria permitida**. Como é que tanta gente, apesar de sua vontade, nada tem conseguido ver? Apresentam-lhes como motivo, dizem eles, a sua falta de fé; ao que respondem, e com razão: que não podem ter fé antecipada e que se lhes deve dar os meios para poderem crer.
>
> *A. K.* – É simples a razão. **Eles querem que os fatos obedeçam à sua ordem e a Espíritos não se pode dar ordens; é preciso esperar pela boa vontade deles**. Não basta dizer: Mostrai-me tal

fato e eu crerei; **é necessário ter-se a vontade de perseverar, deixar que os fatos se produzam espontaneamente, sem pretender forçá-los ou dirigi-los**; aquele que mais desejais será, talvez, precisamente o que não obtereis; virão, porém, outros, e o que quereis se apresentará, quando menos o esperardes.

Aos olhos do observador atento e assíduo surgem eles inumeráveis, corroborando-se uns aos outros; mas quem acreditar que basta tocar a manivela, para fazer que a máquina ande, engana-se redondamente. Que faz o naturalista quando quer estudar os hábitos de um animal? Manda-lo-á fazer tal ou qual coisa, para com vagar observá-lo à sua vontade? Não; porque bem sabe que o animal não lhe obedecerá; mas espreita as manifestações espontâneas do instinto do animal; espera-as e colhe-as na passagem. O simples bom-senso mostra que, com mais forte razão, deve proceder-se do mesmo modo com os Espíritos, que são inteligências muito mais independentes que as dos animais.

É erro crer que se exija fé antecipada de quem quer estudar; o que se exige é *boa-fé*, aliás coisa diversa; ora, há cépticos que negam até a evidência e aos quais os próprios prodígios não convenceriam.

Quantos deles, depois de haverem visto, não persistem ainda em explicar os fatos a seu modo, dizendo que o que viram nada prova? Essas pessoas só servem para trazer perturbação ao seio das reuniões, sem que elas mesmas lucrem coisa alguma; por isso, deixamo-las à margem, por não querermos com elas perder nosso tempo.

> Muitos até ficariam incomodados, se se vissem forçados a crer, por terem de ferir seu amor-próprio com a confissão de se haverem enganado.
>
> Que se pode responder a quem não vê por toda parte senão ilusão e charlatanismo? Nada; é melhor deixá-los tranquilos e dizerem tanto quanto quiserem, que nada viram, e, mesmo, que nada se pôde ou se quis mostrar-lhes. Ao lado desses cépticos endurecidos estão os que querem ver a seu modo, que, tendo formado uma opinião, pretendem por ela explicar tudo; estes não compreendem que os fenômenos se possam dar contrariamente ao seu desejo; não sabem ou não querem colocar-se nas condições precisas para obtê-los.
>
> Quem de boa-fé deseja observar, deve, não digo crer sob palavra, mas abandonar toda ideia preconcebida e não querer comparar coisas incompatíveis; cumpre-lhe aguardar, seguir, observar com paciência infatigável; esta condição é também favorável aos que se tornam adeptos, pois que ela prova não haverem formado levianamente a sua convicção. Disponde vós de tal paciência? Não, e direis: por falta de tempo. Então não vos ocupeis, não faleis mais nisso, pois ninguém a tal vos obriga. ([10])

Infelizmente, a experiência tem nos demonstrado que há pessoas que jamais mudam de opinião, são orgulhosas demais para, de bom grado, aceitar que estejam erradas em alguma coisa. O presente estudo, não tem por objetivo alcançar este tipo de gente.

Em ***O Alcance do Espírito***, o autor Joseph Banks Rhine (1895-1980), mais conhecido como J. B. Rhine, considerado o pai da Parapsicologia, afirma categórico que:

> Todavia, **“a ciência não conhece impossíveis” e a teoria tem de conformar-se sempre à evidência.** Estes dois princípios são fundamentais para a investigação científica. Sem recorrer-se a eles constantemente, a ciência torna-se dogma. **Quando a evidência se torna suficientemente forte para qualquer fenômeno, impõe-se a mudança de estrutura do conhecimento e da teoria para incluir a nova descoberta. Não importa pareça logicamente improvável, contrário ao conhecimento anterior ou desagradável, o fato uma vez demonstrado não pode ser posto de lado ou negado pelo cientista**. Se, portanto, for possível demonstrar a existência do conhecimento antecipado, a ciência terá de encontrar um lugar nos limites do universo para esse novo conhecimento. ([11])

Essa fala de Rhine é bem um alerta aos cientistas materialistas que se recusam a admitir que haja no homem algo além da matéria.

A esposa de Rhine, Louisa Ella Rhine (1891-1983), designada de “primeira-dama da parapsicologia”, em ***Canais Ocultos do Espírito***, no capítulo “Comunicações do Além?”, é da opinião de que:

> […] É razoável supor que, se existam personalidades desencarnadas capazes de influir sobre os vivos e com eles manter comunicação, assim o farão com certo grau de frequência. **É possível que a prova esteja à mão, sendo necessário tão só abrir os olhos para vê-l**a. ([12])

Pena que muitos cientistas ainda não tiveram a coragem de abrir os seus olhos...

Vamos, na sequência, verificar se podemos denominar essas pesquisas realizadas dos fenômenos espíritas de pesquisa científica.

O ectoplasma, a base dos fenômenos de efeitos físicos

> “O que é evidente, para nós, pode não ser para vós outros; cada qual julga as coisas debaixo de certo ponto de vista, e do fato mais positivo nem todos tiram as mesmas consequências.” (ALLAN KARDEC)

É imprescindível que, antes de fazer qualquer consideração sobre a obra da Juliana Hidalgo, falemos do fluido denominado ectoplasma, que todo estudioso sabe ser utilizado em todos os fenômenos de materializações. E, com relação a isso, acreditamos que o trabalho acadêmico dela, infelizmente, ficou incompleto, pois sequer uma linha foi escrita a respeito dele.

É bem óbvio, pelo menos para nós, que sem se ter algumas informações sobre o ectoplasma, a pessoa fica como que descrevendo o funcionamento de um motor automotivo sem ter a mínima noção daquilo que o faz mover-se que é, sem dúvida, o combustível tecnicamente especificado e sua reação química.

Esse fluido, agente promotor dos fenômenos de efeitos físicos, foi identificado por Charles Richet (1850-

1935), prêmio Nobel de Fisiologia e Medicina em 1913 e criador da Metapsíquica, ciência que estudava os fenômenos psíquicos e que foi "substituída" pela Parapsicologia, que o denominou de ectoplasma, nos informa o pesquisador Hernani Guimarães Andrade (1914-2003), em sua obra ***Espírito, Perispírito e Alma***:

> **A palavra "ectoplasma" resulta da combinação de dois vocábulos gregos: *ektos* = fora, exterior; *plásma* = dar uma forma**. Em Biologia, significa a parte periférica do citoplasma. Em Metapsíquica e em Parapsicologia, **o termo "ectoplasma" foi pela primeira vez sugerido por Charles Richet, que, referindo-se aos fenômenos de efeitos físicos provocados pela médium Eusápia Paladino**, mencionou as protuberâncias ectoplásmicas com os quais Eusápia atuava sobre alguns objetos pesados, movimentando-os: *"São as formações difusas que eu chamo de ectoplasmas; porque elas parecem sair do próprio corpo de Eusápia"* (RICHET, Charles – *Traité de Metapsychique*, Paris: Félix Alcan, 1923, p. 611). ([13])

Um pouco mais a frente, Hernani Andrade dá uma descrição mais pormenorizada do ectoplasma, que reportaremos, pois, sem uma especificação mais detalhada, poderá o leitor não entender do que se trata.

> **O ectoplasma é uma substância ainda pouco**

conhecida quanto à sua natureza íntima, embora tenha sido muito observado e estudado em fins do Século XIX e começos do Século XX, na época que denominaríamos de fase Metapsíquica. Hoje são raros ou pouco conhecidos os poderosos "médiuns de efeitos físicos" de outrora, que produziram as célebres materializações de "Katie King" (Florence Cook), de "Bien-Boa" (Marthe Béraud), de "Joey Sandy" e "Ernest" (William Eglinton), de "Yolanda" (Mm. Elizabeht d'Espérance), de "Giusepp Parini" e "Petrucelli" (Carmine Mirabelli), e inúmeros outros.

[…].

O ectoplasma assume aspectos extremamente variados, desde uma forma tão rarefeita que o mantém invisível – porém registrável por outros métodos – **até o estado sólido e organizado em estruturas complexas,** tais como os "espíritos materializados" (agêneres ectoplásmicos). Entre estes dois extremos ele pode passar por estados diversos: gasoso, plasmático, floculoso, amorfo, leitoso, filamento, líquido, etc.

De um modo geral, **quando em estado não organizado, o ectoplasma é sensível à ação da luz comum,** porém pode suportar bem as radiações pouco energéticas do espectro da luz visível, aos níveis do vermelho e infravermelho. **Schrenck-Notzing observou que os médiuns, durante a produção de ectoplasma, mostravam-se também sensíveis à luz**. Alguns suportam a luz branca bem atenuada. […].

Como estávamos descrevendo inicialmente, há pessoas dotadas da singular faculdade de produzir

> profusamente o ectoplasma. A região da emissão varia, mas, na maioria dos casos, o ectoplasma é liberado através dos principais orifícios do corpo do médium: boca, nariz, ouvidos, etc., bem como os poros da pele.
>
> […].
>
> A sensação táctil varia também conforme o estado da substância ectoplásmica: de teia de aranha, quando filamentosa; untuosa, viscosa, úmida, fria e reptiliana, lembrando tecidos orgânicos desossados. Em estado estruturado, a sensação corresponde à forma do objeto materializado.
>
> […].
>
> Finalmente, com a mesma facilidade com que é emitido, o ectoplasma pode reverter ao organismo do médium, sendo por este reabsorvido. ([14])

Em ***História do Espiritismo***, encontramos a seguinte explicação de Arthur Conan Doyle (1859-1930), que julgamos bem interessante, razão pela qual a citaremos:

> **A primeira investigação sistemática e prolongada do ectoplasma foi empreendida por uma senhora francesa, Madame Bisson,** viúva de Adolphe Bisson, conhecido homem público. É possível que Madame Bisson venha a ocupar um lugar ao lado de sua compatriota Madame Curie nos anais da ciência. Madame Bisson adquiriu considerável influência sobre Eva que, após as

experiências de Argel, tinha sido vítima das costumeiras perseguições. Tomou-a aos seus cuidados e proveu-a de tudo. Então começou uma série de experiências que duraram cinco anos e que produziram resultados tão sólidos que no futuro, não uma ciência, mas várias, marcarão daí a sua origem. Nessas experiências associou-se com o **Doutor Schrenck-Notzing, um cientista alemão de Munique, cujo nome também será imperecível, no que se relaciona com a original investigação do ectoplasma**. Seus estudos se realizaram entre 1908 e 1913 e se acham registrados em seu livro “Os Chamados Fenômenos de Materialização” e em “Fenômenos de Materialização”, de Schrenck-Notzing, ambos em francês, e este último vertido para o inglês.

Seu método consistia em fazer Eva C. mudar toda a roupa, sob controle, e vestir uma espécie de camisola sem botões, e fechada pelas costas. Apenas as mãos e os pés ficavam livres. Assim era levada para a sala de experiências, onde não entrava senão nessa ocasião. Numa das extremidades da sala havia um recanto fechado por cortinas, por detrás, pelos lados e por cima, mas aberto pela frente. Isto era chamado a cabine e a sua finalidade era concentrar os vapores de ectoplasma.

Descrevendo os seus resultados conjugados, diz o cientista alemão: *“Muitas vezes fomos capazes de verificar que, por um processo biológico desconhecido, vem do corpo da médium um material, a princípio semifluido, que possui algumas das propriedades da substância viva, principalmente a do poder de transformação, de*

movimento e de aquisição de formas definidas". E acrescenta: *"Poderia duvidar-se da verdade desses fatos, se os mesmos não tivessem sido verificados centenas de vezes no curso de laboriosos ensaios sob variadas e estritas condições"*. Poderia haver, no que diz respeito a essa substância, mais completa vingança para os Espíritas que, durante duas gerações suportaram o ridículo do mundo? Schrenck-Notzing termina o seu digno prefácio exortando os seus companheiros de trabalho a tomarem coragem. *"Não permitais o desencorajamento nos vossos esforços para abrir um novo domínio à ciência, nem pelos ataques malucos, nem pelas calúnias covardes, nem pela falsificação dos fatos, nem pela violência dos malévolos ou por qualquer espécie de intimidação. Avançai sempre pelo caminho que abristes, tendo em mente aquelas palavras de Faraday: 'Nada é demasiado maravilhoso para ser verdadeiro'."*

Os resultados estão entre os mais notáveis de todas as investigações de que temos notícia. **Foi verificado por numerosas testemunhas competentes e confirmado por fotógrafos que da boca, dos ouvidos, do nariz, dos olhos e da pele dos médiuns fluía esse extraordinário material gelatinoso**. As figuras são estranhas e repulsivas; mas muitos dos processos da Natureza assim se apresentam aos nossos olhos. **A gente pode ver essa coisa como filamentos viscosos, como água de súbito congelada, pendente do queixo, caindo pelo corpo, formando um avental branco ou se projetando sem forma pelos orifícios da face**. Quando tocada, ou **quando uma luz inadequada a atinge, ela se**

> **recolhe tão rapidamente** e tão maravilhosamente quanto os tentáculos de um polvo invisível. Se agarrada e apertada, o médium gritará. Ela sai pelas roupas e some-se de novo, quase sem deixar traços. Com o consentimento do médium foi cortada uma pequena porção. Dissolveu-se na caixa em que foi colocada, como se fosse neve, deixando umidade e algumas células que poderiam provir de um fungo. O microscópio demonstrou células epiteliais da membrana mucosa, das quais a coisa parecia originar-se. ([15])

É conveniente que se coloque o que disse Charles Richet (1850-1935), a respeito do ectoplasma nas fases de formação de uma materialização, inserida em ***A Grande Esperança***:

> **O ectoplasma, isto é, a projeção de uma força para além do corpo do médium**, tem, pois, uma **primeira fase** de invisibilidade, uma **segunda fase**, durante a qual ele aparece como um vapor ou um fio fluídico que é quando começa a ser visível, uma **terceira fase** durante na qual ele é tangível, visível, algumas vezes claramente, mas a maior parte das vezes informe. Veremos, num capítulo ulterior, que essa forma pode tomar as aparências e quase a realidade de um ser vivo (**quarta fase**). ([16])

Algum tempo atrás, calculamos pelos idos de 1990, por gentileza de alguns amigos do Grupo Fraterno Irmão Eustáquio, tradicional instituição espírita sediada no

bairro Prado, em Belo Horizonte (MG), tivemos oportunidade de vê-lo saindo do corpo de uma médium, no caso, de sua boca, numa reunião de materialização dedicada a cura, que se realizava na Instituição.

Na forma em que o vimos ser expelido da médium, ele tinha a aparência de “espuma de barbear”, totalmente branco e com uma certa luminosidade que o tornava visível na quase completa escuridão.

A imagem (Fig. 1) pode ajudar, a você leitor, ter uma perfeita ideia dessa substância:

Fig. 1: Ecotplasma condensando-se após sair dos ouvidos e da boca da médium.
Médium: Otília Diogo - Foto: Nedyr Mendes da Rocha

A parte branca nas fotos, à altura do pescoço da médium, cobrindo-o, é a substância conhecida como ectoplasma, que, segundo os experimentos realizados, se exterioriza pelos orifícios naturais do ser humano.

No presente caso, ele está saindo dos ouvidos e da boca da médium, cuja faculdade mediúnica é

denominada de “efeitos físicos”, razão pela qual a classificaríamos como médium de efeitos físicos, para se usar de um linguajar técnico.

Figura 2: Estas fotografias mostram o ectoplasma surgindo do nariz e orelha das médiuns.

Aqui, na Fig. 2, temos o ectoplasma se exteriorizando de cada uma das médiuns; em uma pelo nariz, na outra pela orelha.

Zalmino Zimmermann (1931-2015), em sua obra ***Perispírito***, nos oferece mais informações:

> **O ectoplasma emana através de todos os poros do médium, especialmente, da boca, das narinas, dos ouvidos, do tórax e das extremidades (alto da cabeça, seios, pontas dos dedos)**, sendo reabsorvido ou dispersado ao final do processo. Habitualmente, as primeiras emanações acontecem pela boca, sendo possível verificar que se forma a partir da superfície interna das bochechas, das gengivas e da abóboda

> palatina. **Durante a produção do fenômeno, o recinto onde permanece o médium sói ficar na obscuridade**; fora, emprega-se, geralmente, a luz vermelha. Assume as mais diversas formas, mostrando sua irresistível tendência à reorganização. ([17])

Apesar de Richet ter provado a sua existência, inclusive, vários outros pesquisadores também nos dão notícias dele ([18]), ainda hoje é um ilustre desconhecido no meio científico, quiçá em alguns círculos espíritas.

É veementemente negado por céticos e dogmáticos, que, à maneira dos críticos de Galileu, apenas acreditam naquilo que podem ver com os próprios olhos, como se eles fossem as únicas autoridades para dar opinião sobre o assunto, que, na maioria dos casos, nem mesmo conhecem.

Coberto de razão, Kardec bem o disse... “Não resta aos incrédulos senão um recurso, o de negarem; é mais fácil e isso dispensa raciocinar.” ([19])

José Herculano Pires (1914-1979), jornalista, filósofo e estudioso da Codificação Espírita, em ***Relação Espírito-corpo***, informa que:

> […] **Exames histológicos de porções de ectoplasma** colhidas nas experiências e realizadas em laboratórios de Berlim e Viena, **revelaram a presença de grande quantidade de células**

> **orgânicas no material. Isso mostra a estreita relação existente entre a estrutura carnal do homem e seus elementos plásmico**s. Foram assim decifrados os mistérios da produção mediúnica dos fenômenos paranormais. ([20])
>
> […] Logo mais, a médium se move, geme, seu corpo se contrai, **a massa ectoplásmica volta lentamente ao corpo de Marta, que a absorve lentamente**. Depois, Richet socorre a médium, procura despertá-la e ela acorda estremunhando. O ambiente da pequena sala está impregnado de vibrações sutis. Ali, naquele pequeno cômodo – sem nenhum cerimonial de evocação, sem rituais nem preparação mágica, à meia luz que preserva apenas a delicadeza do fenômeno, como as forças genésicas são preservadas na câmara escura do ventre materno – um ser espiritual se tornara material e acessível ao exame fisiológico do mais graduado fisiologista do século. […]. ([21])

Portanto, como já o dissemos, o ectoplasma é uma substância expelida do corpo do médium, que, após o término da manifestação, retorna à sua origem.

Em ***Um Caso de Desmaterialização***, de Alexandre Aksakof (1832-1903), lemos a seguinte explicação:

> […] Nos primeiros dias, Katie, não suportando essa luz mais de alguns segundos, aparecia somente na abertura da cortina, e desaparecia logo, a fim de colher novas forças no fluido da

> médium e no dos assistentes, pois **os Espíritos dizem que o corpo fluídico que lhes serve para se tornarem visíveis e lhes permite fazerem-se ouvir é composto quimicamente, à custa do fluido da médium e das pessoas que podem dar-lhe assistência**, fluidos esses que eles condensam e com os quais se materializam. […]. ([22])

Esse “fluido da médium”, referenciado nada mais é que o ectoplasma. A novidade é que ele também é retirado dos assistentes que participam da reunião, mesmo que não tenham conhecimento disso e voluntariamente contribuam para doá-lo, visando a produção da materialização.

Em ***História do Espiritismo***, encontramos a opinião William Jackson Crawford (1880-1920), foi professor de Engenharia Mecânica da Universidade Queen's de Belfast, na Irlanda, relatada por Doyle da seguinte forma:

> Crawford deu grande importância à correspondência entre o peso do ectoplasma emitido e a perda de peso do médium. Suas experiências parecem mostrar que todos são médiuns; que cada um perde peso numa sessão de materialização, e que o médium principal apenas difere dos outros pela circunstância de poder desprender muito maior quantidade de ectoplasma. ([23])

Portanto, a experiência empreendida por Crawford prova que os assistentes, de alguma sorte, também contribuem no processo do fenômeno de materialização.

Em relação ao ectoplasma há pontos importantes que devemos destacar, porquanto é por conta deles que sempre se fazem questionamentos quanto a realidade dos fenômenos de materialização: 1º) sua sensibilidade à luz; 2º) as condições atmosféricas lhe são desfavoráveis; 3º) reage ao olhar e pensamentos dos participantes – médium e assistentes; 4º) em determinada situação, a formação ectoplásmica tem uma certa semelhança com a aparência física do médium.

O escritor britânico Alan Gauld, psicólogo, parapsicólogo e professor na Universidade de Nottinghan, foi presidente da Sociedade de Pesquisas Psíquicas, no período de 1889 a 1992, em ***Mediunidade e Sobrevivência***, informa:

> […] **É claro que muitos desses fenômenos exigiam escuridão parcial ou total para serem produzidos** (as delicadas estruturas ectoplásmicas, dizia-se, eram sensíveis à luz, especialmente às ondas curtas do azul), **fato que levou os céticos a sugerir que a escuridão era meramente a cobertura para uma fraude**. Esta sugestão foi reforçada especialmente a partir da década de 1870, por uma série de desagradáveis desmascaramentos. ([24])

Logo no início de suas pesquisas, Kardec observou que a obscuridade era necessária à produção de alguns fenômenos mediúnicos de efeitos físicos, em ***O Que é o Espiritismo***, ***Revista Espírita 1865*** e ***Revista Espírita 1868***, respectivamente, explicou o porquê:

> **A obscuridade necessária à produção de certos efeitos *físicos*, presta-se, sem dúvida, à suspeita, mas nada prova contra a realidade deles.**
>
> Sabemos que em Química algumas combinações não podem ser operadas à luz; que muitas composições e decomposições se produzem sob a ação do fluido luminoso; ora, todos os fenômenos espíritas são resultantes de uma combinação dos fluidos próprios do Espírito com os do médium; desde que esses fluidos são matéria, não admira que, em certas circunstâncias, essa combinação seja contrariada pela presença da luz. ([25])

> Para retornar à **questão da obscuridade**, sabe-se que em química há combinações que não podem se operar à luz; que composições e decomposições têm lugar sob a ação do fluido luminoso; ora, todos os fenômenos espíritas, como dissemos, sendo resultado de combinações fluídicas, e esses **fluidos sendo da matéria, não haveria nada de espantar em que, em certos casos, o fluido luminoso fosse contrário a essa combinação**. ([26])

> O homem não é *mais ele,* e notai: não é mais

> ele senão quando a noite vem. Seria preciso encontrarem explicações muito longas para vos fazer compreender a causa dessa singularidade; mas, em duas palavras: **a mistura de certos fluidos, como em química o ou de certos gases, não pode suportar o brilho da luz. Eis porque certos fenômenos espontâneos ocorrem mais frequentemente à noite do que de dia.** ([27])

Portanto, o problema da luz, para a produção de certos fenômenos espíritas de efeitos físicos, não passou desapercebido a Kardec.

Esse fato também foi constatado por vários pesquisadores e estudiosos, citaremos, por exemplo, Robert Dale Owen (1801-1877), que pesquisou a médium Kate Fox (1837-1892), nos anos de 1860 e 1861, em ***Região em litígio entre este mundo e o outro***, diz ele:

> Em relação à precedente experiência, cumpre notar que a sala em que teve lugar foi escolhida por mim, quando era outra a proposta; que esperava uma espécie de manifestação e veio-nos cousa diferente. **A principal objeção que os céticos poderão apresentar, será a de estar a sala às escuras**; mas, num exemplo anteriormente citado, **já ficou patente que nos fenômenos espirituais de caráter violento, a luz só consegue fazê-los suspender**, mas nunca descobri suas causas. Contudo, preciso não ficar nisso. É mui raramente e em circunstâncias mui favoráveis, que podemos obter a escritura direta à

plena luz. Contudo, obtive-a algumas vezes; […]. ([28])

Podemos ainda citar Arthur Conan Doyle, que, em ***História do Espiritismo***, assim aborda a questão:

> Há outras propriedades das projeções ectoplásmicas que deveriam ser notadas. **Não só a luz lhes é destrutiva, a menos que sejam gradativamente alimentadas e especialmente preparadas com antecedência pelos guias, mas o efeito de um súbito jato de luz faz a substância recuar para o médium, com a força de um elástico**. Isto não é absolutamente uma alegação falsa, visando proteger o médium contra uma surpresa: é um fato certo, que tem sido verificado por muitos observadores. Qualquer esperteza com ectoplasma, a menos que se tenha certeza de que haja fraude na sua produção, deve ser evitada, e **agarrar à força uma trombeta ou qualquer outro objeto sustentado pelas alavancas ectoplásmicas é quase tão perigoso quanto a sua exposição à luz**. O autor se lembra de um caso onde um assistente ignorante arrancou a trombeta, que flutuava no ar, a sua frente, dentro do círculo. Fê-lo em silêncio; ninguém sofreu com isto senão o médium, que se queixou de dores e prostrou-se durante alguns dias. Outro médium sentiu uma irritação superficial, do peito ao ombro, causada pela retração da faixa ectoplásmica, quando um pretenso investigador acendeu uma lanterna elétrica. Quando o ectoplasma se retrai sobre uma superfície mucosa, pode determinar uma forte hemorragia, como tem notícia o autor de

> numerosos casos semelhantes. Num deles, o de Susanna Harris, em Melbourne, **a médium ficou de cama uma semana depois de tal experiência**. ([29])

Tendo em vista o objeto desse estudo, não podemos deixar de citar o próprio William Crookes (1832-1919), que, em ***Fatos Espíritas***, pondera da seguinte forma:

> Primeiro que tudo devo retificar um ou dois erros que se acham implantados profundamente no espírito público. **Um, o de ser a escuridão essencial à produção dos fenômenos. Isso não é exato. Exceto alguns casos nos quais a escuridão tem sido uma condição indispensável**, como, por exemplo, nos fenômenos de aparições luminosas e em alguns outros, tudo o que narro produziu-se à luz.
>
> […].
>
> Eu disse que a escuridão não é essencial. Entretanto, **é fato bem conhecido que, quando a força é fraca, a luz muito viva exerce uma ação que contraria alguns fenômenos**. ([30])

Pelo que deduzimos, quando Crookes falou isso, suas pesquisas concentravam-se no médium Daniel Dunglas Home (1833-1886), ainda não havia iniciado as experiências de materializações com a médium Florence Cook (1856-1904). Encontramos uma explicação, que

julgamos se referir a ela:

> **Pois que a escuridão é, ao que parece, bastante favorável à manifestação**, era preciso deixar a escuridão aos fenômenos e manter a luz para nós e para a médium. Para isso, eis como procedemos na sessão de 6 de outubro: uma parte de um quarto foi separada da outra por uma cortina, **para que ela ficasse na escuridão, e a médium foi colocada sentada em uma cadeira diante da abertura da cortina**, com as costas para a parte escura: os braços, mãos, rosto e pés na parte clara do quarto. ([31])

Também Charles Richet se viu à frente do problema, conforme o confrade José Raul Teixeira, em ***Desafios da Mediunidade***, explica:

> Os notáveis pesquisadores do século XIX, William Crookes, na Inglaterra, e **Charles Robert Richet**, na França, no bojo dos seus trabalhos, descobriram, cada um por seu turno, que **a substância emanada pelos médiuns de efeitos físicos, em estado de transe, é sensível à luz branca intensa que lhe alteraria as propriedades, provocando uma "queima" dessa mesma substância**, chamada de *ectoplasma* por Richet. A partir disso, esses mesmos investigadores trataram de diminuir a intensidade luminosa à qual expunham os sensitivos e, conseguintemente, as substâncias que liberavam através dos seus orifícios naturais. ([32])

Na obra ***No limiar do etéreo, ou, Sobrevivência à morte cientificamente explicada***, o autor J. Arthur Findlay (1883-1964), um dos fundadores e vice-presidente da Sociedade Glasgow de Pesquisas Psíquicas, que assumiu papel de liderança na Igreja em inquéritos sobre os fenômenos psíquicos da Escócia, em 1923, e foi presidente da revista britânica *Psychic News*, dá sua opinião sobre a luminosidade para as experiências de "efeitos físicos":

> No caso da "voz direta", a qual passo a me referir, **os melhores resultados se obtêm na escuridão, porque as vibrações da luz dificultam a formação do ectoplasma com suficiente solidez para fazer vibrar a atmosfera. Daí vem que, conquanto eu tenha ouvido vozes à luz do dia, elas são mais fortes e se desenvolvem melhor na obscuridade ou à luz vermelha, que carece de ação destrutiva peculiar à luz branca**. São também essenciais a calma e harmonia; e **as condições atmosféricas igualmente influem, às vezes, nos resultados**. […]. ([33])
>
> […] Para obtê-las, **é indispensável a obscuridade completa, ou uma luz vermelha muito fraca, porquanto os raios da luz branca inutilizam e desintegram as forças e substâncias delicadíssimas com que eles operam**. Os melhores resultados se conseguem em noites claras e com a atmosfera isenta de

> umidade. Para que as condições sejam as mais propícias a permitir que as falas se produzam excelentemente, **é preciso, além do que já ficou dito, que os assistentes gozem de boa saúde e sejam entre si harmônicos**. ([34])

Vê-se que Findlay constatou que até mesmo a harmonia entre os assistentes influi, positiva ou negativamente, na ocorrência do fenômeno de materialização. No fundo disso, pode-se perceber a influência dos pensamentos.

Herculano Pires, por ter sido um destacado estudioso do Espiritismo, não se pode deixar de mencioná-lo; de sua obra ***Os 3 caminhos do Hécate***, cap. Fenômenos de Materialização, transcrevemos:

> **No tocante ao problema da luz, devemos acentuar que a escuridão não é condição obrigatória**. As sessões de Crookes, por exemplo, as mais importantes realizadas na Europa no século passado, foram quase todas com luz. Atualmente, nos Estados Unidos, segundo relatos da sra. Marshall, para a “Revista Internacional do Espiritismo”, numerosas experiências foram realizadas, com pleno êxito, à luz do dia. No Brasil também há casos de materialização nessas condições.
>
> Em geral, **os médiuns sensíveis à luz precisam submeter-se a uma espécie de treinamento, para suportá-la**. Em muitos casos, a

> luz afeta as formações ectoplásmicas, prejudicando o médium, mas há o recurso de conservar-se o médium num gabinete escuro, do qual saem as formas materializadas para uma sala com luz tênue. De qualquer maneira, **o problema da luz não justifica as acusações de fraude, pois sabemos que muitos fenômenos químicos e biológicos somente se realizam no escuro**. As materializações envolvem melindrosos e ainda não esclarecidos problemas nesses dois campos da ciência. ([35])

Gustave Geley (1865-1924), em ***Resumo da Doutrina Espírita***, faz as seguintes considerações sobre a luz:

> A coisa mais frequente numa sessão de ectoplasmia é um experimentador inadvertido **tirar bruscamente uma lâmpada elétrica do bolso e projetar a luz sobre o médium**.
>
> **Que sucede, neste caso? O médium desperta, arrancado brutalmente do seu transe**. Se houvesse ectoplasma, isto é, substância exteriorizada do organismo do médium, seria absorvida bruscamente e sem transição.
>
> **Esta reintegração brusca é sempre acompanhada de grande abalo nervoso, doloroso e esgotante.**
>
> Qualquer incidente dessa ordem fatiga infinitamente o médium e muitas vezes chega a suprimir-lhe as faculdades, durante meses.

> **Note-se que o choque doloroso é função, não da intensidade da luz projetada, mas *da sua duração*. Um relâmpago forte de *magnésio* que apenas dura uma fração de segundo, abala muito menos o médium do que a projeção duma lâmpada de algibeira, destinada a observar o passivo**. Eis o que é preciso saber! Os experimentadores novatos ignoram-no completamente. Com mais forte razão, as explorações brutais, o ato de agarrar formas materializadas, etc., repercutem no sistema nervoso do médium, dando a impressão de golpes ou pancadas, extremamente dolorosos.
>
> Se o médium, com razão ou sem ela, tem medo destas coisas ou de outras semelhantes, adormece mal ou não adormece. O transe é incompleto ou nulo e a sessão é defeituosa. ([36])

Esclarecido o primeiro fator, vejamos a questão das condições atmosféricas na obra ***Religião em Litígio entre este mundo e o outro***, de Robert Dale Owen:

> O que estava sobre a mesa continha uma escrita feita à tinta, ao passo que a dos três papéis que se viam no chão era a lápis; contendo cada um duas ou três linhas. O primeiro dizia: “**A noite de hoje não favorece a aparição. Vencerei as dificuldades**. Vós me vereis. Acreditai-me”.
>
> Esse escrito, apenas legível, era feito evidentemente com uma pena má, que arranhava e feria o papel, como era fácil de notar-se. Em uma das outras folhas estava escrito a lápis: “Não

desanimeis. Vós me vereis face a face.” Em outra havia uma alusão **ao estado da atmosfera, então desfavorável a qualquer aparição de forma corporal. Com efeito, a noite estava tenebrosa e a chuva caía; o que, como tive muitas vezes ocasiões de verificar, não favorece as experiências espíritas**. ([37])

Eu e a senhorita Fox, cujas mãos conservava presas durante todo esse tempo, nos assentamos uma vez, cerca de dez pés da parede da sala, com as faces voltadas para ela. A luz moveu-se em direção a um ponto situado a regular distância de nós e da parede; **as crepitações elétricas aumentaram**; a parede foi aclarada e apresentou-se uma figura completa de mulher cobrindo aquele ponto da sala, e trazendo aparentemente uma luz em uma das mãos. A forma conservou-se visível por mais de meia hora, distinguindo-se perfeitamente cada um dos seus movimentos. Depois, veio-nos a seguinte mensagem: “Ides ver-me erguida do solo”. Imediatamente, com todo o seu brilho, a figura subiu até o teto; aí ficou suspensa por alguns minutos e depois, descendo serenamente, desapareceu.

Em seguida, manifestou-se entre nós e um espelho. O reflexo da figura no espelho era distintamente visível, sendo tão brilhante que se viam os veios da mesa de mármore, sobre a qual estava o espelho. Nessa ocasião caiu um forte aguaceiro, e, pelos golpezinhos **nos disseram: “A atmosfera mudou. Não posso conservar a forma”; e logo a luz e a figura desapareceram**. ([38])

Comprova-se, portanto, a sensibilidade do ectoplasma às condições atmosféricas nas sessões de materialização.

Examinemos, agora, o terceiro deles que é o da influência dos pensamentos dos presentes na reunião em que os Espíritos se materializam.

Em ***Metapsíquica Humana***, o autor Ernesto Bozzano (1862-1943), informa-nos sobre uma recomendação quando de um fenômeno de materialização, que tanto ocorreu nas sessões com Livermore, como nas com o Rev. William Stainton Moses (1839–1892):

> […] nas sessões de Livermore, como nas com Eusápia Paladino, quando os fenômenos de certa importância se aprestavam ou estavam em vias de realização, **as personalidades medianímicas exortavam a que se não fixasse demasiado a vista sobre os mesmos, isto devido ao poder desintegrante que o olhar humano e a atenção concentrada exercem sobre as forças exteriorizadas**. ([39])

A recomendação de não olhar com demasiada insistência, faz sentido, pois é o pensamento de curiosidade que move essa ação. Acreditamos que isso se não se aplicar a todos os fenômenos de materialização, no mínimo, ocorrerá em grande parte deles.

Em ***Animismo e Espiritismo***, há uma correspondência de William Oxley (1823-1905), datada de 17 de maio de 1886, lemos o seguinte trecho:

> O que é mais curioso é o próprio tamanho da mão. A aparição que reconheci ser a mesma invariavelmente "Lili", variava de tamanho: umas vezes a sua estatura não excedia a de uma menina bem desenvolvida; outras vezes apresentava as dimensões de uma senhora; até acredito que ela não apareceu duas vezes de maneira absolutamente idêntica, mas eu a reconhecia sempre e não a confundia nunca com as outras aparições. **Eu sabia, por experiência, que a estatura e a aparência exterior das figuras materializadas são submetidas a condições dependentes das pessoas que fazem parte das sessões**. Por exemplo, **se uma pessoa estranha estava presente, eu notava certa diferença nas manifestações**. Algumas vezes as figuras não se formavam completamente: não se distinguia mais do que a cabeça e o busto; outras vezes se mostravam de pé, segundo as condições. ([40])

O interessante é que Oxley, que pesquisou a médium inglesa Elisabeth d'Espérance (1849-1918), constatou que a simples presença de uma pessoa estranha ao grupo já provocava alterações no resultado das materializações.

A médium d'Espérance, em ***No País das Sombras***, aborda essa questão:

> Como os fatos se produziam é o que não podíamos compreender. **Sabíamos que a presença de certas pessoas os favorecia, ao passo que a de outras os contrariava**, assim como **as temperaturas extremas ou as tempestades**, por exemplo, que inutilizavam os resultados; além dessas regras elementares, porém, julgo que não estávamos de posse de nenhum conhecimento positivo. Andávamos tateando, e os êxitos que conseguimos foram, sem dúvida, devidos antes a uma série de circunstâncias favoráveis, do que ao nosso conhecimento científico da questão. ([41])

Aksakof, por sua vez, em ***Um Caso de Desmaterialização***, quanto trata da "História das aparições de Katie King", reforça essa ideia ao dizer:

> Os grupos espíritas que obtêm melhores resultados são aqueles em que os assistentes, uma vez escolhidos, conservam-se sempre os mesmos. **Cada adição ou falta de um membro torna necessário um novo trabalho para os Espíritos, e, em consequência, os resultados serão tanto mais retardados**. ([42])

Owen, em ***Região em Litígio entre este mundo e o outro***, esclarece que:

> Todos os que têm experiência das investigações espíritas, conhecem bem que a **admissão de novo assistente a um grupo diminui, por algum**

> **tempo o seu poder, demorando e enfraquecendo os fenômenos**. Às vezes, isso anula para sempre a sua produção; outras vezes, porém, depois de algumas sessões, o novo hóspede parece gradualmente ir entrando nas condições magnéticas do círculo, e os fenômenos readquirem vigor. ([43])

Em ***Espírito, Perispírito e Alma***, Hernani Andrade, explica que:

> Porém, **a característica mais notável do ectoplasma é o fato de parecer que ele é dócil ao comando mental do médium e talvez dos espíritos e pessoas estranhas àquele que o produz**. Nestas condições, vemo-lo assumir as formas mais variadas e exercer inúmeras ações sob a influência do pensamento. Ao mesmo tempo, mostra-se altamente suscetível à ação dos campos organizadores biológicos, tomando as formas e características de um ser vivo completo (agênere ectoplásmico) ou de peças anatômicas parciais, mas com aspecto de objetos com vida, conforme já assinalamos. ([44])

Em relação aos pensamentos, será de bom-tom trazermos uma explicação de Kardec, constante de ***A Gênese***, que não temos dúvida alguma de que também se aplica às reuniões de materializações.

> Ocorre da mesma maneira nas reuniões dos

encarnados. **Uma reunião é um ambiente onde irradiam pensamentos diversos**. O pensamento atua sobre os fluidos como o som sobre o ar. Esses fluidos nos trazem os pensamentos, como o ar nos traz o som. Pode-se dizer, portanto, que **há nesses fluidos ondas e raios de pensamentos que se cruzam**, sem se misturar, como no ar há ondas e raios sonoros.

Uma reunião é como uma orquestra, um coro de pensamentos onde cada integrante emite sua nota. Disso resulta uma multiplicidade de correntes e de eflúvios fluídicos, onde cada um recebe a impressão pelo sentido espiritual, como em um coro de música todos recebem a impressão sonora pelo sentido da audição.

Entretanto, do mesmo modo que existem emissões sonoras harmônicas ou dissonantes, **há também pensamentos harmônicos ou discordantes.** Se o conjunto for harmônico, a impressão será agradável; se for dissonante, ela é penosa. Ora, por isso, **não é necessário que o pensamento seja formulado em palavras, porque as irradiações fluídicas sempre existem, quer sejam expressas, quer não**. Mas basta que alguns pensamentos maus se misturem aí para produzir o efeito de uma corrente de ar gelado, em um meio tépido.

Essa é a causa do sentimento de satisfação que se experimenta em uma reunião simpática, animada de bons e benévolos pensamentos. Nela reina uma espécie de atmosfera moral saudável, onde se respira à vontade. Dela saímos reconfortados, por estarmos impregnados de eflúvios fluídicos salutares. Assim aplicam-se

> também a ansiedade e o mal-estar indefinível que sentimos em um meio antipático, onde pensamentos maledicentes provocam, como se fosse correntes de ar repugnante. ([45])

Sendo o ectoplasma uma substância muito sensível, ele sofre influência do pensamento dos presentes, o que, em alguns casos, pode mesmo até inibir o fenômeno, fato que, infelizmente, levou alguns médiuns a falsear as manifestações, razão pela qual, em a ***Revista Espírita 1867***, Kardec alertava:

> Como outras faculdades medianímicas, esta pode ser explorada pelo charlatanismo; **é, pois, bom manter-se em guarda contra a fraude** que poderia, por um motivo qualquer, procurar simulá-la, e de se assegurar, por todos os meios possíveis, da boa-fé daqueles que dizem possuí-la. Além do desinteresse material e moral, e a honradez notória da pessoa, que são as primeiras garantias, **convém observar com cuidado as condições e as circunstâncias nas quais o fenômeno se produz, e de ver se elas não oferecem nada de suspeito**. ([46])

A questão da influência dos assistentes no fenômeno de materialização poderia até ser algo questionável tempos atrás, mas hoje, com os conhecimentos da física quântica, fica fácil de entender, porquanto, restou provado que o observador interfere nos

resultados.

Mas teria como evitar os pensamentos ou a curiosidade dos presentes? Sim, há como fazê-lo. Do depoimento do William H. Harrison, constante de ***Um Caso de Desmaterialização***, destacamos o seguinte trecho:

> […] Uma vez, **Katie disse: Cook, não me fixes assim; teu olhar faz-me mal**.
>
> Em outra ocasião, queixou-se de que a luz da lâmpada incomodava-a e fatigava muito; durante todo o tempo, inquietou-se com a luz e com a distância que devia ser guardada entre os espectadores e o gabinete escuro. Algumas vezes, **pedia-lhes que cantassem em coro, durante as sessões**. Os Espíritos pedem, quase sempre, que assim se faça, **para que a atenção das pessoas presentes seja conduzida, não para os fenômenos esperados**, mas para cânticos ou estribilhos. **A música não auxilia a materialização dos Espíritos, mas ocupa todos os pensamentos**; ao menos durante esse tempo os pensamentos não contrariam, por suas influências diversas, as operações ocultas. ([47])

Essa alternativa, também é vista na obra ***No País das Sombras***, no qual a médium d'Espérance diz:

> Por pancadas produzidas no soalho, **fomos convidados a cantar, com o fim de**

> **harmonizarmos os nossos pensamentos e destruirmos o excesso de curiosidade** que, em maior ou menor grau, todos pudéssemos sentir. ([48])

Vejamos as seguintes explicações constantes das obras ***A Física da Alma*** e ***Destino: determinismo ou livre-arbítrio?***:

> […] **o efeito da observação no mundo da física quântica é inegável e drástico** – ele faz com que a possibilidade entre em colapso e se torne realidade. […]. ([49])

> **Um objeto quântico percorre um caminho ou ambos, exatamente em harmonia com nossa escolha**. Como isso é possível? É que os caminhos dos objetos são apenas caminhos "possíveis", os objetos são apenas ondas de possibilidades antes que nossa observação faça com que se manifestem. Nenhum caminho está concretamente traçado; as possibilidades tornam-se realidade de forma aparentemente retroativa, o que parece ser uma causação "à ré". ([50])

> "[…] **A própria Física Quântica demonstra que a simples observação de um fenômeno é suficiente para modificá-lo** porque o elétron comporta-se como se possuísse uma miniconsciência, obediente a uma superior que é a do espectador. […]." ([51])

Da obra ***Relatos verídicos. Experiências de***

quase-morte, editora Ésquilo, de Lisboa, Portugal, transcrevemos a opinião de Pim van Lommel, cardiologista, escritor e pesquisador holandês no campo de estudos de quase morte, um de seus autores:

> […] **O acto de observação transforma instantaneamente uma probabilidade numa realidade por colapso da função de onda**. Roger Penrose chama a isto a resolução de possibilidades múltiplas numa "redução objectiva" de estado definitivo. Assim, ao que parece, **não é possível fazer qualquer observação sem mudar fundamentalmente o sujeito observado; resta apenas a *subjectividade***. ([52]) (grifo itálico do original, negrito nosso)

> A questão é saber o que é a verdade? Qual é efectivamente a realidade? Também é algo que aprendemos com a física quântica, na qual **a consciência do investigador interfere nos resultados das suas experiências**, por isso há sempre subjectividade. E na ciência orientada para a materialização acredita-se, até à data, que pode haver objecitividade. […]. ([53])

Finalizando, essa questão da influência do observador, trazemos apenas mais duas opiniões, a de Eben Alexander III, em ***Uma Prova do Céu*** e de Gary E. Schuwartz, ***A grande aliança: ciência e espiritualidade caminhando juntas***, respectivamente:

> Nos anos de 1920, o físico Werner Heisenberg (e outros fundadores da ciência da mecânica quântica) fez uma descoberta tão estranha que o mundo até hoje ainda não a aceitou por completo. Quando se observa o fenômeno subatômico, **é impossível separar completamente o observador (isto é, o cientista fazendo o experimento) do que é observado.** Em nosso mundo, isso passa despercebido. […]. ([54])

> […] **amplas pesquisas da física quântica e da parapsicologia indicam que a receptividade e as intenções do observador – seja ele um cientista profissional ou um leigo – podem afetar o que está sendo observado e medido**. A receptividade a novas descobertas e a aprovação do que está sendo mostrado podem criar um estado favorável ao surgimento de certos fenômenos genuínos, ao passo que vários observadores excluem o autoengano. […]. ([55])

Portanto, julgamos que fica bem demonstrado que o pensamento dos observadores de um fenômeno pode interferir na sua produção, o que, de uma certa forma, vem clarear pontos “obscuros” das materializações.

Antes de passar para outro tema, citaremos uma ocorrência com o médium Peixotinho. Encontra-se narrado no livro ***Dossiê Peixotinho***, de autoria de Lamartine Palhano Junior (1946-2000) e Walace Fernando Neves, temos uma biografia do mais famoso médium de materializações do Brasil: Francisco Peixoto Lins (1905-

1966). Do cap. “Entrevista com Wilson Oliveira”, destacamos o seguinte trecho:

> – Tem conhecimento da desmaterialização do corpo do Peixotinho?
>
> – Certa vez, **Peixoto ficou sem as pernas e levaram mais de uma hora para recompô-lo**. Foi necessário muita oração. O espírito que estava presente veio através do ectoplasma de Peixoto e disse que **havia ali no recinto uma pessoa fumando e não podia estar naquela reunião**. ([56])

Isso demonstra claramente o quão delicado é o fenômeno de materialização.

Vejamos, agora, a questão da formação ectoplásmica ter uma certa semelhança com a aparência física do médium. Em ***Fatos Espíritas***, Crookes, falando sobre a mediunidade da Srta. Florence Cook, entre várias coisas, disse o seguinte:

> Confesso que a figura era surpreendente na sua aparência de vida e de realidade, e tanto quanto eu podia ver, à luz um pouco fraca, **os seus traços assemelhavam-se aos da Srta. Cook**; mas entretanto a prova positiva, dada por um dos meus sentidos, pois que o suspiro vinha da Srta. Cook, no gabinete, enquanto a figura estava fora dele, **esta prova é muito forte para ser destruída por simples suposição do contrário**, mesmo bem sustentada. ([57])

Diante dessa semelhança é que muitos caem no erro de acreditar que todas as materializações são falsas, onde o médium, pelo qual são produzidos os fenômenos, se faz passar por um ser espiritual.

É oportuno trazermos as seguintes considerações de Aksakof a respeito dos “Efeitos produzidos sobre a forma materializada (colocação, etc.)”, constante de ***Animismo e Espiritismo***, que, certamente, trará oportunos elementos para elucidar a questão:

> […] **No intuito de desmascarar a fraude, frequentemente se têm coberto os objetos que se deslocam na obscuridade com diferentes substâncias coloridas**. Se tocaram diretamente com a mão, ela aparece, com uma dessas substâncias, as mais das vezes com o negro de fumo. E, quando as mãos do médium se achavam cobertas com a mesma substância, deduzia-se daí que a fraude era evidente, e os próprios espiritualistas o proclamavam triunfantemente – se bem que ele estivesse ligado de pés e mãos e que os nós se encontrassem intactos.
>
> Porém, mais tarde, quando se adquiriu mais experiência, quando **se reconheceu que o fenômeno do desdobramento do corpo do médium representava grande papel nos fenômenos de materialização, ficou-se obrigado a reconhecer que o fato da transferência da matéria colorida para o corpo do médium** não era absolutamente uma prova da má fé deste último, mas a consequência de uma lei natural.

Essa conclusão está fundada evidentemente em experiências nas quais toda a possibilidade de fraude foi eliminada – sendo a mais concludente a que consiste em conservar, entre as nossas, as mãos do médium.

A primeira verificação desse fenômeno remonta, se não me engano, a 1865, e foi feita por ocasião da descoberta das pretendidas fraudes do jovem médium Allen; essas espécies de descobertas fizeram sempre o maior bem ao desenvolvimento dos fenômenos mediúnicos; **é a uma circunstância desse gênero que devemos as experiências do Sr. Crookes e, enfim, a produção de uma série de materializações sob as vistas de testemunhas**. […].

[…].

Tive a oportunidade de verificar esse fenômeno em uma experiência que fiz com a célebre Kate Fox (Jencken) quando veio a S. Petersburgo, em 1883. Eu estava sentado defronte dela em uma pequena mesa; como isso se passasse às escuras, eu tinha colocado as suas mãos sobre uma placa de vidro, luminosa no escuro, de tal maneira que as mãos eram visíveis; além disso, eu tinha posto as mãos sobre as dela. Em cima de uma outra mesa, a nosso lado, achava-se uma ardósia com um papel coberto de negro de fumo. Pedi que uma das mãos que apareciam produzisse uma impressão no papel. A impressão foi feita, e as extremidades dos dedos da médium foram encontradas enegrecidas.

Essas experiências nos dão a prova de que a mão que se vê aparecer e que produz efeitos

físicos não é o resultado de uma alucinação, porém sim um fenômeno que possui certa corporeidade, tendo o poder de reter e de transportar substâncias aderentes a uma superfície. Mas essa transmissão não é absolutamente necessária nem invariável quanto à forma e lugar, pois não é sempre o mesmo efeito que se obtém; citam-se casos em que as mãos impregnadas de substâncias corantes nem sequer as transportaram ao corpo do médium.

[…].

[…] os casos em que a transferência da matéria corante para o corpo do médium se opera em um local não correspondente ao lugar do órgão materializado, tocado pela substância, têm para nós uma grande importância. Lemos por exemplo no “The Spiritualist”: “O Sr. Crookes deitou pequena quantidade de cor de anilina na superfície do mercúrio que tinha sido preparado para a experiência; a anilina é um poderoso corante, tanto assim que os dedos do Sr. Crookes conservaram vestígios dela durante muito tempo. **Katie King mergulhou os dedos na matéria corante e, apesar disso, os dedos da Srta. Cook não ficaram manchados**. Em compensação, viam-se vestígios de anilina nos braços desta última.” (1876, v. I, pág. 176).

O Sr. Harrison, diretor do “The Spiritualist”: faz a narração de outra experiência desse gênero, obtida pela mesma médium: “No decurso de uma sessão com a médium Srta. Cook, **tinha-se molhado a mão materializada, na superfície exterior, com um pouco de tinta violeta, e aquela mancha, de cerca do tamanho de uma moeda de 5 francos,**

> **foi em seguida encontrada no braço da médium, perto do cotovelo**.” (“The Spiritualist”, 1873, pág. 83). Em teoria, poder-se-ia fazer a suposição de que, nos casos em que se produz o fenômeno do “desdobramento”, há transferência da substância aplicada ao corpo materializado, *enquanto que, nos casos de formação de corpos heteromorfos, há desaparecimento daquela substância*. ([58]) (grifo itálico do original, negrito nosso)

Essas experiências com corantes provam que a materialização não se trata do médium se fazendo passar por algum Espírito, ainda que exista alguma semelhança entre ambos.

Ainda em ***Animismo e Espiritismo***, lemos:

> […] a notícia seguinte apareceu no “The Spiritualist”, na página 300:
>
> “**Desdobramento do corpo humano** – O molde em parafina de um pé direito materializado, obtido em uma sessão, Great, Russel Street, 38, com o médium Sr. Eglinton, cujo pé direito se conservou visível durante todo o tempo da experiência pelos observadores sentados fora do gabinete, verificou-se que era a reprodução exata do pé do Sr. Eglinton, como resulta do exame minucioso do Dr. Carter Blake.”
>
> **É um caso surpreendente de desdobramento do corpo do médium, verificado não só pelos olhos, mas estabelecido de maneira absoluta**

> **pela reprodução plástica do membro desdobrado**. O exemplo não é único, mas se torna particularmente notável por causa das condições nas quais se produziu, principalmente porque a comissão de organização das sessões, que era constituída por pessoas de elevada instrução, já se tinha dedicado a uma série de experiências feitas com todo o cuidado, e sempre com a condição determinada de poder observar se não o médium todo, pelo menos uma parte do corpo, e que essa comissão está plenamente convicta não só da boa-fé do médium Eglinton, que funcionou em todas essas sessões, como também do caráter de autenticidade dos fenômenos. **Uma vez conseguida uma prova tão palpável do desdobramento, temos o direito de afirmar que, se sucede a figura materializada apresentar semelhança pronunciada com o médium – como no caso de Katie King –, não se segue daí necessariamente que essa figura seja sempre o médium *in propria persona*, em disfarce**; podemos, pois, dizer que o Sr. Hartmann labora em erro quando nos assegura categoricamente que "onde não está provado que é uma alucinação, deve-se *sempre* considerar o fenômeno como uma ilusão." ([59]) (grifo nosso, exceto o título)

Comprova-se, portanto, nos fenômenos de materialização há possibilidade de o médium desdobrar-se, e nessa condição o Espírito manifestante utiliza-se desse processo para criar seu corpo fluídico, que, às vezes, pode ter certa semelhança com o dele.

E finalizando, tomamos novamente da obra ***Animismo e Espiritismo***, a seguinte explicação de Aksakof:

> **Às primeiras manifestações da materialização com um médium, as formas materializadas oferecem uma semelhança frisante com certas partes do corpo ou com toda a pessoa do médium**.
>
> **Mais tarde** – se o médium continua no desenvolvimento desse gênero de experiências –, **essa semelhança pode, sem desaparecer, ceder o lugar, frequentemente, a materializações de figuras extremamente variadas; outros médiuns** não podem sair do limite das primeiras experiências, e **todas as suas materializações apresentam com a sua pessoa uma semelhança tal que se é conduzido mui naturalmente a supor que é o médium transfigurado – até o dia em que podemos convencer-nos por provas suficientes que estamos em presença de um desdobramento do médium**.
>
> É assim que nos fenômenos clássicos de **materialização de Katie King** e de John King, que se produziram na Inglaterra e que foram submetidos às mais variadas experiências, **verificou-se de cada vez uma semelhança mais ou menos pronunciada, e algumas vezes completa, entre as formas materializadas** e o médium John King aparecia à luz do dia e seu retrato foi desenhado enquanto o médium, colocado atrás da cortina, era seguro pelas mãos (Médium, 1873, pág. 346); ou, antes, ele aparecia

às escuras, iluminado por sua própria luz, enquanto o médium era seguro pelas mãos no grupo ou fora do grupo dos assistentes. **Katie King aparecia enquanto uma parte do corpo da médium era visível; outras vezes desaparecia momentaneamente, quando era acompanhada por uma pessoa que queria ver a médium no gabinete**. Esses casos, segundo o Sr. Hartmann, são provas evidentes da alucinação e não da transfiguração.

Mas, se assim fosse, porque essa semelhança com os médiuns? Essa semelhança fazia seu desespero! Certamente, se eles tivessem podido provocar alucinações à sua vontade, seguramente teriam evitado representar nessas alucinações sua própria imagem, o que fazia somente gerar a suspeita e fornecia pretextos a toda espécie de medidas de fiscalização com o objetivo de desmascarar a impostura.

[…].

Se seguirmos de mais perto a história da materialização de certas figuras que apareceram regularmente durante um tempo mais ou menos longo, encontraremos alguns casos que têm especial importância para a teoria desses fenômenos e provam, à sua maneira, que não são simples alucinações.

É à série das aparições de Katie King que tiro o primeiro exemplo de um fenômeno dessa espécie, e deter-me-ei aí porque ele é atestado pelos testemunhos mais sérios. **Desde as suas primeiras aparições, Katie King tinha anunciado que não poderia materializar-se senão durante**

três anos e que, na expiração desse termo, sua missão estaria terminada: que ela não poderia mais manifestar-se fisicamente, de forma visível e tangível, que, passando a um estado mais elevado, não poderia comunicar com o seu médium senão de maneira menos material (The Spiritualist, 1874, I, pág. 258, e II, pág. 291).

O prazo anunciado expirava em maio de 1874; a última sessão foi fixada por Katie King para 21 de maio; ela se realizou em casa do Sr. W. Crookes. Eis de que modo, segundo as palavras desse último, se operou a desaparição de Katie:

"Ao aproximar-se o momento em que Katie devia deixar-nos, pedi-lhe que se fizesse ver por mim, no último momento. Convidou umas após outras todas as pessoas presentes a aproximar-se dela e disse a cada uma algumas palavras; depois deu certas indicações gerais sobre a proteção e cuidados de que devíamos no futuro rodear a Srta. Cook. Terminadas essas recomendações, Katie convidou-me a acompanhá-la ao gabinete e autorizou-me a ficar até o fim. Puxou a cortina e falou-me durante algum tempo ainda; depois, atravessou o aposento até o lugar em que a Srta. Cook estava deitada sem conhecimento no soalho. Inclinando-se para ela, Katie disse-lhe: '– Desperta, Florie, desperta. Agora devo deixar-te.' A Srta. Cook despertou e rogou a Katie, chorando, que ficasse ainda por um pouco. '– Não posso, minha cara, minha missão está cumprida. Deus te abençoe' – respondeu Katie, e continuou ainda a falar com a Srta. Cook. Essa conversação se prolongou por muitos minutos; as lágrimas sufocaram a Srta. Cook. Então, conformando-me

com as recomendações de Katie, aproximei-me da Srta. Cook para ampará-la, pois ela tinha caído no chão com um acesso de soluços histéricos. **Quando olhei em volta de mim, Katie tinha desaparecido**."

O Sr. Harrison, editor do "The Spiritualist", que fez parte dessa sessão, acrescenta os pormenores seguintes:

"Katie disse-nos que nunca mais poderia falar nem mostrar o rosto, que os três anos durante os quais produzira essas manifestações físicas tinham sido para ela um tempo penoso, uma triste expiação de seus pecados, e que naquela ocasião ia passar a um estado de existência espiritual mais elevado. Declarou que não poderia daí em diante comunicar com a médium senão a intervalos longos, e isso pela escrita, mas que a médium poderia divisá-la a qualquer hora, desde que se deixasse magnetizar."

Não posso insistir bastante sobre a significação moral desse fato. Como explicar, de maneira racional, no ponto de vista das teorias da transfiguração, da alucinação e mesmo pela impostura, essa cessação voluntária da aparição e da materialização de Katie King? Se a produção desses fenômenos só dependesse da médium, por que motivos teria ela posto termo às manifestações? A Srta. Cook, a médium, estava nessa época no apogeu de sua nomeada; o amor-próprio dos médiuns – sobretudo quando eles entraram nesse caminho especial – desenvolve-se mui naturalmente até um grau muito elevado, pois que sua extraordinária faculdade lhes abre as portas da mais alta sociedade, tornando-os objeto

da atenção geral, o que não pode deixar de lisonjear-lhes a ambição. A Srta. Cook era então o único médium com o qual se produzia a materialização de figuras inteiras. Por que motivo então teria ela voluntariamente descido do pedestal sobre o qual a elevavam, para cair de novo no esquecimento? Ela não podia conhecer a sorte reservada a suas faculdades mediúnicas, prever se atingiria os mesmos resultados, e por que motivo, além disso, teria ela trocado o certo pelo incerto?

O Sr. Crookes, por seu lado, dava grande importância a essas experiências e só desejava completar suas observações.

Pergunto de novo qual podia ser o motivo bastante poderoso para decidir a médium a tomar essa resolução? Se as manifestações só dependessem da sua vontade, era bastante continuá-las para colher novos louros.

Poder-se-ia atribuir essa resolução a um enfraquecimento das faculdades mediúnicas da Srta. Cook e não ver nas despedidas de Katie King – ainda que elas tenham sido previstas três anos antes – mais do que um meio de evitar um insucesso penoso para o seu amor-próprio. Porém, nós sabemos que, pelo contrário, os fenômenos foram progredindo e que eram mais perfeitos, mais decisivos ainda nos últimos tempos; sabemos também que **depois da desaparição de Katie King as faculdades mediúnicas da Srta. Cook não enfraqueceram e que, pouco tempo depois, uma nova figura apareceu "com igual perfeição" –, como no-lo informa a carta do Sr. Crookes** publicada no "The Spiritualist" de 1875, tomo I, pág. 312.

> Finalmente, esse fato da cessação de uma materialização de figura aparecida durante certo lapso de tempo não é único nos anais do Espiritismo. Poderia citar ainda muitos (vede, por exemplo, o Médium, 1876, pág. 534).
>
> Em minha opinião, tudo isso demonstra peremptoriamente que, nesses diversos casos, ao menos, tratávamos com uma vontade diferente da do médium e que o fenômeno tinha, por si mesmo, uma realidade objetiva. ([60])

As explicações de Aksakof são claras e objetivas, fazendo cair por terra, sem a mínima possibilidade de soerguimento, qualquer dúvida quanto ao fenômeno da materialização pelo fato de a aparição ter semelhança com o médium.

Ademais, há casos em os manifestantes eram crianças, homens manifestando-se por médium mulheres, e vice-versa, pessoas de cor, aparições com estatura e massa corporal completamente divergentes das dos médiuns, etc. Até mesmo a aparição de um índio foi registrada.

Léon Denis (1846-1927), em ***No Invisível***, apresenta algo que vai ajudar-nos a entender as algumas situações:

> Em resumo, pode-se dizer que os modos de ação do Espírito variam conforme os recursos

> facultados pelo meio em que ele opera. Os fenômenos de materialização devem ser classificados em **três ordens**:
>
> **Primeiramente**, os casos em que o duplo do médium exteriorizado é utilizado e modificado pelo Espírito, a ponto de reproduzir o aspecto que tinha este na Terra e mesmo os traços de sua fisionomia. O Espírito, por efeito da vontade, se reflete, se fotografa na forma fluídica do médium; é uma transfiguração mais ou menos completa, conforme o poder do manifestante. **Por isso, em certas experiências, a aparição terá alguma semelhança com o médium**.
>
> **Noutros casos** o Espírito, com o auxílio dos fluidos ambientes, cria formas temporárias que anima e dirige de fora, sem se incorporar, como o observou Aksakof.
>
> **Há, finalmente, casos**, mais numerosos, em que o Espírito condensa e materializa seu próprio envoltório fluídico, de forma reaparecer tal como era em sua precedente existência terrestre. A materialização seria assim uma espécie de reencarnação efêmera. ([61])

Ressalte-se os casos dos fenômenos de primeira ordem “em certas experiências, a aparição terá alguma semelhança com o médium”.

Mas antes de encerrar esse capítulo, por ser muito oportuno, vamos trazer novo depoimento da médium Elisabeth d’Espérance, inserido em ***No País das***

Sombras, sobre a sua experiência nas sessões de fotografias:

> Uma série de sessões com o fim de obter fotografias de Espíritos materializados foi organizada com feliz êxito. Um relatório completo das nossas experiências foi publicado no “Medium and Daybreak”, de 28 de março de 1890, e as fotografias obtidas acham-se reproduzidas, em 18 de abril do mesmo ano, na mesma revista. As fotografias foram obtidas à luz do magnésio e, apesar de interessar-me vivamente pelo êxito desses ensaios, **percebi que a luz agira dolorosamente sobre meus nervos, tornados demasiado sensíveis durante as sessões**.
>
> Foi no curso dessas experiências que **comecei a atribuir certos efeitos particulares que se produziam depois das sessões à sua verdadeira causa**. Desde o começo dos nossos estudos **percebi que ficava, mais ou menos, sofrendo de náuseas e vômitos depois das sessões de materialização** e aceitava isso como uma consequência natural dos fatos, que não podia ser evitada.
>
> Assim sempre foi, exceto quando rodeada apenas dos membros do nosso grupo familiar, ou de crianças.
>
> Durante as sessões de fotografias, esses incômodos aumentaram a tal ponto que eu ficava geralmente, por um ou dois dias depois de cada reunião, em estado de completa prostração e, como **todos os sintomas eram os de um envenenamento pela nicotina, fizemos**

> **experiências e descobrimos que nenhuma dessas sensações se manifestava quando as pessoas presentes não tinham o hábito de fumar**. Do mesmo modo, **quando pessoas enfermas faziam parte do círculo, invariavelmente eu sofria nas horas que se seguiam**. A companhia de **pessoas que tinham o hábito de beber álcool causava-me um mal-estar quase tão desagradável como o que era provocado pelos fumantes**.
>
> Essas sessões foram de bastante utilidade. Fiquei sabendo que **muitos hábitos comuns à generalidade dos homens são prejudiciais aos resultados das sessões e, em todos os casos, à saúde do médium**. Provavelmente eu me havia tornado mais sensível a essas influências, porque nunca notara na Inglaterra efeitos tão pronunciados. É possível também que, por feliz acaso, houvesse poucos fumantes no nosso círculo inglês. Não sei o motivo, mas todos os suecos da nossa reunião eram fumantes, e com isso eu sofria. ([62])

Percebe-se, claramente, a grande influência que alguns fatores causavam à saúde do médium, além de demonstrar quão delicado é o ectoplasma em relação à luz, e também ao pensamento e até mesmo a presença de estranhos às sessões.

No início dessas experiências, muitos médiuns sofreram “horrores” sem terem conhecimento de sua origem.

O método de pesquisa espírita seria científico?

> “Os dogmas religiosos ou científicos estabelecem pressupostos como realidades, mas a pesquisa científica esmaga as estruturas dogmáticas e arbitrárias com a prova da realidade constatada e sempre verificável.” (HERCULANO PIRES)

O padre jesuíta Fernando Maria Palmés (1879-1963), autor de ***Metapsíquica e Espiritismo***, adversário confesso do Espiritismo, deixou bem claro que:

> **É inegável que só por observação se pode chegar a constituir legitimamente uma ciência**, e que a experimentação propriamente dita não é absolutamente necessária para se poder chegar a conclusões verdadeiramente científicas. ([63])

Em ***O que é o Espiritismo***, Kardec assim define o termo Espiritismo para se evitar confusão e manter a clareza do entendimento:

> O Espiritismo é, ao mesmo tempo, uma ciência de observação e uma doutrina filosófica. Como

> ciência prática ele consiste nas relações que se estabelecem entre nós e os Espíritos; como filosofia, compreende todas as consequências morais que dimanam dessas mesmas relações.
>
> Podemos defini-lo assim:
>
> **O Espiritismo é uma ciência que trata da natureza, origem e destino dos Espíritos, bem como de suas relações com o mundo corporal**. ([64])

Vejamos o que, em ***A Gênese*** e ***Obras Póstumas***, Kardec diz sobre a questão científica do Espiritismo:

> **Como meio de elaboração, o Espiritismo procede da mesma maneira que as Ciências positivas, ou seja, aplica o método experimental.** Quando se apresentam fatos novos que não podem ser explicados por meio das leis conhecidas, **ele os observa, compara-os, analisa-os e, remontando dos efeitos para as causas, chega à lei que o rege**; depois deduz suas consequências e procura suas explicações. Não estabelece nenhuma teoria preconcebida. […]. É, pois, rigorosamente exato dizer que **o Espiritismo é uma Ciência de observação**, e não o produto da imaginação. ([65])
>
> […] **Apliquei a essa nova ciência, como o fizera até então, o método experimental**; nunca elaborei teorias preconcebidas; **observava cuidadosamente, comparava, deduzia consequências**; dos efeitos procurava remontar às causas, por dedução e pelo encadeamento

> lógico dos fatos, não admitindo como válida uma explicação, senão quando resolvia todas as dificuldades da questão. Foi assim que sempre procedi em meus trabalhos anteriores, desde a idade de 15 a 16 anos. Compreendi, antes de tudo, a gravidade da exploração que ia empreender; percebi, naqueles fenômenos, a chave do problema tão obscuro e tão controvertido do passado e do futuro da Humanidade, a solução que eu procurara em toda a minha vida. Era, em suma, toda uma revolução nas ideias e nas crenças; **fazia-se mister, portanto, andar com a maior circunspeção e não levianamente; ser positivista e não idealista, para me não deixar iludir**. ([66])

Totalmente improcedente querer tratar os assuntos do Espírito como se trata os da matéria, porquanto são duas realidades totalmente diferentes. Se para o segundo a reprodução de fenômenos podem ser feitas, o primeiro não, uma vez que fogem completamente ao controle de qualquer pessoa, seja ela o médium ou o pesquisador. É tal como todos os fenômenos da natureza, devem ser observados quando ocorrem, por não conseguirmos provocá-los.

Em relação aos fenômenos espíritas, Kardec, em ***O Livro dos Espíritos*** e ***Obras Póstumas***, respectivamente, esclarece esse ponto:

> As ciências ordinárias assentam nas

propriedades da matéria, que se pode experimentar e manipular livremente; **os fenômenos espíritas repousam na ação de inteligências dotadas de vontade própria e que nos provam a cada instante não se acharem subordinadas aos nossos caprichos**. As observações não podem, portanto, ser feitas da mesma forma; requerem condições especiais e outro ponto de partida. **Querer submetê-las aos processos comuns de investigação é estabelecer analogias que não existem**. A Ciência, propriamente dita, é, pois, como ciência, incompetente para se pronunciar na questão do Espiritismo: não tem que se ocupar com isso e qualquer que seja o seu julgamento, favorável ou não, nenhum peso poderá ter. O Espiritismo é o resultado de uma convicção pessoal, que os sábios, como indivíduos, podem adquirir, abstração feita da qualidade de sábios. **Pretender deferir a questão à Ciência equivaleria a querer que a existência ou não da alma fosse decidida por uma assembleia de físicos ou de astrônomos**. Com efeito, o Espiritismo está todo na existência da alma e no seu estado depois da morte. Ora, é soberanamente ilógico imaginar-se que um homem deva ser grande psicologista, porque é eminente matemático ou notável anatomista. Dissecando o corpo humano, o anatomista procura a alma e, porque não a encontra, debaixo do seu escalpelo, como encontra um nervo, ou porque não a vê evolar-se como um gás, conclui que ela não existe, colocado num ponto de vista exclusivamente material. Segue-se que tenha razão contra a opinião universal? Não. Vedes, portanto, que **o Espiritismo não é da alçada da Ciência**. ([67])

> A ciência, propriamente dita, cabe a missão especial de estudar das leis da matéria.
>
> **O Espiritismo tem por objeto o estudo do elemento espiritual em suas relações com o elemento material** e aponta na união desses dois princípios a razão de uma imensidade de fatos até então inexplicados.
>
> O Espiritismo caminha ao lado da Ciência, no campo da matéria: admite as verdades que a Ciência comprova; mas, não se detém onde esta última para; prossegue nas suas pesquisas pelo campo da espiritualidade. ([68])

Um exemplo bem interessante que podemos dar das observações, e aqui a opinião de um observador é tida como de cunho científico, é ver como se comporta determinado animal.

Ora, sabemos que não adianta prender um certo animal numa jaula para estudá-lo, é necessário que seja observado em seu *habitat*, cabendo, primeiramente, ao pesquisador o registro dos dados relativos a seu comportamento para depois analisá-los e tirar deles as suas conclusões.

Da mesma forma ocorre com os fenômenos espíritas, devem ser observados para depois se tirar as conclusões sobre eles. Kardec, em outras oportunidades, como na ***Revista Espírita 1858***, assim definiu o Espiritismo:

> […] **O Espiritismo é, sem dúvida, uma ciência de observação, mas é mais ainda, talvez, uma ciência de raciocínio**; o raciocínio é o único meio de fazê-lo avançar e triunfar de certas resistências. Tal fato é contestado unicamente porque não é compreendido; *a explicação lhe tira todo o caráter maravilhoso* e o fato reentra nas leis gerais da Natureza. […]. ([69])

E, um pouco mais à frente, Kardec assim explica a questão da experimentação:

> […] cada um em seu ofício. As ciências vulgares repousam sobre as propriedades da matéria, que se pode manipular à vontade; **os fenômenos que ela produz têm por agentes as forças materiais.** Os do Espiritismo têm por agentes inteligências que têm sua independência, seu livre arbítrio, e não estão submissas aos nossos caprichos; **eles escapam, assim, aos procedimentos anatômicos ou de laboratórios, e aos nossos cálculos**, e desde então não são da alçada da ciência propriamente dita. **A ciência estava, pois, afastada do bom caminho quando quis experimentar os Espíritos como uma pilha voltaica; ela partiu de uma ideia fixa, na qual se aferra e quer forçosamente ligar a ideia nova**; fracassou e assim deveria ser, porque operou tendo em vista uma analogia que não existe; depois, sem ir mais longe, concluiu pela negativa: julgamento temerário que o tempo se encarrega, todos os dias, de reformar, como reformou muitos outros, e aqueles que o pronunciaram o serão pela

> vergonha de estarem inscritos, muito levianamente, em falso contra o poder infinito do Criador. […]. ([70])

Diante das circunstâncias, cabia-lhe apenas a tarefa de cercar-se de todo o cuidado para não haver fraudes, é o que, na ***Revista Espírita 1867***, afirma:

> […] Além do desinteresse material e moral, e a honradez notória da pessoa, que são as primeiras garantias, **convém observar com cuidado as condições e as circunstâncias nas quais o fenômeno se produz, e de ver se elas não oferecem nada de suspeito**. ([71])

No mais, trata-se de registrar, analisar, comprar, deduzir, conforme, por questão de lógica, é o que se espera de qualquer uma ciência de observação. Nessa mesma obra, Kardec, judiciosamente, disse: "[...] é triste constatar que noventa e nove fatos sobre cem podem ser falsos ou imitados; mas um único fato bem constatado desmancha todas as negações." ([72]).

Por outro lado, não podemos nos esquecer que não há nenhum meio de fazer "aparecer" um Espírito, é o que o estudioso Herculano Pires, já mencionado, deixa bem claro no apontamento "Lodge e os seus Críticos" constante da obra ***Raymond***:

> […] Todos os pesquisadores experientes sabem

> que as manifestações espirituais não podem ser predeterminadas em vida, pois a situação e as condições do espírito no outro mundo nem sempre correspondem aos seus desejos terrenos, mormente quando se trata de espírito evoluído. **Todos sabem, também, que os médiuns não podem influir sobre os espíritos para forçá-los a se comunicarem**. ([73])

Não se prende um Espírito numa jaula para estudá-lo, são os Espíritos que, quando querem e podem, vêm até nós, manifestando-se, além disso as circunstâncias têm que estar favoráveis, permitindo-os vir.

De ***A Grande Esperança***, transcrevemos o seguinte trecho:

> **Nas ciências que não são matemáticas só há uma prova de valor, que é a prova experimental, isto é, a observação**, pois a prova experimental não passa de uma observação, segundo a forte expressão de Claude Bernard. Em geral, **a observação, quer seja espontânea, quer seja provocada, é a base de toda ciência, e não é um verdadeiro sábio aquele que não se curva perante o poder dos fatos**. Não há nem autoridade, nem teoria, nem ensinamento clássico, nem opinião do público que possa ser levada em conta. […] não emprego teoria dizendo que essa sensibilidade paranormal existe, pois nada mais faço que exprimir um fato indiscutível que deveria forçar o vulgo e os sábios a inclinar-se. É inabitual,

> é inverossímil, seja, **mas é verdade e direi como o grande Crookes**: "*Não digo que é possível, digo que é*". ([74]) (grifo itálico do original, negrito nosso)

E aqui entre nós, simples mortais, um punhado de gente negando as materializações, quando não colocam sob suspeita as pesquisas realizadas pelos sábios, que, por essa razão, têm autoridade para dizer se elas existem ou as devemos considerar como alucinações ou fraudes, ainda que inconscientes, de todos os médiuns envolvidos nesses fenômenos.

Tristemente, confessa Richet:

> "Um outro obstáculo à difusão de nossas ideias é que elas encontram por toda parte críticas acerbas, hostilidade dos incompetentes e ignorantes e, algumas vezes – o que é mais grave – a indignação dos sábios judiciosos e experimentados. Somos então vencidos por essa incredulidade universal. […]." ([75])

E agora, sabiamente, diz Richet:

> […] Façamos uma comparação. Será que uma formiga, que perambula em um formigueiro, pode adivinhar que há transatlânticos e teatros, parlamentos, tribunais, elétrons e estrelas? Seguramente somos mais inteligentes que uma formiga, mas do universo imenso que nos circunda nós não sabemos muito mais do que ela. ([76])

Recorremos a este trecho de *Apologia*, no qual Platão (427-347 a.C.), filósofo grego da antiguidade ([77]), diz: "*O mais sábio dentre vós, homens, é quem, como Sócrates, compreendeu que sua sabedoria é verdadeiramente desprovida do mínimo valor.*" ([78])

Herculano Pires, em ***A Evolução Espiritual do homem (na perspectiva da Doutrina Espírita)***, esclarece:

> […] **Kardec rompeu a barreira da sistemática materialista, mostrando a necessidade de adequação de métodos à natureza específica do objeto**. A metodologia que elaborou, excluindo o aparelhamento tecnológico atual, é praticamente a mesma que Rhine, Pratt e Mac Dougal empregaram no desenvolvimento das pesquisas parapsicológicas atuais. **A metodologia espírita de pesquisa dos fenômenos paranormais antecipou de muito os métodos da psicologia Experimental** e aprofundou os seus objetivos, atingindo a sondagem do inconsciente quando Freud ainda frequentava a escola primária, vestido com roupagem da inocência. ([79])

O professor Elliott Cowes (1842-1899), que presidiu ao Congresso Psíquico de Chicago, em 1893, conforme consta de ***O Psiquismo Experimental***, declarou que:

> Ao contrário das experiências da ciência física,

> **as experiências psíquicas não podem ser produzidas voluntariamente**, e portanto escapam aos processos habituais de verificação. ([80])

Encerraremos esse capítulo reportando a Camille Flammarion, que, em ***Forças Naturais Desconhecidas***, disse:

> Outra objeção bastante frequente, é apresentada por determinadas mentes, aparentemente científicas. Confundindo experiência com observação, **elas imaginam que, para ser real, um fenômeno deve poder ser reproduzido à vontade, como em laboratório.** De acordo com esse modo de ver as coisas, um eclipse do Sol não seria real, como também não o seriam um raio que incendeia uma casa nem um aerólito que cai do céu. Um terremoto, uma erupção vulcânica são fenômenos de observação e não de experiência. Mas eles não deixam de existir, muitas vezes para grande prejuízo da espécie humana. Ora, na ordem dos fatos que estamos estudando aqui, quase nunca podemos realizar experiências, mas somente observadas, o que reduz consideravelmente o campo de estudos. E quando realizamos experiências, **os fenômenos não se produzem à vontade**; elementos diversos, dos quais muitos ainda restam intocáveis, vêm atravessá-los, modificá-los, contrariá-los, e na maior parte do tempo, devemos nos limitar ao papel de observadores. É uma diferença análoga à que distingue a química da astronomia. **Em química, realizamos experiências; em**

> **astronomia, observamos.** Mas isso não impede que a astronomia seja a mais exata das ciências. ([81])

Opinião que deve ser levada em conta, pois é de um destacado cientista, que ainda que aceitasse os fenômenos espirituais, isso não faz a menor diferença, uma vez que o mais importante sobre o aspecto científico é se considerar a força dos seus argumentos.

O livro “Fatos Espíritas” de William Crookes

> “Tem-se lançado em rosto dos homens de ciência a sua pretensa liberdade de opinião, quando sistematicamente se recusam a fazer uma investigação científica sobre a existência e a natureza de fatos sustentados por tantos testemunhos competentes e fidedignos, e os convidam a um exame livre, onde e quando quiserem. Por minha parte dou muito valor à pesquisa da verdade e à descoberta de qualquer fato novo na Natureza, para me insurgir contra a investigação apenas por parecer que ela se choca com as opiniões predominantes.” (WILLIAM CROOKES)

É importante darmos uma breve informação de quem foi o sábio inglês Sir William Crookes, nossa fonte será a obra ***Experimentações Mediúnicas***:

> Considerado como um dos mais persistentes e corajosos pesquisadores dos fenômenos espíritas e o maior químico da Inglaterra, William Crookes nasceu em Londres, no dia 17 de junho de 1832 e desencarnou na mesma cidade, no dia 4 de abril de 1919.
>
> Estudou no “Colégio de Química”, onde foi aluno brilhante, alcançando o cargo de professor

substituto no “Colégio Real” e, posteriormente, foi inspetor da Seção de Meteorologia do Observatório de Redcliffe. Aos 23 anos, no ano de 1855, assumiu a Cadeira de Química na Universidade de Chester. Após alguns anos, em 1861, ficou bastante conhecido quando descobriu os raios catódicos e isolou o Tálio, determinando suas propriedades físicas. Em 1872, após prolongados estudos do espectro solar, descobriu a aparente ação repulsiva dos raios luminosos, fato que o levou à construção do Radiômetro, em 1874. Em 1885 descobriu um novo tipo de processamento do ouro. A existência do quarto estado da matéria, a que denominou “estado radiante”, foi por ele determinada no ano de 1879. Por essa última descoberta, foi amplamente recompensado pela Academia de Ciências da França.

Em virtude de seus feitos científicos, recebeu muitos prêmios como a Medalha de Ouro da Sociedade Real, em 1875; a Medalha Davy, em 1888 e a Medalha de “Sir” J. Coprey, em 1904. Esse último galardão foi pelas suas relevantes contribuições no campo da Física e da Química.

Foi nomeado “Cavalheiro” pela Rainha Vitória, da Inglaterra, em 1897. A Condecoração da Ordem do Mérito foi-lhe outorgada em 1910. Fundou os periódicos “Chemical News” e “Quarterly Journal of Science”. Foi presidente de diversas sociedades científicas, tais como a “Sociedade Real de Química”, “Instituto de Engenharia Elétrica” e da “Sociedade de Investigações Psíquicas”.

Não é difícil encontrar dados sobre a vida de William Crookes, as mais completas enciclopédias trazem sua biografia e, mais recentemente, a T.

Fisher Unwin LTD (Londres) lançou o livro de Fournier: “The Life of Sir William Crookes”. Como homem de ciência publicou várias obras: em 1870 saiu “Métodos Escolhidos de Análise Química”; em 1880, “Fabricação do Açúcar de Beterraba na Inglaterra”; em 1881, “Manual de Tintura e Impressão nos Tecidos”; em 1883, “Manual de Tecnologia: Solução das Questões dos Enxurros”; em 1885, “Maneira de Estabelecer um Sistema de Canalização Vantajosa”. Seguem alguns trabalhos interessantes publicados em diversos compêndios ingleses: 1 – “Aplicação da Fotografia no Estudo de certos Fenômenos de Polarização”; 2 – “Sobre a Sensibilidade do Iodeto e Brometo de Prata à Luz Colorida”; 3 – “Pesquisas Fotográficas sobre o Espectro”; 4 – “Sobre a Fotografia da Luz”; 5 – “Sobre a Opacidade da Chama Amarela do Sódio para os Raios desta cor”; 6 – “Sobre Novos Elementos Supostos da Família do Cálcio”; 7 – “Sobre um Novo Elemento Pertencente Provavelmente ao Grupo do Enxofre” 8 – “Memórias e Notas sobre o Tálio”; 9 – “Notas sobre a Cristalização da Glicerina”; 10 – “Pesquisa Experimental sobre uma nova Força”; 11 – “Novas Experiências sobre a Força Psíquica”; 12 – “Notas sobre o Radiômetro”; 13 – “Foco de Calor Produzido pelos Choques Moleculares”; 14 – “Sobre a Constituição da Matéria e o Estado Ultra-Gasoso”; 15 – “Sobre a Matéria Radiante”; 16 – “Dos Espectros Fosforescentes Descontínuos no Vácuo quase Perfeito”; 17 – “Estudos Espectroscópicos sobre a Matéria Radiante”; 18 – “Os Caracteres Espectroscópicos dos Corpos Simples”.

> Essas citações apenas dão uma ideia da capacidade científica de Crookes, sua inteligência, sua dedicação, seus métodos e sua posição de alta respeitabilidade nas sociedades científicas de sua época, além da confiança do povo em suas afirmações após ter pesquisado um assunto, a ponto de afirmarem com grande respeito que, se Crookes iria cuidar dos fatos espiritistas, logo ter-se-ia a verdade dos fatos. ([82])

É totalmente ilógico crer que uma pessoa com esse extenso currículo, viesse a se enganar nas pesquisas dos fenômenos espirituais, em que, certamente, não abandonaria o rigor científico com o qual se utilizava em seus trabalhos investigativos.

Ademais, Crookes também tinha um nome a zelar, não poderia deixá-lo cair em descrédito. Richet, em ***A Grande Esperança***, bem percebeu isso ao dizer:

> **Todos aqueles que publicaram as suas experiências sabiam que por essa publicação comprometiam seu renome científico, expondo-se às zombarias de seus colegas e aos sarcasmos do povo**. Não é, pois, com satisfação que se entra nessa batalha, onde não há mais que golpes a receber. **É porque nos limitamos à honra de defender a verdade, por mais arriscada que ela possa ser**.
>
> Não imaginam **as angústias interiores por que passa um sábio assim que se lhe apresenta um fenômeno extraordinário, anormal, cruelmente**

> **inverossímil, que parece estar em contradição evidente com tudo quanto ele conhece**, com tudo que seus mestres lhe ensinaram, com tudo que ele próprio ensinou. Poderá um jornalista adivinhar o que pensa um fisiologista quando presencia (como eu presenciei), uma expansão sair do corpo do médium, prolongar-se formando duas pernas estranhas que se fixam no solo, emitindo depois mais alguns prolongamentos que tomam aos poucos a forma de mão, da qual se distinguem vagamente os ossos, sentindo a sua pressão nos joelhos. É necessário coragem para crer nisso! E é necessário muito mais coragem para relatar.
>
> **Pensais por exemplo que Crookes**, Oliver Lodge, Schrenck-Notzing, de Rochas, Flammarion, Lombroso **ignoravam que seriam olhados com desprezo por ousarem dizer que o inverossímil e o absurdo são muitas vezes verdadeiros**? ([83])

Mais à frente, após citar o nome de vários pesquisadores, entre eles, naturalmente, o de Crookes, diz Richet:

> […] Os que relataram esses fenômenos só o fizeram com relutância porque foi *contra a vontade* que os consideraram autênticos, consentido publicá-los, com risco de se perderem e de comprometerem a sua reputação de sábio. ([84]) (grifo do original)

Na parte intitulada “Livro II – O inabitual” de ***A***

Grande Esperança, Richet apresenta os seguintes argumentos:

> Em primeiro lugar falarei dos sábios.
>
> **É facílimo dizer que se enganaram e que foram enganados. É uma objeção que está à altura do primeiro sabichão que aparece**. Quando o grande William Crookes relata ter visto, em seu laboratório, Katie King, fantasma capaz de se mover, de respirar ao lado de sua médium, Florence Cook, **o dito sabichão, pode erguer os ombros e dizer: "*É impossível. O bom senso faz afirmar que Crookes foi vítima de uma ilusão, Crookes é um imbecil.*"** Mas esse pobre sabichão não descobriu nem a matéria radiante, nem o tálio, nem as ampolas que transmitem a luz elétrica. E assim, minha escolha está feita. **Se o sabichão disser que Crookes é um farsante ou um louco, serei eu quem sacudirá os ombros**. E pouco importa que rebocados pelo sabichão, uma multidão de jornalistas – que nada viram, nem nada aprofundaram, nem nada estudaram – diga que a opinião de Crookes de nada vale. Não me admirarei.
>
> **Se Crookes ainda estivesse só! Mas não! Há uma nobre plêiade de sábios (grandes sábios) que presenciaram esses fenômenos extraordinários**. Em lugar de fazer essa simples suposição que eles presenciaram do inabitual, poderei considerá-los cretinos ou mentirosos? ([85])

Alguns poucos parágrafos à frente, arremata

Richet: “O grande Lavoisier ousou dizer: *Não há pedras que caem do céu, porque no céu não existem pedras.*” (grifo do original)

Transcrevemos da obra ***História do Espiritismo***, de Arthur Conan Doyle, o seguinte trecho:

> Confessa Crookes que iniciou as suas investigações sobre fenômenos psíquicos pensando que tudo fosse truque. **Seus colegas sustentavam o mesmo ponto de vista e ficaram satisfeitos com a atitude que ele havia adotado. Foi manifestada profunda satisfação porque a investigação ia ser conduzida por um homem tão altamente qualificado**. Quase não duvidavam de que aquilo que consideravam as falsas pretensões do Espiritismo fosse desmascarado. **Disse um escritor: *“Se homem como Mr. Crookes trata do assunto… em breve saberemos em que acreditar.”*** Numa comunicação a Nature, o Doutor Balfour Stewart, mais tarde Professor, elogiou a coragem e a honestidade que levou Mr. Crookes a tomar aquela resolução. O próprio Crookes assentou que era dever dos cientistas fazer tal investigação. E escreveu: *“Tem-se lançado em rosto dos homens de ciência a sua pretensa liberdade de opinião, quando sistematicamente se recusam a fazer uma investigação científica sobre a existência e a natureza de fatos sustentados por tantos testemunhos competentes e fidedignos, e os convidam a um exame livre, onde e quando quiserem. Por minha parte dou muito valor à*

> *pesquisa da verdade e à descoberta de qualquer fato novo na Natureza, para me insurgir contra a investigação apenas por parecer que ela se choca com as opiniões predominantes"*.
>
> Foi com esse Espírito que ele iniciou a sua investigação. ([86]) (grifo em itálico do original, negrito nosso)

Diante de tanta expectativa em relação às suas pesquisas, certamente, que Crookes faria de tudo para correspondê-la, a não ser que não se comportasse como um pesquisador sério que era.

Sigamos em frente, para ver mais de perto as experiências de Crookes, relativas ao fenômeno de materialização.

Aksakof, em ***Um Caso de Desmaterialização***, nos informa sobre quando Crookes iniciou sua pesquisa com a médium Florence Cook:

> **Foi somente no começo do ano de 1874 que o professor William Crookes principiou as suas experiências com Florente Cook**. Numa carta, datada de Londres, a 3 de fevereiro de 1874, o Sr. Crookes exprime-se deste modo: "Florence Cook está, neste momento, exclusivamente ocupada com uma série de sessões particulares para mim e um ou dois amigos. As sessões durarão vários meses, e a médium permitiu que eu tomasse todas as precauções desejáveis… Já vi bastantes fatos para estar convencido da perfeita veracidade e

honradez de Florente Cook.”

Anteriormente, o Sr. William Crookes estudou os fenômenos espíritas com Miss Kate Fox, uma das célebres irmãs Fox, da América. do Norte, que, mais tarde, esposou o Sr. Jencken. ([87])

Um pouco mais à frente, no tópico “Narrativa da médium Florence Cook”, continua Aksakof:

“**Fui à casa do Sr. William Crookes, sem prevenir meus pais ou meus amigos; ofereci-me em sacrifício voluntário sobre o altar da sua incredulidade**.

O incidente desagradável do Sr. Volckmann ([88]) acabava de dar-se, e as pessoas que não compreendiam o fato diziam coisas cruéis a meu respeito. O Sr. William Crookes, que já tinha feito algumas experiências, também procedia como os outros.

Uma coisa que ele havia dito atormentou-me de tal modo que fui diretamente procurá-lo, sem outro pensamento que não fosse o de desculpar-me diante dele e do mundo inteiro. Eis o que eu lhe disse: **‘Acreditais que sou uma impostora; pois bem, virei à vossa casa, a senhora Crookes dar-me-á o vestuário que ela quiser, e examinará a roupa com que eu chegar. Vós me vigiareis tanto tempo quanto isso vos convier, fareis todas as experiências que desejardes, a fim de vos convencerdes completamente**. Só estabeleço uma condição: **Se virdes que sou mistificadora, denunciai-me tão fortemente e**

> **publicamente quanto quiserdes**; porém, se reconhecerdes que os fenômenos são verdadeiros, e que eu sou apenas um instrumento nas mãos dos Invisíveis, dizei-o francamente e bem alto, para me absolverdes aos olhos do mundo."
>
> O Sr. William Crookes cumpriu a sua palavra como perfeito cavalheiro que é, embora lhe custasse muito essa confissão, fazendo-a francamente e sem equívoco possível. ([89])

Essa atitude da médium de se colocar à disposição de Crookes que, em princípio, também pensar ser ela uma impostora, é digno de pessoa que está comprometida com a verdade, tanto é que, ao final, completa: "Se virdes que sou mistificadora, denunciai-me tão fortemente e publicamente quanto quiserdes."

Retornando à transcrição:

> Por esta carta, fica-se certo de que Miss Cook desejava o apoio do sábio William Crookes; ela o obteve, como se sabe, e nele achou um ardente defensor. **A princípio, a opinião geral acreditou encontrar no Sr. Crookes um demolidor do Espiritismo, e aclamou-se esse conceito com uma grande alegria, pensando-se que ele descobriria o segredo de todas as mistificações; seria isso a ruína das crenças absurdas que os espíritas pretendiam implantar como verdades**.
>
> Não devia, porém, assim suceder! **Com grande surpresa para todos, o Sr. Crookes concluiu**

> **afirmando que todos os fatos eram verdadeiros.** Foi preciso, portanto, aceitar de bom ou malgrado aquilo que estava provado cientificamente.
>
> **A opinião pública, mudou logo; o sábio, tão glorificado no começo, foi coberto de zombarias e epítetos desagradáveis. Outro qualquer, que não fosse o Sr. Crookes, não teria resistido, mas seu caráter era tão puro que ele não pôde recuar diante das suas observações**.
>
> Tudo o que se pôde fazer ou dizer não o impediu de seguir, com êxito sempre crescente, o caminho do seu destino. ([90])

Muito sintomático, pensavam que Crookes provaria a falsidade dos fenômenos, e aí acreditavam nele, mas quando comprovou o descararam, sem dar valor algum às suas experiências.

Vejamos agora um pouco de suas pesquisas dos fenômenos. Transcreveremos alguns trechos da obra ***Fatos Espíritas***, na qual Crookes relata suas pesquisas. Vejamos o que disse em “Fenômenos espíritas”:

> Assim como um viajante que explora um país longínquo, cujas maravilhas não fossem até então conhecidas senão por notícias e contos de caráter vago e pouco exato, assim, desde **quatro anos procedo assiduamente a pesquisas em uma região das ciências naturais que oferece ao homem de ciência um solo quase virgem**.
>
> […].

> Os diversos fenômenos que venho atestar são tão extraordinários e tão inteiramente opostos aos mais enraizados pontos do credo científico – entre outros a universal e invariável ação da força de gravitação –, que mesmo agora, recordando-me dos detalhes de que fui testemunha, **há antagonismo em meu espírito entre minha razão, que diz ser isso cientificamente impossível, e o testemunho de meus sentidos da vista e do tato, testemunho corroborado pelos sentidos de todas as pessoas presentes** – que me dizem não serem testemunhos mentirosos, visto que eles depõem contra as minhas ideias preconcebidas. ([91])

Sim, caro leitor, Crookes já dava como sendo um fenômeno novo para a ciência, cuja autenticidade ele, humildemente, reconhece que a sua razão não o admitia, porém, diante dos fatos que lhe foram apresentados e testemunhados por pessoas idôneas, não havia o porquê de não o aceitar.

Sobre os testemunhos, reforçamos com esta fala de Edward Augustus Brackett (1818-1908), mencionada em ***O Psiquismo Experimental***, por Alfred Erny (1838-1903):

> “Se, no estudo desses fenômenos, não bastam os atestados de centenas de pessoas dignas de fé, e mesmo os de vários sábios, então há razão para abolir os juízes, os jurados e as testemunhas,

> como nada mais sendo do que atores que representam uma comédia em nome da Justiça.” ([92])

Argumento na medida certa contra os que não querem dar nenhum valor à opinião dos que testemunharam os fenômenos de materialização.

Acrescente-se este depoimento do Dr. Giuseppe Lapponi (1851-1906), principal médico dos papas Leão XIII e Pio X, no início do século XX, constante de ***Hipnotismo e Espiritismo***:

> Tudo somado, **tem-se uma cifra tal de testemunhas que não se pode absolutamente desprezar, sem pecar por excessiva leviandade**, tanto mais que talvez nenhuma delas se converteu ao Espiritismo sem ter sido testemunha e parte nos seus portentos.
>
> Entre estas testemunhas, existem as das mais diversas nações: americanos, ingleses, franceses, dinamarqueses, holandeses escandinavos, alemães, russos, espanhóis, portugueses, italianos, e ainda egípcios e hindus.
>
> Quanto às crenças, temos mórmons, ateus, materialistas, racionalistas, ortodoxos, cismáticos, protestantes e também católicos. ([93])

> […] **Ante testemunhos tão numerosos**, tão seletos, tão competentes, tão pesquisadores, tão desconfiados, **parece-nos seria muito desarrazoado conservar dúvidas sobre a**

> **realidade dos fatos** que servem de base ao Espiritismo. ([94])

Retornando a ***Fatos Espíritas***, avançando mais um pouco, tomaremos o seguinte trecho de seus argumentos:

> **Seguindo o plano que adotei em outras circunstâncias – plano que, embora contrariando muito as ideias preconcebidas de certos críticos, me parecia, por boas razões**, aceitável aos leitores do *Quarterly Journal of Science* –, tinha eu a intenção de apresentar os resultados de meu trabalho sob a forma de um ou dois artigos para esse jornal. Mas, **revendo as minhas notas, achei tal riqueza de fatos, tal superabundância de provas, tão esmagadora massa de testemunhos**, que, para as pôr todas em ordem, era preciso encher vários números do *Quarterly*.
>
> É mister, pois, que atualmente me limite a dar um esboço dos meus trabalhos, reservando para outra ocasião as provas e os detalhes mais amplos.
>
> **O meu fim principal será, pois, fazer conhecer a série das manifestações que se produziram em minha casa, em presença de testemunhas dignas de fé e sob as condições dos mais severos exames que pude imaginar**. Demais, **cada fato que observei é corroborado por pessoas independentes, que o observaram em outros tempos e em outros lugares**.
>
> Ver-se-á que todos esses fatos têm o caráter

> mais surpreendente e que parecem inteiramente inconciliáveis com todas as teorias conhecidas da ciência moderna.
>
> **Tendo-me assegurado da sua realidade, seria uma covardia moral negar-lhes o meu testemunho, só porque as minhas publicações precedentes foram ridicularizadas por críticos e outras pessoas que nada em absoluto conheciam do assunto** e que supunham ter bastante critério para ver e julgar por si mesmas se esses fenômenos eram ou não verdadeiros.
>
> **Direi simplesmente tudo o que vi e o que me foi provado por experiências repetidas e verificadas**, e tenho ainda necessidade de que me demonstrem não ser razoável esforçar-se uma pessoa por descobrir as causas de fenômenos inexplicados. ([95])

Sim, há que se ter coragem para publicar algo em que se sabe vir impropérios, agressões e discriminação perante os seus pares. Crookes não se curvou, e, segundo seu próprio depoimento não passava pela sua mente agir com “covardia moral negar-lhes o meu testemunho”. Atitude, certamente, que poucos tomariam, somente aqueles para os quais a verdade deve estar acima de tudo.

Vejamos isto que consta no tópico “Movimento de corpos pesados com contato, mas sem esforço mecânico”:

> Eis uma das formas mais simples dos fenômenos que observei. Ela varia em grau, desde o tremor de um aposento e do seu conteúdo, até a elevação ao ar de um corpo pesado, quando a mão está colocada em cima. Pode-se objetar que, ao se tocar uma coisa que está em movimento, é possível empurrá-la, atraí-la ou levantá-la; provei, por experiência, que em casos numerosos isso não se verifica; mas, a título de provas, ligo pouca importância a esta classe de fenômenos, e só os menciono como preliminares de outros movimentos do mesmo gênero, produzidos, porém, sem contato.
>
> Esses movimentos, posso mesmo dizer, os fenômenos da mesma natureza, **são geralmente precedidos de um resfriamento do ar, todo especial, que chega, algumas vezes, a tornar-se um vento bem pronunciado**. Sob a sua influência vi folhas de papel elevarem-se e **o termômetro baixar de vários graus**. Em outras ocasiões, das quais mais tarde darei pormenores, não notei nenhum movimento real de ar, mas **o frio foi tão intenso que só posso compará-lo ao que se sente quando se tem a mão a algumas polegadas do mercúrio gelado**. ([96])

Embora tais ocorrências não sejam propriamente materializações, nós as transcrevemos somente para demonstrar que, em certos tipos de fenômenos de efeitos físicos, acontecem coisas bem “palpáveis”, vamos assim dizer.

Aqui, Crookes relata sobre a questão da

temperatura ambiente, que levou o termômetro a baixar vários graus, trata-se, portanto, de algo objetivo.

Dissertando sobre “Formas e figuras de fantasmas”, Crookes diz: “[…] **As condições necessárias à sua aparição dir-se-iam tão delicadas, e é preciso tão pouca coisa para contrariar a manifestação,** […].” ([97])

Assim, se vê que, por experiência, observou Crookes que a produção dos fenômenos de materialização possuía nuances muito delicadas, de tal forma que o menor fator poderia inviabilizá-los.

Agora vejamos alguns trechos ou capítulos da obra ***Fatos Espíritas***, relativos à médium Florence Cook, nos quais Crookes narra suas experiências com essa médium.

Na parte em que trata da “Mediunidade da Srta. Florence Cook”, lemos:

> As cartas seguintes apareceram nos jornais espiritualistas, nas datas que trazem, e formam a conclusão natural desta série de memórias.
>
> “Senhor:
>
> “Esforcei-me o mais que pude para evitar toda controvérsia, escrevendo ou falando sobre assunto tão apaixonável quanto os fenômenos chamados espíritas. A não ser em muito pequeno número de casos, onde a eminente posição dos meus adversários poderia emprestar ao meu silêncio outros motivos que não os verdadeiros, **não**

repliquei jamais os ataques e as falsas interpretações que a minha ligação a essa causa ocasionou contra mim.

“O caso é outro, entretanto, quando algumas linhas de minha parte puderem, talvez, afastar uma injusta suspeita atirada sobre alguém; e **quando esse alguém é uma mulher, moça sensível e inocente, cumpre-me o dever especial de empregar a autoridade do meu testemunho em favor dela, que creio injustamente acusada**.

“Entre todos os argumentos apresentados de um e outro lado, relativamente aos fenômenos obtidos pela mediunidade da Srta. Cook, vejo poucos fatos estabelecidos de maneira a conduzir o leitor desprevenido a dizer, no caso, que possa ter confiança no critério e na veracidade do narrador: ‘Enfim, eis uma prova absoluta!’

“**Vejo muito fortes asserções, muita exageração não intencional, conjeturas e suposições sem fim, não poucas insinuações de fraude, um pouco de gracejo vulgar, mas não vejo ninguém apresentar-se com as afirmações positivas, baseadas na evidência dos seus próprios sentidos**, de que, quando a forma que se denomina *Katie* está na sala, o corpo a Srta. Cook está nesse momento no gabinete, ou por outra, não está.

“Assim, parece-me que toda a questão está estritamente limitada.

“Que se prove como fato uma ou outra das alternativas precedentes, e todas as outras questões subsidiárias serão afastadas.

“Mas **a prova deve ser absoluta**: não deve ser baseada num raciocínio por indução ou aceita à vista da integridade suposta dos selos, dos nós ou das costuras, pois tenho razão para estar certo de que o poder em atividade nesses fenômenos é como o amor, que 'zomba das fechaduras'.

“Eu tinha esperança de que alguns dos amigos da Srta. Cook, que acompanharam as suas sessões quase desde o começo, e que parecem ter sido altamente favorecidos nas provas que receberam, tivessem dado, antes de mim, testemunhos em seu favor. Mas, na falta das testemunhas que seguiram esses fenômenos desde o seu começo, há cerca de três anos, seja-me permitido, a mim que não fui admitido senão muito tarde, expor um fato verificado em uma sessão para que eu fora convidado, a pedido da Srta. Cook, e que se realizou alguns dias depois do desagradável acontecimento que deu origem a essa controvérsia.

“A sessão realizava-se na casa do Sr. Luxmoore e o ‘gabinete’ era uma sala afastada, separada por uma cortina da sala da frente onde se achavam os assistentes.

“**Tendo sido preenchida a formalidade ordinária de examinar a sala e as fechaduras**, a Srta. Cook penetrou o gabinete.

“Pouco tempo depois, **a forma de Katie apareceu ao lado da cortina, mas retirou-se logo**, dizendo que o fazia porque haveria perigo em se afastar do seu médium visto que este não se achava bem e não poderia ser lançado em sono suficientemente profundo.

"**Eu estava colocado a alguns pés da cortina**, atrás da qual a Srta. Cook se achava sentada, tocando-a quase, e podia frequentemente ouvir os seus gemidos e suspiros, como se ela sofresse. Esse mal-estar continuou por intervalos, durante quase toda a sessão, *e uma vez, quando a forma de Katie estava diante de mim, na sala, ouvi distintamente o som de um suspiro doloroso, idêntico aos que a Srta. Cook tinha feito ouvir, por intervalos, durante todo o tempo da sessão e que vinha de trás da cortina onde ela devia estar sentada*.

[…].

"**Os leitores conhecem-me, e naturalmente crerão, espero, que não adotarei precipitadamente uma opinião**, nem que lhes pedirei para estarem de acordo comigo, apresentando eu uma prova insuficiente. É talvez muita ousadia pensar que o pequeno incidente que mencionei tenha para eles o mesmo valor que teve para mim; entretanto, pedirei isto: *Que aqueles que se inclinam a julgar severamente a Srta. Cook suspendam o seu juízo até que eu apresente uma prova cabal que, acredito, será suficiente para resolver a questão*.

"Presentemente, a Srta. Cook consagra-se exclusivamente a uma série de sessões particulares, às quais não assistem senão um ou dois dos meus amigos e eu; essas sessões se prolongarão provavelmente durante alguns meses e **tenho a promessa de que toda prova, que eu desejar, me será dada**. Essas sessões não se vêm realizando senão há algumas semanas, mas **já as houve suficientes para me convencerem**

> **plenamente da sinceridade e da honestidade perfeita da Srta. Cook**, e para me darem todo o fundamento de acreditar que as promessas que Katie tem feito, tão livremente, serão cumpridas.
>
> "Agora, o que peço é que os leitores não presumam precipitadamente que tudo o que à primeira vista parece duvidoso importe necessariamente numa decepção e que suspendam o seu juízo até que eu lhes fale de novo a respeito desses fenômenos.
>
> "Sou, etc.
>
> *William Crookes*
>
> 20, Mornington Road, London, *3 de fevereiro de 1874."* ([98]) (grifo itálico do original, negrito nosso)

Crookes defende a médium Florence Cook atestando a sua sinceridade e honestidade, certamente, refutando os que diziam ser as materializações, por seu intermédio, produto de falcatruas. Aliás, o seguinte trecho de sua fala deixa bem claro o cuidado que ele tinha em relação às manifestações: "Tendo sido preenchida a formalidade ordinária de examinar a sala e as fechaduras".

Ademais, a mudança de local, inclusive, com sessões na própria casa de Crookes é outro fator que comprova não haver nenhum tipo de procedimento antecipado visando montar-se uma "peça teatral", em vez de algo verídico. Vejamos o que disse a respeito:

> […] **Essas centenas de fatos, produziram-se na minha própria casa, nas épocas por mim designadas, e em circunstâncias que excluíam absolutamente o emprego e o auxílio do mais simples instrumento**.
>
> […].
>
> A isso posso responder afirmando que à exceção de alguns casos mui pouco numerosos de que se tratou em um parágrafo precedente, caso que os motivos de exclusão, quaisquer que fossem, não serviam certamente de véu para o embuste, compus eu mesmo a minha roda de amigos, introduzi todos os incrédulos que me convieram, e **geralmente impus condições escolhidas com cuidado por mim mesmo, para evitar toda a possibilidade de fraude**. ([99])

No tópico “Formas de Espíritos”, Crookes relata um dos casos de materialização através da médium Florence Cook:

> “Em carta que escrevi a esses jornais no começo de fevereiro último, **falei dos fenômenos de formas de Espíritos que se tinham manifestado pela mediunidade da Srta. Cook** e dizia que aqueles que se inclinassem a julgar severamente a Srta. Cook suspendessem o seu juízo até que eu apresentasse uma prova cabal, que acreditava suficiente para resolver a questão.
>
> **Neste momento a Srta. Cook consagra-se exclusivamente a uma série de sessões particulares, às quais não assistem senão um**

ou dois dos meus amigos e eu. Vi o bastante para me convencer plenamente **da sinceridade e da honestidade perfeitas da Srta. Cook** e para crer, com todo o fundamento, que as promessas que Katie me fez, tão livremente, serão cumpridas.

Nessa carta **descrevi um incidente que, em minha opinião, era muito próprio para me convencer de que Katie e a Srta. Cook eram dois seres materiais distintos**. Quando Katie estava fora do gabinete, em pé, diante de mim, ouvi um gemido vindo da Srta. Cook, que se achava no gabinete. Considero-me feliz por dizer que obtive, enfim, a *prova cabal* de que falava na carta supramencionada.

Por enquanto não me referirei à maior parte das provas que Katie me forneceu nas inúmeras ocasiões em que a Srta. Cook me favoreceu com as suas sessões em minha casa e só descreverei uma ou duas das que se realizaram recentemente.

Desde algum tempo fazia eu experiências com uma lâmpada fosforescente, que consistia em uma garrafa de 6 ou 8 onças que continha um pouco de óleo fosforado e estava solidamente arrolhada. **Eu tinha razões para esperar que, à luz dessa lâmpada, alguns dos misteriosos fenômenos do gabinete pudessem tornar-se visíveis e Katie também esperava obter o mesmo resultado**.

A 12 de março, **durante uma sessão em minha casa** e depois de Katie ter andado entre nós e ter falado durante algum tempo, esta retirou-se para trás da cortina que separava o meu laboratório,

onde os assistentes estavam sentados, da minha biblioteca, que temporariamente serviu de gabinete. Um momento depois ela reapareceu à cortina e chamou-me, dizendo: *"Entre no aposento e levante a cabeça da médium; ela escorregou para o chão".* Katie estava então em pé, diante de mim, trajada com seu vestido branco habitual e trazia um turbante.

Imediatamente dirigi-me à biblioteca para levantar a Srta. Cook, e Katie deu alguns passos de lado para me deixar passar.

Com efeito, a Srta. Cook tinha escorregado um pouco de cima do canapé e sua cabeça pendia em posição muito penosa. Tornei a pô-la no canapé e fazendo isso **tive, apesar da escuridão, a viva satisfação de verificar que a Srta. Cook não estava trajada com o vestuário de Katie**, mas que trazia a sua vestimenta ordinária de veludo preto e se achava em profunda letargia. **Não decorreu mais que três segundos entre o momento em que vi Katie de vestido branco diante de mim e o em que coloquei a Srta. Cook no canapé**, tirando-a da posição em que se achava.

Voltando ao meu posto de observação, Katie apareceu de novo e disse que pensava poder mostrar-se a mim ao mesmo tempo em que a sua médium. Abaixou-se o gás e ela me pediu a lâmpada fosforescente. Depois de ter-se mostrado à claridade durante alguns segundos, ma restituiu, dizendo: *"Agora, entre e venha ver a minha médium"*. Acompanhei-a de perto à minha biblioteca e, à claridade da lâmpada, vi a Srta. Cook estendida no canapé, exatamente como eu a

tinha deixado; olhei em torno de mim para ver Katie, porém ela tinha desaparecido. Chamei-a, mas não recebi resposta. Voltei ao meu lugar; Katie tornou a aparecer logo e me disse que durante todo o tempo tinha estado em pé, perto da Srta. Cook; perguntou, então, se ela própria não poderia tentar uma experiência e, tomando das minhas mãos a lâmpada fosforescente, passou para trás da cortina, pedindo não olhasse para o gabinete.

No fim de alguns minutos, restituiu-me a lâmpada, **dizendo que não tinha podido sair-se bem, que havia esgotado todo o fluido da médium, mas que tornaria a experimentar em outra ocasião**. Meu filho mais velho, rapaz de 14 anos, que estava sentado à minha frente, em posição que podia ver o que se passava por trás da cortina, disse-me que tinha visto distintamente a lâmpada fosforescente, que parecia planar no espaço acima da Srta. Cook, iluminando-a durante o tempo em que ela estivera estendida e imóvel no canapé, mas que não tinha podido ver ninguém segurar a lâmpada.

Passo agora à sessão que se realizou ontem, à noite, em Hackney, Katie nunca apareceu com tão grande perfeição. **Durante perto de duas horas passeou na sala, conversando familiarmente com os que estavam presentes. Várias vezes tomou-me o braço, andando, e a impressão sentida por mim era a de uma mulher viva que se achava a meu lado, e não de um visitante do outro mundo**; essa impressão foi tão forte, que a tentação de repetir uma nova e curiosa, experiência tornou-se-me quase irresistível.

[…].

Mas o que vai seguir mostrará quão pouco fundamento tem um experimentador, por maior cuidado que tenha nas suas observações, em aventurar-se a formular uma importante conclusão quando as provas não existem em quantidade suficiente.

Katie disse então que dessa vez se julgava capaz de mostrar-se ao mesmo tempo em que a Srta. Cook. Abaixei o gás e, em seguida, com a minha lâmpada fosforescente penetrei o aposento que servia de gabinete.

Mas eu tinha pedido previamente a um dos meus amigos, que é hábil estenógrafo, para anotar toda observação que eu fizesse, enquanto estivesse no gabinete, porque bem conhecia eu a importância que se liga às primeiras impressões e não queria confiar à minha memória mais do que fosse necessário: as suas notas acham-se neste momento diante de mim.

Entrei no aposento com precaução: estava escuro e foi pelo tato que procurei a Srta. Cook; encontrei-a de cócoras, no soalho. Ajoelhando-me, deixei o ar entrar na lâmpada e, à sua claridade, vi essa moça vestida de veludo preto, como se achava no começo da sessão, e com toda a aparência de estar completamente insensível. Não se moveu quando lhe tomei a mão; conservei a lâmpada muito perto do seu rosto, mas continuou a respirar tranquilamente.

Elevando a lâmpada, olhei em torno de mim e vi Katie, que se achava em pé, muito perto da Srta. Cook e por trás dela. Katie estava vestida com uma roupa branca, flutuante, como já a

tínhamos visto durante a sessão. Segurando uma das mãos da Srta. Cook na minha e ajoelhando-me ainda, elevei e abaixei a lâmpada, tanto para alumiar a figura inteira de Katie, como para plenamente convencer-me de que eu via, sem a menor dúvida, a verdadeira Katie, que tinha apertado nos meus braços alguns minutos antes, e não o fantasma de um cérebro doentio. Ela não falou, mas moveu a cabeça, em sinal de reconhecimento. **Três vezes examinei cuidadosamente a Srta. Cook, de cócoras, diante de mim, para ter a certeza de que a mão que eu segurava era de fato a de uma mulher viva, e três vezes voltei à lâmpada para Katie, a fim de a examinar com segurança e atenção, até não ter a menor dúvida de que ela estava diante de mim**. Por fim, a Srta. Cook fez um ligeiro movimento e imediatamente Katie deu um sinal para que me fosse embora. Retirei-me para outra parte do gabinete e deixei então de ver Katie, mas só abandonei o aposento depois que a Srta. Cook acordou e que dois dos assistentes entrassem com luz.

Antes de terminar este artigo, **desejo salientar algumas diferenças que observei entre a Srta. Cook e Katie**. **A estatura de Katie** era variável: em minha casa a vi maior 6 polegadas do que a Srta. Cook. Ontem à noite, tendo os pés descalços e não se apoiando na ponta dos pés, ela era maior 4 polegadas e meia do que a Srta. Cook e **tinha o pescoço descoberto; a pele era perfeitamente macia ao tato e à vista**, enquanto a Srta. Cook tem no pescoço uma cicatriz que, em circunstâncias semelhantes, se vê distintamente,

> sendo áspera ao tato. **As orelhas de Katie não são furadas, enquanto as da Srta. Cook** trazem ordinariamente brincos. **A cor de Katie é muito branca, enquanto a da Srta. Cook é muito morena. Os dedos de Katie são muito mais longos que os da Srta. Cook e seu rosto é também maior**. Nas formas e maneiras de se exprimir há também diferenças assinaladas.
>
> A saúde da Srta. Cook não é assaz boa para lhe permitir dar, antes de algumas semanas, outras sessões experimentais como essas, e em consequência disso **insistimos fortemente para que ela tivesse um repouso completo antes de recomeçar a campanha de experiências** de que dei uma exposição sumária e, em próximo tempo, espero poder fazer conhecer os resultados." ([100]) (grifo itálico do original, negrito nosso)

Observa-se que Crookes obteve a prova incontestável de que a entidade Katie King e Florence Cook eram personagens distintos. Certamente, que ele se preocupou em demonstrar isso, por terem surgido insinuações de que a médium fingia ser o Espírito, realizando algum tipo de trapaça, que o pesquisador não foi capaz de detectar.

Claro, existiam aqueles que tomavam esses fenômenos como produto de alucinação, loucura, etc. A resposta de Crookes a eles:

> **Supor que uma espécie de loucura ou de**

> **ilusão vem dominar subitamente um grupo de pessoas inteligentes e sensatas**, que estão de acordo sobre as menores particularidades e detalhes dos fatos de que são testemunhas, **parece-me mais incrível do que os próprios fatos que eles atestam**. ([101])

Não bastasse isso Crookes conseguiu até mesmo fotografar o Espírito Katie King, conforme relatado no tópico “Última aparição de Katie King, sua fotografia com o auxílio da luz elétrica”:

> “Tendo eu tomado parte muito ativa nas últimas sessões da Srta. Cook e obtido muito bom êxito na produção de numerosas fotografias de Katie King, com o auxílio da luz elétrica, julguei que a publicação de alguns detalhes seria interessante para os espiritualistas.
>
>
> **Fig. 4:** William Crookes com Katie King (à esquerda) e com Florence Cook (à direita)
>
> **Durante a semana que precedeu a partida de Katie, ela deu sessões em minha casa, quase todas as noites, a fim de me permitir fotografá-la à luz artificial**. Cinco aparelhos completos de fotografia foram, pois, preparados para esses efeitos. Eles consistiam em cinco câmaras escuras, uma do tamanho de placa inteira, uma de meia

placa, uma de quarta, e de duas câmaras estereoscópicas binoculares, que deviam todas ser dirigidas sobre Katie ao mesmo tempo, cada vez que ela ficasse em posição de se lhe obter o retrato. Cinco banhos sensibilizadores e fixadores foram empregados e grande números de placas foram preparadas previamente, prontas a servir, a fim de que não houvesse nem hesitação nem demora durante as operações fotográficas, que eu mesmo executei, assistido por um ajudante.

A minha biblioteca serviu de câmara escura: ela possuía uma porta de dois batentes que se abria para o laboratório; um desses batentes foi levantado dos seus gonzos e uma cortina colocada em seu lugar, para permitir a Katie entrar e sair facilmente. Os nossos amigos, que se achavam presentes, estavam sentados no laboratório, em frente à cortina, e as câmaras escuras ficaram colocadas um pouco atrás deles, prontas a fotografar Katie quando ela saísse, e a tomar igualmente o interior do gabinete todas as vezes que a cortina fosse levantada para esse fim.

Cada noite, havia 3 ou 4 exposições de placas nas 5 câmaras escuras, o que dava pelo menos 15 provas por sessão. Algumas se estragaram no desenvolvimento, outras ao regular a luz; **apesar de tudo, tenho 44 negativos, uns medíocres, alguns nem bons nem maus e outros excelentes**.

Katie recomendou a todos os assistentes que ficassem sentados e observassem essa exigência; somente eu não fui incluído na medida; depois de algum tempo permitiu-me fazer o que eu desejasse, tocá-la, entrar no gabinete e dele sair,

quase todas as vezes que eu quisesse.

Acompanhei-a muitas vezes ao gabinete e algumas vezes vi Katie e a médium, ao mesmo tempo; geralmente, pois, eu só encontrava a médium em letargia e deitada no soalho; Katie, com o seu vestuário branco, tinha instantaneamente desaparecido.

Durante esse seis últimos meses, a Srta. Cook fez-nos numerosas visitas e demorava-se algumas vezes uma semana em nossa casa; só trazia consigo pequena mala de mão, que não fechava à chave; durante o dia estava em companhia da Sra. Crookes, na minha ou na de algum outro membro da minha família; **não dormia só, não tinha ocasião de preparar algo, mesmo de caráter menos aperfeiçoado, que fosse apto para representar o papel de Katie King**.

Eu mesmo preparei e dispus a minha biblioteca, assim como a câmara escura, e, como de costume, depois que a Srta. Cook jantava e conversava conosco, ela se dirigia logo ao gabinete; a seu pedido **eu fechava à chave a segunda porta, guardando a chave comigo durante toda a sessão**; então, abaixava-se o gás e deixava-se a Srta. Cook na escuridão.

Entrando no gabinete, a Srta. Cook deitava-se no soalho, repousando a cabeça num travesseiro, e logo depois caía em letargia. Durante as sessões fotográficas, Katie envolvia a cabeça da médium com um xale, para impedir que a luz lhe caísse sobre o rosto.

Várias vezes levantei um lado da cortina, quando Katie estava em pé, muito perto, e

então não era raro que as 7 ou 8 pessoas que estavam no laboratório pudessem ver, ao mesmo tempo, a Srta. Cook e Katie, à plena claridade da luz elétrica. Não podíamos então perceber o rosto da médium, por causa do chalé, mas notávamos as suas mãos e pés; vimo-la mover-se, penosamente, sob a influência dessa luz intensa, e, por momentos, ouvíamos-lhe os gemidos.

Tenho uma prova de Katie e da médium fotografadas juntamente; mas Katie está colocada diante da cabeça da Srta. Cook.

Enquanto eu tomava parte ativa nessas sessões, a confiança que em mim tinha Katie aumentava gradualmente, a ponto de ela não querer mais prestar-se à sessão, sem que eu me encarregasse das disposições a tomar, dizendo que queria sempre me ter perto dela e perto do gabinete. Desde que essa confiança ficou estabelecida, e quando ela teve a satisfação de estar certa de que eu cumpriria as promessas que lhe fazia, os fenômenos aumentaram muito em força e foram-me dadas provas que me seriam impossíveis obter se me tivesse aproximado da médium de maneira diferente.

Katie me interrogava muitas vezes a respeito das pessoas presentes às sessões e sobre o modo de serem colocadas, pois nos últimos tempos se tinha tornado muito nervosa, em consequência de certas sugestões imprudentes, que aconselhavam empregar a força para tornar as pesquisas mais científicas.

Uma das fotografias mais interessantes é

aquela em que estou em pé, ao lado de Katie, tendo ela o pé descalço sobre determinado ponto do soalho. Vestiu-se em seguida a Srta. Cook como Katie; ela e eu nos colocamos exatamente na mesma posição, e fomos fotografados pelas mesmas objetivas colocadas perfeitamente como na outra experiência, e alumiados pela mesma luz. Quando os dois esboços foram postos um sobre o outro, as minhas duas fotografias coincidiram perfeitamente quanto ao porte, etc., mas Katie é maior meia cabeça do que a Srta. Cook e perto dela parece uma mulher gorda. **Em muitas provas, o tamanho do seu rosto e a estatura do seu corpo diferem essencialmente da médium e as fotografias fazem ver vários outros pontos de dessemelhança**.

Mas a fotografia é tão impotente para representar a beleza perfeita do rosto de Katie quanto as próprias palavras o são para descrever o encanto de suas maneiras. A fotografia pode, é verdade, dar um desenho do seu porte; mas como poderá ela reproduzir a pureza brilhante de sua tez ou a expressão sempre cambiante dos seus traços, tão móveis, ora velados pela tristeza, quando narra algum acontecimento doloroso da sua vida passada, ora sorridente, com toda a inocência de uma menina, quando reúne os meus filhos ao redor de si e os diverte contando-lhes episódios das suas aventuras na Índia?

Vi tão bem Katie, recentemente, quando estava alumiada pela luz elétrica, que me é possível acrescentar alguns traços às diferenças que, em precedente artigo, estabeleci entre ela e a médium.

Tenho a mais absoluta certeza de que a Srta. Cook e Katie são duas individualidades distintas, pelo menos no que diz respeito aos seus corpos. Vários pequenos sinais, que se acham no rosto da Srta. Cook, não existem no de Katie. A cabeleira da Srta. Cook é de um castanho tão forte que parece quase preto; um cacho da cabeleira de Katie, que tenho à vista e que ela me permitira cortar de suas tranças luxuriantes, depois de ter seguido com os meus próprios dedos até ao alto da sua cabeça e de haver convencido de que ali nascera, é de um rico castanho dourado.

Uma noite, contei as pulsações de Katie; o pulso batia regularmente 75, enquanto o da Srta Cook, poucos instantes depois atingia a 90, seu número habitual. Auscultando o peito de Katie, eu ouvia um coração bater no interior e as suas pulsações eram ainda mais regulares que as do coração da Srta. Cook, quando, depois da sessão, ela me permitia igual verificação.

Examinados da mesma forma, os pulmões de Katie mostraram-se mais sãos que os da médium, pois, no momento em que fiz a experiência, a Srta. Cook seguia tratamento médico por motivo de grave bronquite.

Os leitores acharão, sem dúvida, interessante que as suas narrações e as do Sr. Ross Church, acerca da aparição de Katie, venham reunir-se às minhas, pelo menos as que posso publicar.

Quando chegou o momento de Katie nos deixar, pedi-lhe o obséquio de ser eu o último a vê-la. Chamou ela a si cada pessoa da sociedade e lhes disse algumas palavras em particular, deu

instruções gerais sobre nossa direção futura e sobre a proteção a dispensar à Srta. Cook. Dessas instruções, que foram estenografadas, cito o seguinte: *"O Sr. Crookes sempre agiu muito bem, e é com a maior confiança que deixo Florence em suas mãos, perfeitamente convicta de que não faltará à confiança que tenho nele. Em todas as circunstâncias imprevistas, o Sr. Crookes poderá agir melhor do que eu mesma, porque tem mais força."*

Tendo terminado suas instruções, Katie convidou-me a entrar no gabinete consigo e permitiu-me ficar nele até o fim. Depois de fechada a cortina, conversou comigo durante algum tempo, em seguida atravessou o quarto para ir até a Srta. Cook, que jazia inanimada no soalho; inclinando-se para ela, Katie tocou-a e disse-lhe: *"Acorda, Florence, acorda! É preciso que eu te deixe agora!"*

A Srta. Cook acordou e, em lágrimas, suplicou a Katie que ficasse algum tempo ainda: *"Minha cara, não posso; a minha missão está cumprida; Deus te abençoe!"*, respondeu Katie, e continuou a falar à Srta. Cook. Durante alguns minutos conversaram juntas, até que enfim as lágrimas da Srta. Cook a impediram de falar. Seguindo as instruções de Katie, precipitei-me para suster Cook, que ia cair sobre o soalho e que soluçava convulsivamente. Olhei ao redor de mim, mas Katie, com o seu vestido branco, tinha desaparecido. Logo que a Srta. Cook ficou suficientemente calma, trouxeram luz e a eu conduzi para fora do gabinete.

As sessões, quase diárias, com que a Srta. Cook me favoreceu ultimamente, muito esgotaram

as suas forças e desejo patentear, o mais possível, os obséquios que lhe devo pelo seu empenho em me ajudar nas experiências.

A qualquer prova que eu propusesse, concordava ela em submeter-se com a maior boa vontade; a sua palavra é franca e viva e vai diretamente ao assunto. Nunca vi a menor coisa que pudesse assemelhar-se a mais ligeira aparência do desejo de enganar. **Na verdade, não creio que ela pudesse levar uma fraude a bom termo, porque, se o tentasse, seria prontamente descoberta, por ser completamente estranho à sua natureza tal modo de proceder.**

E quanto a imaginar que uma inocente colegial de 15 anos tenha sido capaz de conceber e de pôr em prática durante três anos, com grande êxito, tão gigantesca impostura como esta, e que durante esse tempo se tenha submetido a todas as condições que dela se exigiram, que tenha suportado as pesquisas mais minuciosas, que tenha consentido em ser examinada a cada momento, fosse antes, fosse depois das sessões; que tenha obtido ainda mais êxito na minha própria casa do que na casa de seus pais, sabendo que ia para ali expressamente com o fim de se submeter a rigorosos ensaios científicos, quanto a imaginar que a Katie King dos três últimos anos é o resultado de uma impostura, isso faz mais violência à razão e ao bom senso do que crer que Katie King é o que ela própria afirma ser.

Não me seria conveniente concluir este artigo sem agradecer igualmente ao Sr. e à Sra. Cook as grandes facilidades que me proporcionaram para

> poder prosseguir nas minhas observações e experiências. Os meus agradecimentos e os de todos os espiritualistas são também devidos ao Sr. Charles Blackburn, pela sua generosidade que permitiu à Srta. Cook consagrar todo o seu tempo ao desenvolvimento dessas manifestações e, em último lugar, ao seu exame científico.” ([102]) (grifo itálico do original, negrito nosso)

As sessões com fotografias deveriam ser uma prova irrecusável não fosse a teimosia da grande maioria dos cientistas. É bom lembrar que, a essa época, as fotografias estavam bem distantes de qualquer manipulação tecnológica (photoshop) da atualidade, porquanto “A primeira fotografia reconhecida foi feita em 1826, pelo francês Joseph Nicéphore Niépce [...].” ([103])

Em *Animismo e Espiritismo*, Aksakof, falando do filósofo alemão Eduardo von Hartmann, autor da obra ***O Espiritismo***, com a qual o combatia e, ferrenhamente, negava os fenômenos de materialização, diz:

> [...] O Dr. Hartmann parece disposto a admitir essa realidade, com a condição de fornecerem em apoio **provas suficientes, as quais, diz ele, podem ser fornecidas somente pela fotografia, e com a condição rigorosa de que o médium e a aparição sejam fotografados simultaneamente**. ([104])

Mas é justamente isso que Crookes e outros

pesquisados, alguns dos quais mais à frente citaremos, oferecem como prova inconteste dos fenômenos de materialização. E aqui fica evidente o valor, à época, da fotografia como instrumento de probatório.

Aksakof, em ***Animismo e Espiritismo***, continua dizendo:

> A condição *sine qua non* exigida pelo Sr. Hartmann seria que o médium e a forma materializada aparecessem conjuntamente na mesma chapa. Essa prova existiria desde há muito tempo se, para obtê-la, não se nos deparassem dificuldades dependentes de condições físicas: **sabe-se que a fotografia exige uma luz intensa, enquanto que os fenômenos de materialização não suportam senão uma luz fraca**; por conseguinte, para chegar a um resultado satisfatório, que se prestasse às observações, era preciso recorrer à combinação seguinte: colocava-se o médium em um compartimento completamente escuro – um gabinete ou um armário –, diminuía-se a luz que iluminasse o aposento, até um grau correspondente à força do fenômeno de materialização, que devia produzir-se no espaço escuro, para depois poder suportar a luz.
>
> **A obrigação de submeter-se a exigências tão complicadas devia naturalmente duplicar a vigilância dos experimentadores, receosos de serem vítimas de uma impostura, voluntária ou não, por parte do médium. Eis-nos coagidos a adotar inumeráveis medidas de precaução,**

> **destinadas a colocar o médium na impossibilidade de oferecer-nos um simulacro de fenômeno**, e eis-nos de volta à questão do isolamento do médium, medida à qual o Sr. Hartmann recusa todo o valor demonstrativo para esse gênero de investigações, partindo do seguinte argumento: “De todas as maneiras é claro que, se se concede ao médium a propriedade de penetrar a matéria, tem-se necessidade de quaisquer outros meios, exceto o isolamento ou a ligação do médium para provar a sua não identidade com a aparição.” ([105])

Mesmo quando se apresentam as provas solicitadas, os descrentes mudam de ideia.

Um pouco atrás, Crookes disse que havia visto a médium e o Espírito ao mesmo tempo, agora ampliou-se esse testemunho, pois “não era raro que as 7 ou 8 pessoas que estavam no laboratório pudessem ver, ao mesmo tempo, a Srta. Cook e Katie, à plena claridade da luz elétrica”. Esse fato também afasta a possibilidade de fraude, com a médium se fazendo passar por Katie.

De ***Fatos Espíritas***, transcrevemos alguns parágrafos do Extrato do jornal *The Spiritualist* de 29 de maio de 1874**:**

> A última realizou-se quinta-feira, 21 de maio de 1874: Katie expressamente fizera observar que não dava essa sessão senão os poucos amigos

convencidos, experimentados, que se achavam ainda presentes em Londres, os quais, durante muito tempo, pugnaram pela médium contra o público, e, apesar de numerosas e insistentes solicitações, só fez uma exceção, **convidando os Srs. M. Florence, Marryat e Ross Church. Entre os espectadores estavam o Sr. William Crookes e a criada Maria…**

Às 7:23 da noite o Sr. Crookes conduziu a Srta. Cook à câmara escura, onde ela se estendeu no soalho, apoiando a cabeça num travesseiro. Às 7:28 **Katie falou pela primeira vez** e às 7:30 mostrou-se fora da cortina e em toda a sua forma; **estava vestida de branco**, com as mangas curtas, e decotada; tinha longos cabelos castanho-claros, de cor dourada, caindo-lhe em cachos dos dois lados da cabeça e ao longo das costas, até a cintura; trazia um grande véu branco que não foi abaixado senão uma ou duas vezes sobre o seu rosto, durante a sessão.

A médium tinha um vestido azul-claro, de merinó. **Durante quase toda a sessão Katie ficou em pé diante de nós; a cortina do gabinete estava afastada e todos podíamos ver distintamente a médium adormecida com o rosto coberto com um xale encarnado**, para o resguardar da luz. Ela não deixara a sua primitiva posição desde o começo da sessão, durante a qual se derramava viva claridade pelo aposento. Katie falou da sua próxima partida e aceitou um ramalhete que o Sr. Tapp trouxera, assim como alguns lírios oferecidos pelo Sr. Crookes; convidou, em seguida, o Sr. Tapp a desamarrar o ramalhete e colocar as flores diante dela, sobre o soalho;

> sentou-se, então, à maneira turca e pediu-nos para fazer a mesma coisa, ao seu derredor. Depois, dividiu as flores e deu a cada um de nós um pequeno ramo, que amarrou com uma fita azul.
>
> Escreveu também cartas de despedida a alguns dos seus amigos, **assinando-se "Annie Owen Morgan" e dizendo que fora este o seu verdadeiro nome durante sua vida terrestre**. Escreveu, igualmente, uma carta à médium e escolheu para ela um botão de rosa, como presente de despedida. Pediu, então, a tesoura, cortou pedaços dos seus cabelos e deu a todos nós uma grande parte, e, tomando em seguida o braço do Sr. Crookes, fez uma volta pela sala e apertou a mão de cada um; sentou-se de novo, cortou vários pedaços do seu vestido e do véu e nos presenteou com eles.
>
> Vendo-se-lhe grande orifício no vestido, quando ela se achava sentada entre o Sr. Crookes e o Sr. Tapp, **perguntaram-lhe se poderia restaurar o dano**, assim como o tinha feito em outras ocasiões. **Katie apresentou a parte cortada à claridade da luz, deu uma pancada em cima, e instantaneamente essa parte ficou tão completa e tão nítida como dantes**. As pessoas que se lhe achavam perto lhe examinaram o pano, tocando-o com a sua permissão, e afirmaram que não existia nem orifício, nem costura, nem nenhum tecido sobreposto, onde instantes antes tinham visto buracos de várias polegadas de diâmetro. ([106])

A distinção entre o Espírito Katie e Florence Cook se faz evidente, pois enquanto a primeira estava vestida de

branco, a médium, por sua vez, usava um vestido azul-claro. E além disso, temos novas testemunhas que viram a médium Florence Cook e o espírito Katie King ao mesmo tempo.

As manifestações físicas de Katie ocorreram “[...] durante três anos consecutivos, em sessões que se sucediam inúmeras e em grande parte realizadas na própria casa do Sr. Crookes.” ([107]), mas tomemos as próprias palavras de Crookes, em ***Fatos Espíritas,*** lemos:

> E quanto a imaginar que **uma inocente colegial de 15 anos tenha sido capaz de conceber e de pôr em prática durante três anos, com grande êxito**, tão gigantesca impostura como esta, e que **durante esse tempo se tenha submetido a todas as condições que dela se exigiram**, que tenha suportado as pesquisas mais minuciosas, que tenha consentido em ser examinada a cada momento, fosse antes, fosse depois das sessões; **que tenha obtido ainda mais êxito na minha própria casa do que na casa de seus pais**, sabendo que ia para ali expressamente com o fim de se submeter a rigorosos ensaios científicos, quanto a imaginar que a Katie King dos três últimos anos é o resultado de uma impostura, isso faz mais violência à razão e ao bom senso do que crer que Katie King é o que ela própria afirma ser. ([108])

Em razão de tudo isso, julgamos ser fora de propósito alguém, gratuitamente, supor que ele tenha sido enganado em todo o período que pesquisou a médium, até mesmo em sessões realizadas dentro de sua própria casa.

Da obra ***Animismo e Espiritismo***, transcrevemos:

> […] a realidade das materializações está provada pelas fotografias tiradas enquanto a médium e o fantasma são visíveis ao mesmo tempo. Fiel a seu princípio de encontrar uma **prova absoluta**, o Sr. Crookes fez muitas experiências desse gênero. Damos aqui a seu respeito os pormenores essenciais:
>
> "Na última semana antes de seu desaparecimento definitivo, Katie aparecia quase todas as noites nas sessões que eu tinha organizado em minha casa, a fim de achar-me em condições de fotografá-la com o auxílio de uma luz artificial. Para tal fim prepararam-se cinco aparelhos fotográficos completos, para que a operação não sofresse demora; era eu mesmo, aliás, quem fazia todas as manipulações com o auxílio de um ajudante.
>
> "Minha biblioteca servia de gabinete escuro. Uma porta de duas bandeiras conduz desse aposento a um laboratório. Uma das bandeiras foi retirada e substituída por uma cortina, a fim de permitir a Katie passar mais facilmente. Os amigos que assistiram àquela sessão instalaram-se nesse laboratório, defronte da cortina; as câmaras

escuras eram dispostas por trás deles, todas preparadas para receber a imagem de Katie, à sua saída do gabinete, bem como tudo quanto se achasse no aposento, no instante em que se abrisse a cortina. Todas as noites três ou quatro negativos foram obtidos em cada uma das câmaras escuras, o que perfazia na média cerca de quinze fotografias diferentes, muitas das quais se inutilizaram no ato de serem reveladas, algumas outras enquanto se graduava a intensidade da luz. **Possuo ao todo 44 negativos, muitos dos quais malsucedidos, outros sofríveis e alguns muito bem-acabados**.

"Ao entrar no gabinete, a Srta. Cook deitava-se no soalho, com a cabeça sobre um travesseiro, e caía logo em transe. Durante as sessões fotográficas, Katie envolvia a cabeça de sua médium em um xale, para impedir que a luz atingisse seu rosto. Muitas vezes levantei a cortina de um lado, quando Katie se conservava ao lado da Srta. Cook, então sucedia frequentemente que todos os assistentes, em número de sete a oito, pudessem contemplar ao mesmo tempo Katie e a Srta. Cook, graças a uma intensa iluminação elétrica. Nessas ocasiões não víamos, é verdade, o rosto da médium, por causa do xale que o cobria, mas podíamos ver suas mãos e pés, observar seus movimentos, que denotavam incômodo sob a influência da luz, e podíamos ouvir os gemidos que ela dava às vezes. Possuo uma fotografia que as apresenta juntas uma da outra, mas Katie está sentada diante da Srta. Cook, de maneira que encobre sua cabeça." (*Psychische Studien*, 1875, págs. 19-21).

> A **prova absoluta** que o Sr. Crookes procurava, obteve-a igualmente pela fotografia, e ela vem assim corroborar a que o testemunho dos sentidos lhe tinha dado anteriormente.
>
> Do que precede, como concluir que em suas experiências com a Srta. Cook o Sr. Crookes não tenha sabido fazer a distinção entre uma formação material independente e uma transfiguração da médium?
>
> Pois bem! Que diz o Sr. Hartmann sobre as fotografias obtidas pelo Sr. Crookes? É muito simples: ele afirma, com perfeita convicção, que a imagem reproduzida é a da médium, sem se dar ao trabalho de verificar qual podia ser a pessoa que se via por trás da cortina, enquanto se procedia do lado de fora à fotografia da forma materializada.
>
> Ser-lhe-ia, entretanto, muito fácil dizer que aquilo não passava de uma modalidade da alucinação: a figura fotografada era a médium transfigurada; a que se via deitada no chão atrás da cortina, e que se tomava pela médium, não passava de uma alucinação sugerida pela médium aos assistentes. O método crítico aplicado nessa circunstância se apresentaria pois assim: **quando não se trata de fotografias** e o médium e o fantasma são vistos ao mesmo tempo, o fantasma é uma alucinação; mas **quando há experiência fotográfica e se vê simultaneamente o médium e o fantasma reproduzidos na chapa,** então é o médium que se torna uma alucinação. ([109])

Aksakof, afirma categórico: “As provas fotográficas mais positivas, referentes aos fenômenos classificados

nesta categoria, são, indubitavelmente, as que devemos às experiências do Sr. Crookes.” ([110])

Na obra ***Hipnotismo e Mediunidade***, de César Lombroso (1835-1909), encontramos no Capítulo VII – “Experiências fisiológicas com os médiuns” algo interessante sobre as experiências de Crookes:

> Não se pode estudar o grande problema mediúnico senão através de instrumentos de precisão, que impedem todos os erros de interpretação e premunem contra todas as sugestões. A eles devemos a solução de grandes problemas científicos.
>
> **Peso**
>
> Os estudos físicos que mais importam são, talvez, aqueles que se referem ao peso dos médiuns e dos chamados Espíritos. **Crookes já observara, com a médium Cook, quando ocorria a aparição do fantasma, que ela perdia quase a metade do seu peso e que o readquiria depois do desaparecimento do fantasma, o que seria indício de que os fantasmas se formam a expensas do corpo do médium**.
>
> O fato se confirmou depois.
>
> Em uma sessão, com a **Srta. Fairlamb**, a médium foi, por assim dizer, costurada em uma rede, cujos sustentáculos estavam providos de um aparelho que permitia registrar as oscilações do seu peso. Depois de poucos minutos do transe, o peso começou a diminuir gradualmente e, quando

apareceu um fantasma, os aparelhos assinalaram a perda de 27 quilos no peso da médium, ou seja, a metade do seu peso normal.

Quando o fantasma começou a desmaterializar-se, o peso da médium foi de novo aumentando, e no fim da sessão não assinalaram mais do que uma perda de um a dois quilos. Morselli notou em **Eusápia**, depois do transe, diminuição de dois quilos e duzentos gramas no peso, e fora do transe e a plena luz, variações no peso de 60 e 56 quilos, subindo de novo a 60, e assim procedendo, alternadamente, várias vezes, sem que fosse possível descobrir fraude alguma no fenômeno.

Em Milão, em 1892, **Eusápia** baixava do seu peso normal de 62 quilos para o de 52.

D'Arsonval, em Paris, experimentou-lhe as variações do peso, medindo, de segundo em segundo, no correr do transe, e verificou que, quando se produzia a levitação da mesa, o peso do corpo de Eusápia aumentava com o de toda a mesa. Em outra experiência, em lugar dos médiuns, foram pesados os corpos dos fantasmas que apareciam durante a sessão. Isso se fez, por exemplo, com a Srta. Wood, e constatou-se que o peso dos fantasmas, que se materializavam sob a influência dela, variavam de 15 a 80 quilos, que era o peso normal dela, o que coincide com a desaparição de parte ou de todo o corpo de **d'Espérance,** em transe, à aparição do fantasma, fato também verificado com a desaparição da manga de Marta, quando aparecia Bien-Boa (Richet). ([111])

Estendemos um pouquinho mais a transcrição para demonstrar que outros médiuns, Lombroso lista vários, não o citamos todos – também tiveram variação de peso no momento das materializações. Diante disso, fica comprovado que Crookes buscou realizar as experiências que outros pesquisadores faziam.

Destacamos de ***Discursos Recentes Sobre as Pesquisas Psíquicas*** o seguinte trecho da fala de Crookes, em 1898, em Bristol, no Congresso da Associação Britânica pelo Avanço das Ciências:

> […] **Trinta anos se passaram desde que eu publiquei os relatos de experiências**, procurando demonstrar que existe uma força utilizada por Inteligências outras que não as ordinárias Inteligências humanas. Esse episódio de minha vida é naturalmente bem conhecido dos que me deram a honra de ser convidado a me tornar seu presidente. […].
>
> **Não tenho nada a retratar. Eu afirmo minhas declarações já publicadas. Eu poderia mesmo acrescentar um bocado a elas**. Em suas primeiras exposições, eu não me arrependo senão de uma certa imaturidade que, sem dúvida por direito, foi uma das causas pelas quais **o mundo científico negou aceitá-las**. […]. ([112])

Vê-se, portanto, que Crookes se manteve firme na conclusão que chegara, isso é importante, pois dizem por

aí que ele havia se retratado publicamente.

Fechamos esse capítulo com esta frase de Richet:

> Um único fato bem observado, religiosamente constatado, em condições irrepreensíveis, é suficiente para estabelecer por si só a telecinesia, o sexto sentido, a premonição ou a realidade de um fantasma. ([113])

As experiências com o circuito elétrico e a pesagem da médium

> “A afirmação daquele que viu vale a negação daquele que não viu.” (AUGUSTE BEZ)

Cromwell Fleetwood Varley (1828-1883), eminente físico inglês, descobridor do condensador elétrico, estabeleceu, por meio do cabo submarino, as comunicações entre a Inglaterra e os Estados Unidos. Engenheiro-chefe da Electric telegraph Company, inventou muitas técnicas e instrumentos para melhorar o desempenho do telégrafo.

Em 1870, inventou o cymaphen, uma espécie de telégrafo que poderia transmitir a fala. A partir de 1871, se interessou pelos fenômenos espíritas, se associando a Sir William Crookes e participando de diversas experiências de investigação nessa área. Foi membro da Sociedade Real de Londres.

Transcrevemos o seguinte relato da obra ***Animismo e Espiritismo***, de Aksakof:

Para formarmos ideia exata da maneira pela qual se realizou aquela experiência ([114]), tão engenhosa quão importante, enviarei o leitor às explicações circunstanciadas que dei no "Psychische Studien", 1874, págs. 341 a 349. Para aqueles que não têm esse volume à disposição, dou aqui um resumo dessa descrição:

"Para estabelecer se a Srta. Cook se achava no interior do gabinete enquanto Katie se apresentava aos assistentes da sessão, fora do gabinete, **o Sr. Varley teve a lembrança de fazer atravessar o corpo da médium por uma fraca corrente elétrica, durante todo o tempo em que a forma materializada era visível, e de confrontar os resultados assim obtidos por meio de um galvanômetro instalado no mesmo aposento, fora do gabinete…**

A experiência de que falamos foi feita no aposento do Sr. Luxmoore. O aposento de trás foi separado do da frente por meio de uma cortina, para impedir a entrada da luz; ele devia servir de gabinete escuro. Antes de começar a sessão, tomou-se a precaução de inspecionar com cuidado esse gabinete escuro e de fechar as portas à chave. O aposento da frente era iluminado por uma lâmpada de parafina com um anteparo que coava a luz. Colocou-se o galvanômetro em cima do fogão, à distância de 11 pés da cortina.

"Os assistentes eram os Srs. Luxmoore, Crookes, a Sra. Crookes e a Sra. Cook com sua filha; os Srs. Tapp, Harrison e eu (Varley).

"A Srta. Cook ocupava uma poltrona no aposento de trás. Fixou-se com esparadrapo, em

cada um de seus braços, um pouco acima dos punhos, uma moeda de ouro, à qual estava soldada uma ponta de fio de platina. As moedas de ouro estavam separadas da pele por três camadas de papel mata-borrão branco, de grande espessura, umedecido em uma solução de cloridrato de amônio. Os fios de platina corriam ao longo dos braços, até as espáduas, e eram presos com cordões, de maneira que deixavam aos braços a liberdade de movimentos. As pontas de fora dos fios de platina eram reunidas a fios de cobre, cobertos de algodão, e iam ter ao aposento iluminado onde se achavam os experimentadores. Os fios condutores estavam ligados a dois elementos Daniell e a um aparelho de confronto. Quando tudo ficou pronto, fecharam-se as cortinas, deixando assim a médium (Srta. Cook) às escuras. A corrente elétrica atravessou o corpo da médium durante todo o tempo da sessão…

"Essa corrente, originando-se nos dois elementos, atravessava o galvanômetro, os elementos de resistência e o corpo da Srta. Cook e voltava em seguida à bateria."

Antes da introdução da Srta. Cook na corrente, quando estavam reunidas as duas moedas que formavam os polos da bateria, o galvanômetro marcava um desvio de 300º.

Depois da introdução da Srta. Cook, as moedas foram colocadas nos braços da médium, um pouco acima do punho, e o galvanômetro não marcou mais de 220º.

Assim, pois, o corpo da médium, introduzido na corrente, oferecia uma resistência à corrente

elétrica equivalente a 80 divisões da escala.

O objetivo principal daquela experiência era precisamente conhecer a resistência que o corpo da médium podia oferecer à corrente elétrica.

A menor deslocação dos polos da bateria, que estavam fixados nos braços da Srta. Cook pelo adesivo, teria **inevitavelmente** produzido uma mudança na força de resistência oferecida pelo corpo da médium.

Ora, foi em tais condições que a figura de Katie apareceu por muitas vezes na abertura da cortina; mostrou as mãos e os braços, depois pediu papel, um lápis e escreveu perante os assistentes.

Segundo o Sr. Hartmann, teria sido a própria médium quem agiu, “podendo as moedas e o papel mata-borrão ser deslocados, em dois sentidos – para cima e para trás –, permitindo desse modo à médium mover-se livremente”. Se as moedas e o papel mata-borrão tivessem sido repuxados até os ombros, de maneira a deixar em liberdade os dois braços da médium, o trajeto percorrido pela corrente elétrica no corpo da médium teria sido reduzido de metade no mínimo; por conseguinte, a resistência oferecida pelo corpo da médium teria também diminuído de metade, ou 40º, e *a agulha do galvanômetro teria subido* de 220º a 260º. E entretanto foi o contrário que sucedeu; desde o começo da sessão, não só deixou de haver qualquer aumento de desvio, como, pelo contrário, ele diminuiu constantemente e gradualmente até ao fim da sessão, sob a influência do dessecamento do papel molhado; essa

circunstância aumentou a resistência à corrente elétrica e diminuiu o desvio de 220º a 146º.

É fora de dúvida que, se uma das moedas tivesse sido desviada uma polegada apenas, o desvio teria aumentado, e **a fraude** da médium desmascarada; mas, conforme o disse, o galvanômetro não deixou de **baixar**.

Fica, pois, estabelecido peremptoriamente que as moedas de ouro aplicadas aos braços da médium não foram deslocadas de um milímetro, que **os braços** que apareceram e que escreveram não eram os braços da médium, que, por conseguinte, o uso da cadeia galvânica, para se ficar certo da presença da médium atrás da cortina, deve ser considerado uma garantia suficiente; enfim, que as explicações que o Sr. Hartmann apresenta para provar a sua insuficiência revelam exame pouco aprofundado da experiência em questão.

Além desse erro capital cometido pelo Sr. Hartmann, e que é proveniente de sua ignorância acerca do princípio físico sobre o qual se baseava a experiência, é curioso verificar que o Sr. Hartmann não compreendeu absolutamente **a sua extrema delicadeza**, apesar de todas as explicações dadas no relatório publicado no “Psychische Studien”; é claro que, usando desse processo, não se tinha unicamente por objetivo conseguir que o aparelho aplicado às mãos da médium ficasse intacto (era a menor preocupação dos operadores), mas desejava-se, porém, mais que tudo, **confrontar, registrar os menores movimentos de suas mãos, ficando o aparelho intacto**. As variações das condições às quais

estava submetida a corrente elétrica, passando pelo corpo da médium, eram indicadas pelo galvanômetro-refletor, instrumento tão sensível que a corrente elétrica mais fraca, transmitida a 3.000 milhas por um cabo submarino, seria registrada.

Por conseguinte, **o menor movimento da médium** teria também provocado oscilações do aparelho; e a prova disso tirou-se antes da experiência, como se verifica pela passagem seguinte, extraída de um artigo do Sr. Varley, onde todos os movimentos do galvanômetro são consignados minuciosamente, minuto por minuto: “Antes de a médium cair em transe, pediu-se-lhe que fizesse movimentos com os braços; a mudança da superfície metálica, posta em contato real com o papel e o corpo, produziu um desvio que se elevou de 15 a 20 divisões, e às vezes ainda mais; por conseguinte, se, no decurso da sessão, a médium tivesse feito o menor movimento com as mãos, seguramente o galvanômetro o teria indicado. Na espécie, a Srta. Cook representava um cabo telegráfico no momento do confronto.” (“Psychische Studien”, 1874, pág. 344). E o Sr Hartmann ousa pretender que as moedas e o papel umedecido podiam ter-se deslocado para cima ou para trás sem impedir a médium de aproximar-se do espectador!

Mas para fazer aquela operação e mostrar os braços nus, teria sido preciso que a médium arregaçasse até aos ombros as mangas do vestido, com as moedas, o adesivo, os pedaços de papel, os fios de platina e os laços que mantinham esses fios de platina nos braços. Ela teria sido obrigada a fazer aquela operação a princípio para

um braço, depois para o outro. Tudo isso não só sem interromper durante um só instante a corrente elétrica (se a corrente tivesse sido interrompida, ainda que fosse por um décimo de segundo, o galvanômetro teria feito uma oscilação de 290 divisões no mínimo), como ainda sem mesmo provocar outros desvios, além dos resultantes do simples movimento das mãos.

Mas não é tudo. A aceitar-se a explicação do Sr. Hartmann, a médium, antes do fim da sessão, teria posto em seu lugar as mangas do vestido, conservando os aparelhos nos braços. Vimos, entretanto, que às 7 horas e 45 minutos Katie repetia ainda a experiência da escrita, conservando o braço inteiramente fora da cortina; às 7 horas e 48 minutos, Katie apertou a mão do Sr. Varley e a sessão terminou. Durante esses três minutos o galvanômetro só registrou oscilações insignificantes, compreendidas entre 140º e 150º. Por conseguinte, era impossível à médium fazer os movimentos necessários para restabelecer o **status quo ante**.

Além disso, o Sr. Hartmann esquece-se de que Katie nunca aparecia sem uma roupagem branca que ia da cabeça aos pés. Naquela sessão, Katie levantou a cortina e mostrou-se por muitas vezes em seu trajo habitual. Segundo o Sr. Hartmann, isso prova simplesmente que a médium mudara de roupa.

E tudo aquilo se teria feito apesar dos fios de cobre que estavam ligados aos de platina e iam ter ao aposento iluminado.

As objeções que acabo de enumerar

estabelecem que o Sr. Hartmann só estudou mui superficialmente a bela experiência que se oferecia a seu exame. Mas tudo isso é tão claro, tão patente, tão preciso, que toda a discussão se torna supérflua, desde que o princípio físico sobre o qual se baseava a experiência (a apreciação da soma de resistência oferecida pelo corpo da médium à corrente elétrica) fique bem compreendido, e se se levar em conta o fato de **nunca ter diminuído** a cifra que representava aquela força de resistência.

Mas ainda há outro fenômeno que se refere àquela categoria de experiências do Sr. Crookes, e a exposição de tal fato agravará a responsabilidade na qual incorreu o Sr. Hartmann emitindo com tanta leviandade seu juízo sobre o método aplicado pelo Sr. Crookes.

A experiência de que acabamos de falar foi repetida pelo Sr. Crookes sozinho, e dessa vez a médium foi introduzida na corrente e **Katie King saiu inteiramente de trás da cortina**. Eis a passagem do “Psychische Studien*”* que se refere àquele incidente, que o Sr. Hartmann teria podido ler na mesma página onde começa a narração da experiência do Sr. Varley:

“Na segunda sessão, foi o Sr. Crookes quem dirigiu a experiência, na ausência do Sr. Varley. Ele obteve resultados semelhantes, tendo tomado em todo o caso a precaução de não deixar aos fios de cobre senão a extensão precisa para permitir à médium mostrar-se na abertura da cortina, no caso em que ela se deslocasse. Entretanto Katie caminhou cerca de 6 a 8 pés fora da cortina; ela não era retida por fio algum, e a observação do galvanômetro não fez verificar nada de anormal em

momento algum. Além disso Katie, a instâncias do Sr. Crookes, mergulhou as mãos em um recipiente que continha iodeto de potássio, sem que resultasse por isso a mínima oscilação da agulha do galvanômetro. Se os fios condutores estivessem em comunicação com a sua pessoa, a corrente se teria dirigido pelo caminho mais curto que lhe oferecia assim o líquido, o que teria ocasionado um desvio maior da agulha." ("Psychische Studien", 1874, pág. 342).

O Sr. Harrison, editor do "The Spiritualist", que assistiu àquela experiência, e que publicou em seu jornal o relatório que acabamos de citar, mandou inserir no *Médium* a notícia seguinte, com a aprovação dos Srs. Crookes e Varley:

"Sr. diretor:

Por causa de minha presença em muita sessões recentes, no decurso das quais os Srs. Crookes e Varley dirigiram uma corrente elétrica fraca através do corpo da Srta. Cook, durante todo o tempo em que ela se achava no gabinete, quando Katie estava fora daquele, algumas pessoas que tomavam parte na sessão instaram para que eu lhes comunicasse os resultados obtidos naquelas experiências, na esperança de que essa cláusula dê em resultado proteger de acusações injustas uma médium leal e sincera.

Quando Katie saiu do gabinete, nenhum fio metálico aderia à sua pessoa; durante todo o tempo em que se conservou no aposento, fora do gabinete, a corrente elétrica não sofreu interrupção alguma, como teria sucedido inevitavelmente se os fios se tivessem soltado dos braços da Srta. Cook,

sem que suas pontas fossem repostas em contato.

Admitindo mesmo que tal fato se tivesse dado, a diminuição da resistência se teria posto em evidência imediatamente pela agulha do galvanômetro. Nas experiências de que se trata, foi evidentemente demonstrado que a Srta. Cook estava no gabinete enquanto Katie se mostrava fora daquele.

As sessões efetuaram-se: umas no aposento do Sr. Luxmoore, outras no do Sr. Crookes. Antes de lhe dirigir a presente, fiz a sua leitura perante os Srs. Crookes e Varley, que deram a sua aprovação.

11, Ave Maria Lane, 17 de março de 1874.

William H. Harrison."

Aliás, o artigo do *Psychische Studien* devia bastar ao Sr. Hartmann se ele tivesse querido lê-lo com a necessária atenção. Como conseguirá ele provar "a insuficiência da fiscalização pela corrente galvânica"? Para onde, pois, as moedas e o papel umedecido puderam "deslizar"? Sem se ter dado ao trabalho de estudar a fundo e de procurar compreender as belas experiências dos Srs. Crookes e Varley, ele se apressa em tratar esses dois sábios físicos como se fossem crianças que considerassem a Ciência uma brincadeira. Para destruir o valor das experiências destes, ele dá as primeiras explicações que lhe passam pela mente. O que é permitido ao cronista que diverte o público, à custa da verdade, não fica bem no filósofo que pretende respeitá-la.

A propósito dessas experiências com a corrente galvânica, devo mencionar ainda outro meio de

> verificar a materialidade e, por conseguinte, a realidade objetiva de uma aparição. Esse método, que tinha sido sugerido ao Sr. Crookes pelo Sr. Varley, foi posto em execução pelo primeiro dos dois sábios. Infelizmente, só possuímos, acerca desse assunto, as poucas explicações seguintes do Sr. Harrison:
>
> "Os polos opostos de uma bateria foram postos em comunicação com dois vasos cheios de mercúrio. O galvanômetro e a médium foram em seguida introduzidos no circuito. Quando Katie King mergulhou os dedos nesses vasos, a resistência elétrica não diminuiu e a corrente não aumentou em força; mas quando a Srta. Cook saiu do gabinete e introduziu os dedos no mercúrio, a agulha do galvanômetro indicou um desvio considerável. Katie King oferecia à corrente uma resistência cinco vezes maior do que a Srta. Cook." ("The Spiritualist", 1877, pág. 176).
>
> Dessa experiência podemos concluir que a condutibilidade elétrica do corpo humano é cinco vezes maior do que a de um corpo materializado. ([115]) (grifo do original)

Esses relatos são provas contundentes em relação a diferenciação da médium e da forma materializada, bem como à comprovação da existência dessa última.

Aksakof, em ***Um Caso de Desmaterialização***, reportar-se a essa experiência:

> Para terminar a questão, definitivamente, e

saber se Florence Cook estava realmente estendida no gabinete, enquanto o Espírito passeava pelo lado de fora, o senhor Cromwell Varley, **o célebre inventor do cabo transatlântico, concebeu a ideia de fazer passar uma corrente elétrica através do corpo da médium, enquanto o Espírito estava presente**.

Empregou uma bateria galvânica e um aparelho de que se servia para experimentar os cabos. **Se Florence Cook tentasse mover-se ou fazer o papel de Espírito, esse aparelho denunciaria o engodo, pois que ela não poderia vestir outra roupa e deixar o seu lugar sem tocar na corrente elétrica**. Entretanto, **apesar dessas condições de prova científica**, o Espírito Katie apareceu, como de costume, mostrou os seus braços, falou, escreveu algumas palavras, tocou em diversas pessoas, e isto se operou não na casa da médium, onde poderiam supor haver fraude, mas na casa do Sr. Luxmoore, na parte oeste de Londres.

Durante uma hora, a corrente elétrica foi mantida sem interrupção, e Florence Cook foi encontrada em transe. Assim, ficou demonstrado, clara e irrefutavelmente, que Florence Cook permanecera tranquila no gabinete, enquanto Katie estivera visível na sala.

Quanto ao vestuário de Katie, ela o mudava quase todas as noites. O tecido era sempre de uma grande alvura e muito agradável ao tato. A Sra. Douglas levou uma amostra aos grandes lojistas de Londres, Srs. Howell e James, pedindo que lhe dessem fazenda igual; foi respondido que

esse tecido não existia à venda, e que o supunham de fabricação chinesa. ([116])

Buscando um melhor entendimento da experiência de Varley, solicitamos ao nosso sobrinho Vinícius Neto Rezende Aguiar, graduado em Engenharia de Comunicações, que nos explicasse. Eis sua resposta (o que não é dele está em itálico):

-------- Mensagem original --------

Assunto: Circuito
Data: Wed, 8 Nov 2006 12:43:58 – 03:00
De: Vinícius Neto Rezende Aguiar <xxxxxxxxxxxxx@globo.com>
Para: Tio Paulo <pauloneto@ghnet.com.br>

Tio,

O circuito montado na experiência é bem simples e foi medido pelo galvanômetro a corrente elétrica que passava pelo circuito montado.

Utilizou-se uma bateria, como fonte de tensão, e algumas resistências ligadas ao galvanômetro para que se medisse a corrente elétrica.

Tensão é medida em Volts. Como na bateria do carro, que tem 12 Volts.

Corrente elétrica é o deslocamento dos elétrons que saem do positivo da bateria, passam pelo circuito e entram no negativo da bateria. Ela é medida em Amperes.

Resistência é o objeto que se opõe à passagem

desta corrente elétrica. Essa grandeza é medida em Omhs.

Nossos corpos possuem a propriedade de se opor à corrente elétrica.

A tensão, resistência e corrente elétrica se relacionam da seguinte forma:

V=R * I

onde,

V= tensão

R= resistência

I= corrente elétrica.

Então, para uma dada fonte de corrente elétrica fixa, qualquer variação de resistência produz uma variação da corrente elétrica. Assim a equação se torna verdadeira.

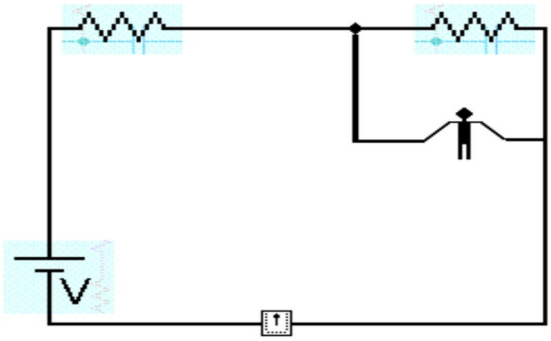
A relação entre corrente elétrica e resistência é inversamente proporcional, ou seja, quanto maior a resistência menor a corrente e vice-versa.

Outro ponto importante a se tratar é o agrupamento de resistências. As resistências podem ser agrupadas para que se tenha um valor de resistência resultante desejado. Sendo assim, quando se utiliza de resistências ligadas em série, a resultante é o somatório dos seus valores. Quanto se utiliza resistências ligadas em paralelo, a resultante é o inverso da soma de seus inversos. Resumindo, quando usamos resistores em série o resultado é sempre maior, quando usamos resistores em paralelo o resultado é um valor menor.

Para a experiência o seguinte circuito foi montado:

Isso representa uma fonte de tensão (bateria)

Isso representa uma resistência



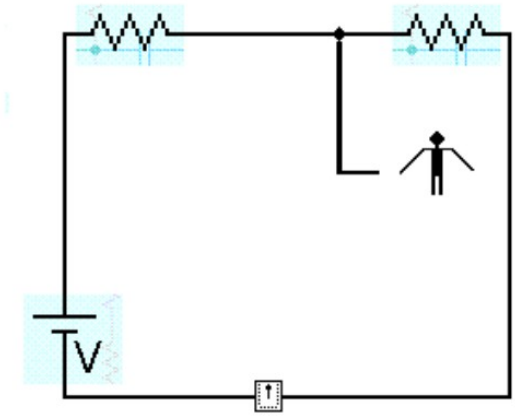
Este é o galvanometro que mede a corrente.

Desta forma podemos entender o relato da experiência.

> *"É interessante notar que, em 20 de março do mesmo ano de 1874, a revista /The Spiritualist /havia publicado os relatos do engenheiro elétrico Cromwell Varley a respeito de experimentos realizados numa sessão com Florence Cook. (71) Nesses experimentos, a médium, que ficava dentro da cabine, era inserida num circuito elétrico composto por bateria, resistências e galvanômetro, este último visível fora da cabine. O arranjo era feito de maneira*

que, se Florence saísse da cabine, e, portanto, "quebrasse" o circuito, uma deflexão de cerca de 200 divisões da escala ocorreria no galvanômetro."

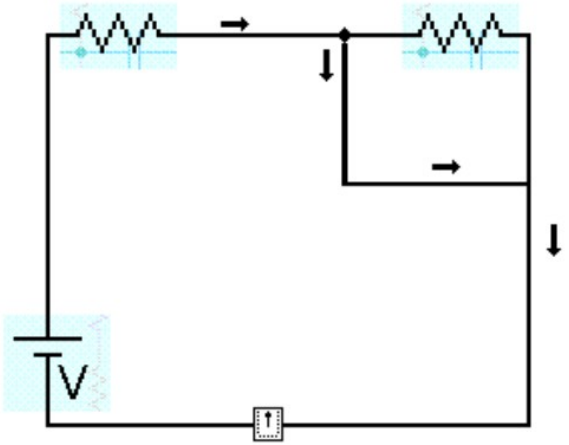
Nota-se que o corpo de Florence está ligado em paralelo à outra resistência. Assim, caso ela se desconectasse do circuito e resistência resultante seria somente o valor da resistência paralela, assumindo uma resistência equivalente maior. Com o valor de resistência equivalente maior, tem-se uma diminuição na corrente elétrica.



“Caso quisesse sair da cabine para fazer o papel de materialização, restariam a Florence algumas opções: unir os eletrodos que a ligavam ao circuito, mas, nesse caso, o galvanômetro mostraria uma alteração para cima de cerca de 80 divisões;”

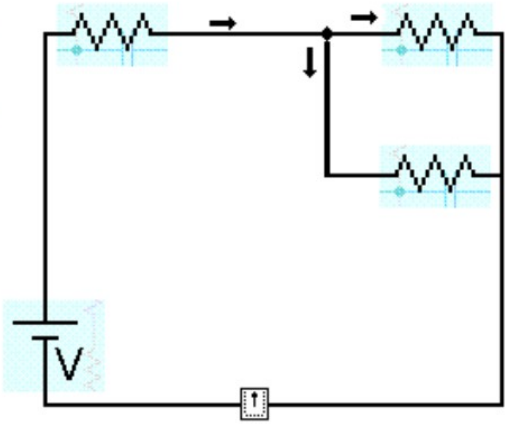
Neste caso ocorreria que com a ligação dos eletrodos a corrente elétrica, que antes era dividida entre seu corpo e a resistência em paralelo, passaria somente a seguir o caminho dos eletrodos, como em um curto-circuito. A corrente

seria somente limitada pelo valor da primeira resistência colocado no circuito. Essa resistência funciona como uma proteção contra curtos-circuitos.



> *"substituir o seu corpo por uma resistência equivalente, o que seria muito difícil porque tal substituição poderia ser detectada, além de a médium não ter conhecimentos de eletricidade."*

Isso realmente seria muito difícil de ser feito, pois Florence já teria que saber qual era o valor de resistência de seu corpo e ter levado com ela uma resistência de igual valor.



“No experimento, pedaços de papel mata-borrão, umedecidos numa solução de nitrato de amônio, foram colocados sobre os braços da médium. Por sua vez, moedas foram posicionadas sobre os pedaços de papel, e o conjunto foi seguro nessa posição através de faixas elásticas. Fios de platina ligavam as duas moedas ao restante do circuito formado pela bateria, bobinas de resistência e galvanômetro.”

Isso foi feito para que a corrente elétrica pudesse passar pelo corpo de Florence, aumentando a área de contado de seu corpo, pois, caso contrário, uma pequena área de contado poderia produzir a dor de um choque elétrico.

"Segundo William Harrison, nos experimentos realizados (parte na residência de um espiritualista e parte na casa de Crookes), os resultados obtidos foram satisfatórios. O galvanômetro teria mostrado que o circuito nunca fora interrompido. Além disso, o decréscimo gradual da deflexão do instrumento seria causado pelo ressecamento do papel mata-borrão. De fato, Varley relata que o galvanômetro mostrava

um decréscimo regular e progressivo, registrando às 7: 10 da noite 220 divisões, enquanto às 7:48 a leitura era de 146 divisões.

Embora o engenheiro alegasse que o experimento provava que "a senhorita Cook não apenas estava na sala escura enquanto Katie era vista, mas estava também perfeitamente imóvel", porque o circuito não fora interrompido, algumas observações registradas e relatadas no artigo poderiam sugerir problemas nessa interpretação. Quando Katie King emerge da cabine, por exemplo, Varley comenta: "Você é idêntica à sua médium".

Já num outro trecho no qual relata o início do aparecimento da materialização, o engenheiro qualifica de "muito suspeito" o fato de que, quando Katie mostrou o seu braço, o ponteiro do galvanômetro desceu 17 divisões, indicando que a médium havia se mexido bastante. Um pouco antes desse episódio, Varley já relatava que a leitura do galvanômetro mostrara uma queda de 36 divisões em um minuto, o que indicava que a médium havia se movido e as moedas deveriam ter saído um pouco do lugar.

Deste modo, embora a conclusão de Varley fosse favorável à realidade da materialização produzida por Florence Cook, essas deflexões do galvanômetro, ocorridas justamente quando Katie se preparava para sair, bem como o comentário do engenheiro acerca da semelhança entre as duas, podem ter levado William Crookes a não mencionar esses testes como evidências de que Florence e Katie não eram a mesma pessoa.

Finalizando o artigo "Spirit-Forms", William Crookes deixa explícita sua intenção de prosseguir as investigações sobre os fenômenos espiritualistas. Assim, afirma que, como a médium não estava bem

de saúde, esperaria algumas semanas até que ela se recuperasse, para recomeçar os testes já preparados, os quais apresentaria em breve.72

Pode-se notar neste artigo que, novamente, Crookes não parece preocupado em discutir qual a natureza de Katie, e, ao que tudo indica, estaria apenas tentando estabelecer que o seu aparecimento era um fenômeno genuíno e não uma fraude.

É possível perceber, no entanto, que ele não se refere mais a Katie como uma "forma", e, sim, como um "espírito". Dentre todos os artigos analisados, esse é, cronologicamente, o primeiro no qual William Crookes utiliza o termo "espírito". Esse termo aparece no próprio título do artigo e no trecho em que explica que teria pedido permissão "a Katie para abraçá-la, pois se não estivesse diante de um espírito, estaria diante de uma mulher. Vale notar, porém, que o cientista não explica que significado dava a esse termo e nem menciona ter obtido alguma conclusão sobre a natureza de Katie. Além disso, não há referência nenhuma à realidade de essa materialização implicar uma confirmação da teoria espiritualista."

Tio, a explicação sobre o funcionamento do circuito está aí!! Qualquer dúvida é só me perguntar! Tem coisa que é mais fácil explicar falando!!

Abraços

Vinícius Aguiar

Esperamos que essas explicações possam ter melhorado a compreensão do que significa a experiência de Varley com o circuito elétrico.

Em ***A Alma é Imortal***, Gabriel Delanne (1857-1926) fala algo de Varley. Tomaremos a narrativa de um ponto anterior para que se possa melhor entendê-la:

> Tomemos o exemplo de Katie King. Indubitavelmente, ela não era um desdobramento de Florence Cook, porquanto esta, vígil, conversa durante alguns minutos com Katie e o Sr. Crookes, que as vê a ambas. A independência intelectual do Espírito materializado se revela aí com toda a clareza, nada tendo de duvidoso com relação ao corpo físico, visto que o Sr. Crookes assinalou as diferenças de talhe, de tez, de cabeleira e, o que é mais importante, dos caracteres fisiológicos entre as duas.
>
> > "Uma noite, contei as pulsações de Katie. ([117]) Seu pulso batia regularmente 75, ao passo que o da Srta. Cook, poucos instantes depois, chegava a 90, algarismo habitual. Colando o ouvido ao peito de Katie, ouvi-lhe o coração a bater dentro e os seus batimentos ainda mais regulares eram do que os do coração da Srta. Cook, quando, após a sessão, ela me permitiu a mesma experiência. Auscultados, os pulmões de Katie se revelaram mais sãos do que os da sua médium que, na ocasião em que fiz a minha experiência, estava em tratamento médico devido a um forte resfriado."
>
> Evidentemente, segundo o que se acaba de ler, Katie não era a figura nem do corpo, nem do duplo do médium. Tinha uma individualidade distinta, se bem nem sempre aparecesse por inteiro. **Numa sessão com Varley, engenheiro-chefe das linhas**

> **telegráficas da Inglaterra**, estando a médium fiscalizada eletricamente, **Katie só se mostrou materializada a meio, até a cintura apenas, faltando ou conservando-se invisível o resto do corpo**. ([118])

Ora, se a forma materializada de Katie King se apresenta da cintura para cima, está aí mais uma prova de que ela é real e não um disfarce da médium se fazendo passar pelo Espírito. Portanto, Katie e Florence são individualidades distintas uma da outra, para ser bem redundante, a não ser que se negue essa ocorrência apresentando as provas provando-a falsa.

Quanto à pesagem não encontramos muitos detalhes da experiência, mas duas obras a mencionam – *A Alma é Imortal* e *Experimentações Mediúnicas* –, ambas apontam como referência o livro *There is no Death* de autoria da Sra Florence Marryat, pseudônimo da escritora Sra. Ross Churc (1837-1899).

Tomaremos a narrativa de ***Experimentações Mediúnicas***, porquanto a informação nos pareceu mais completa:

> "Katie King dizia ter sido Annie Morgan, filha de Sr. H. Moergan, célebre pirata do tempo de Cromwel. Casara-se, e aos vinte e dois anos morrera. Todas as vezes que se lhe perguntava porque voltava à Terra, respondia, invariavelmente,

que, em parte, era para convencer o mundo da realidade da vida futura, em parte também para expiar seus crimes. Miss Cook é uma mocinha morena, de olhos e cabelos negros. Às vezes, **Katie parecia-se muitíssimo com ela (esse fato da semelhança do espírito com o médium ocorre às vezes no começo das materializações), mas em outras sessões a dessemelhança era palpável**. Em uma fotografia que ainda possuo, Katie parece o duplo de Miss Cook, no entanto, esta também olhava quando se tirou a fotografia.

Assisti muitas vezes às experiências feitas pelo Sr. Crookes com Miss Cook; **vi os anéis dos cabelos dela presos ao soalho**, fora das cortinas que separavam dos assistentes.

Vi Miss Cook colocada na plataforma duma balança, construída propositadamente pelo Sr. Crookes, e constatei que a médium (Miss Cook) pesava 112 libras; mas, logo o Espírito materializado se formava, passava a 56 libras. Esse fato é dos mais importantes, porque **prova que saída do corpo psíquico que serve para a materialização faz perder ao médium uma parte de sua substância vital**. É o que torna tais experiências tão perigosas para o médium, cuja vida muitas vezes se acha gravemente comprometida. **Vi muitas vezes Miss Cook e Katie, uma ao lado da outra. Não tenho, pois, dúvida de que eram duas criaturas diferentes. W. Crookes também constatou o mesmo fato.**" ([119])

Dois pontos que abordamos ao longo deste estudo

estão aqui mencionados: a questão da semelhança da forma materializada com a médium, que a formação materializada tem como origem alguma matéria do corpo do medianeiro.

A pesagem da médium, antes e durante a materialização, acusou uma diferença de peso da metade daquele que normalmente Florence Cook tinha, isso nos faz concordar com a Sra. Marryat de que “prova que saída do corpo psíquico que serve para a materialização faz perder ao médium uma parte de sua substância vital”.

Há uma novidade, é quando a Sra. Marryat afirma que “os anéis dos cabelos dela presos ao soalho”, demonstrando que, de alguma sorte, Crookes estabeleceu controle do médium, como se fazia nos casos semelhantes.

E, finalmente, sua afirmação de que muitas vezes viu Miss Cook e Katie uma ao lado da outra, prova que são individualidades distintas, como aqui, nesse estudo, comprovamos várias vezes.

Apenas para reforçar o que já apresentamos antes em relação ao testemunho de terceiros, reportamo-nos ao que disse o Professor Challis:

> *Ou os fatos devem ser admitidos tais quais são relatados, ou devemos dizer adeus à possibilidade de nos certificamos de fatos através do testemunho*

humano. ([120]) (grifo itálico do original)

Outros pesquisadores com a médium Florence Cook

> “O verdadeiro crítico deve afastar-se das ideias preconcebidas, despojar-se de qualquer preconceito pois do contrário julgará de seu ponto de vista, que talvez, nem seja justo.” (ALLAN KARDEC)
>
> “Um único fato bem observado, mesmo que contradiga toda ciência, tem mais valor do que todas as hipóteses.” (CAMILLE FLAMMARION)

Da obra ***Um Caso de Desmaterialização***, transcrevemos o seguinte trecho:

> O professor William Crookes fez experiências, demonstrando a existência de duas personalidades distintas, e, no começo das sessões, homens inteligentes e competentes, como os Srs. Blackburn, Luxmoore, Dr. Gully, Harrison e outros, haviam tomado todas as precauções necessárias para não serem mistificados.
>
> **A existência de Katie King não repousa unicamente nas experiências do Sr. William Crookes, como certas pessoas supuseram.**
>
> O Dr. Gully diz ainda: **Todas as pessoas que assistiram às sessões de Miss Cook, sabem**

> **quantas precauções foram tomadas para se descobrir o menor movimento por parte da médium**; os cordões que ligavam seu corpo estendiam-se pelo chão, e suas extremidades eram, às vezes, seguras por alguma das pessoas que se achavam na sala. Uma ou mesmo duas vezes, os cabelos de Florence Cook foram presos ao chão; ela ficava estendida, e seus cabelos, passando pela abertura da cortina, eram visíveis a todos, enquanto Katie King passeava à nossa frente… **Todas essas provas convenceram-me de que a forma aparecida não era a médium Florence Cook, e sim uma individualidade inteiramente distinta**." ([121])

Portanto, não se pode analisar somente as experiências de Crookes para dizer que seguiam o protocolo científico da época, é necessário ver como os outros pesquisadores procediam em suas experiências. Aliás, que protocolo científico deveria ser empregado em pesquisas relacionadas ao psiquismo humano, se a ciência materialista era, e ainda é, impotente para estabelecer parâmetros específicos para elas?

Dr. Guley dá conta dos procedimentos que foram tomados para se fazer a experiência, certamente, com intuito de provar que a materialização não era produto de uma fraude.

Vejamos alguns pesquisadores:

1) William Harrison

As duas transcrições relativas a William Henry Harrison (1841-1897), editor do The Spiritualist, foram tomadas de **Um Caso de Desmaterialização**:

> Em **22 de abril de 1872** realizou-se uma sessão, estando presentes a Sra. Cook com os filhos, a tia e a criada. O Espírito Katie King materializou-se parcialmente, pela primeira vez.
>
> Miss Cook não dormia durante a experiência, conforme consta da seguinte carta que ela dirigiu ao Sr. Harrison, em 22 de abril de 1872:
>
> "Ontem, depois do meio-dia, Katie King disse-nos que tentaria produzir alguns fenômenos, se mandássemos fazer um gabinete escuro, com cortinas. Acrescentou que seria necessário lhe darem uma garrafa de óleo fosforescente, porque não podia tirar de mim o fósforo necessário, em virtude de estar pouco desenvolvida a minha mediunidade; ela desejava iluminar sua figura, para tornar-se visível.
>
> Encantada com a ideia, fiz os preparativos necessários; tudo ficou pronto às 20h30m de ontem; minha mãe, minha tia, meus irmãos e a criada tomaram lugar pelo lado de fora, sobre os degraus da escada. Deixaram-me, sozinha, na sala das refeições (eu estava com muito medo).
>
> Katie mostrou-se pela abertura das cortinas; seus lábios agitaram-se, e, por fim, puderam falar. Conversou com mamãe durante alguns minutos, e todos puderam ver o movimento dos seus lábios.
>
> Como eu não podia vê-la muito bem do lugar

em que estava, pedi-lhe que se virasse para mim. O Espírito respondeu-me: Certamente, eu também o quero, e, então, vi que a parte alta do seu corpo estava formada somente até ao busto, sendo o resto da aparição como um nevoeiro vagamente luminoso.

Katie começou, após alguns instantes de demora, a trazer folhas frescas de hera; não as havia semelhantes no nosso jardim. Depois, viu-se aparecer, por fora da cortina, um braço e uma mão, sustentando a garrafa luminosa. Uma figura mostrou-se com a cabeça coberta por um turbante branco. Katie aproximou a garrafa dessa figura, e todos perceberam-na distintamente. Conservou-se aí por dois minutos, e, em seguida, desapareceu. Era de rosto oval, nariz aquilino, olhos vivos e boca muito bela.

Katie pediu à mamãe que a olhasse bem, pois sabia que a sua aparência era lúgubre. Quanto a mim, fiquei muito impressionada quando o Espírito se me aproximou; eu estava bastante comovida para poder falar ou fazer qualquer gesto. A última vez que ela se mostrou na cortina foi durante cinco minutos, e encarregou mamãe de pedir-vos que viésseis aqui, um dia desta semana… Katie King terminou a sessão, invocando o auxílio de Deus para nós. Testemunhou-nos a sua satisfação de ter podido mostrar-se aos nossos olhos.

Katie não se servia de tubos para falar-nos. Mamãe declarou que sua face pareceu-lhe pálida e pouco viva. Seus olhos estavam fixos, sem expressão, como se fossem olhos de vidro. ([122])

Em 12 de maio [1873] tiraram-se, na casa do Sr.

> Henry Cook, outras fotografias de Katie, ainda mais nítidas do que as primeiras.
>
> Estavam presentes: o Sr. Gully de Malvern, as Sras. Catarina Poyats, Whithall e Brixton, os Srs. Whithall e Tapp, os quais atestaram que o Espírito Katie se manifestou por diversas vezes durante essa sessão, a fim de ser fotografado; que a Sra. Corner estava sentada perto da porta aberta do gabinete, onde a médium repousava amarrada e em profundo sono. **Todos declaram ter visto o Espírito e a médium ao mesmo tempo**. Todas as precauções, portanto, estavam tomadas; as pessoas que deram o seu testemunho viram realmente a aparição de Katie King, não foram vítimas de uma alucinação, constatando sua presença real, absolutamente comprovada. **Essa personalidade, que aparecia e desaparecia instantaneamente, não era a médium disfarçada, como certos homens quiseram fazer crer. Todos os testemunhos comprovam as dessemelhanças entre Florente Cook e Katie King**. ([123])

Relatos de experiências realizadas por Harrison, constante de ***Animismo e Espiritismo***:

> Na segunda experiência, de que tenho que falar, tratar-se-á ainda da aparição clássica de Katie King, fotografada a 7 de maio de 1873, à luz do magnésio, pelo Sr. Harrison, editor do “The Spiritualist”, que, na qualidade de fotógrafo amador, tinha feito por suas próprias mãos todas as manipulações. A descrição circunstanciada

dessa experiência, a primeira desse gênero nos anais do Espiritismo, foi feita pelo Sr. Harrison no “The Spiritualist”, páginas 200 e 201; ela é acompanhada de uma gravura em madeira, reproduzindo a fotografia obtida. Só tirarei dessa minuciosa descrição os pormenores que são úteis ao meu argumento.

A sessão foi feita em condições da mais severa vigilância. Antes de começar, a Sra. e a Srta. Córner, que assistiam à experiência na qualidade de testemunhas, **conduziram a médium (Srta. Florence Cook) a seu quarto de dormir, onde lhe despiram os vestidos, revistaram-na e lhe puseram uma capa impermeável pardo-escuro diretamente sobre as roupas de dentro, e conduziram-na em seguida para o aposento das sessões**, onde o **Sr. Luxmoore lhe atou solidamente os pulsos por meio de uma fita de linho. Todos os assistentes examinaram os nós, sobre os quais se colocaram selos**; feito isso, instalaram-na no gabinete, que também tinha sido inspecionado previamente. Em carta particular, o Sr. Luxmoore diz que tinha examinado cuidadosamente o gabinete de uma extremidade a outra, **enquanto as Sras. Córner, mãe e filha, estavam ocupadas em revistar a Srta. Cook**. Ele verifica que naquele gabinete nada poderia ter sido disfarçado sem que tivesse sido descoberto. **A fita era presa em um gancho de latão pregado no soalho; comunicava com o exterior por baixo da cortina, de maneira que, ao menor movimento da médium, qualquer fraude seria descoberta imediatamente**. Podia-se depositar toda a confiança na solidez dos nós dados pelo Sr.

> Luxmoore: naquele mister ele se reconhecia na qualidade de marinheiro que passava a maior parte do tempo a bordo de seu iate. Logo que a médium penetrou o gabinete, caiu em transe e **alguns minutos mais tarde Katie entrou no aposento, completamente vestida de branco**, conforme mencionei mais acima. No fim da sessão todos os assistentes examinaram os nós e os selos e os acharam intactos; só então os desfizeram. As ligaduras eram tão justas que deixaram marcas nos punhos da médium.
>
> Quatro fotografias de Katie King foram tiradas em tais condições. […]. ([124])

Harrison manteve todo o cuidado para evitar fraudes, revistando a médium, trocando sua roupa e amarrando-a totalmente. Porém, ainda temos algo curioso sobre esse caso:

> Em outro lugar, o Sr. Luxmoore escreve: “Pouco depois da produção da primeira fotografia, Katie abriu a cortina e pediu-nos que a olhássemos; **ela parecia não ter mais corpo; apresentava um aspecto dos mais estranhos: sua cabeça estava quase ao nível do chão e parecia sustentada apenas pelo pescoço**; por baixo da cabeça via-se sua vestimenta branca.” ([125])

Supondo-se uma fraude, como a médium produziria um fenômeno insólito desse, que mais parece um

momento de criação do personagem “Homem Elástico” ([126])?

Continuando, em ***Animismo e Espiritismo***, transcrevemos:

> c) Fotografia de uma forma materialização, sendo essa e o médium visíveis ao mesmo tempo. É preciso falar em primeiro lugar da nova experiência feita sempre à luz do magnésio pelo Sr. Harrison, cinco dias depois da primeira, isto é, a 12 de maio de 1873.
>
> **O Sr. Harrison obteve ainda quatro fotografias de Katie nas mesmas condições de fiscalização**; além disso, **desta vez a médium se tinha conservado visível durante a exposição da forma materializada de Katie**. Eis o texto desse relatório (“The Spiritualist”, 1873, pág. 217):
>
> “Nós, abaixo-assinados, desejamos testemunhar, uma vez mais, que na sessão da Srta. Cook a 12 de maio, **Katie saiu do gabinete; ela tinha a estatura habitual e fez-se ver sob as mesmas condições de fiscalização, no que diz respeito à ligação da médium, que na sessão de 7 de maio corrente**, e ainda mais: a Srta. Corner (que estava sentada à esquerda do gabinete, em um lugar que lhe permitia ver tudo quanto se passava ali) declarou que tinha visto a Srta. Cook e Katie ao mesmo tempo.
>
> A posição ocupada pelos demais assistentes que formavam o circuito não lhes permitia ver o interior do gabinete. A não ser esse fato, teria sido inútil, talvez, publicar um testemunho que não passaria da repetição de nossas experiências anteriores.

Amélia e Carolina Corner, 3, Saint-Thomas Square, Hackney.

J. C. Luxmoore – 16, Gloucester Square, Hyde Park.

William H. Harrison, Chaucer Road, Herne Hill.

G. R. Tapp, 18, Queen Margaret's Grove, Mildmay Park, London, N."

Na verdade, semelhante testemunho teria podido ser dado desde a primeira experiência pelo Sr. Luxmoore, pois que ele estava sentado perto do gabinete no qual se achava a médium e porque **no momento em que Katie, abrindo a cortina, se apresentou para ser fotografada, ele teria podido olhar para o gabinete e ver a médium (do mesmo modo que a Srta. Corner no caso precedente).** Foi só a sinceridade escrupulosa do Sr. Luxmoore que pôde determiná-lo a não fazer imediatamente essa declaração, como se pode inferir de um trecho do discurso que pronunciou em Gower Street, em outubro de 1873, quando se tratava da fotografia espírita (ibidem, pág. 361).

As provas fotográficas mais positivas, referentes aos fenômenos classificados nesta categoria, são, indubitavelmente, as que devemos às experiências do Sr. Crookes. ([127])

Nas experiências é importante o depoimento das pessoas quanto ao que elas próprias puderam constatar. Muito interessante é o fato de Aksakof atribuir às provas fotográficas produzidas nas experiências de Crookes serem as mais positivas.

2) J. C. Luxmoore

Em ***Animismo e Espiritismo***, Aksakof fez o seguinte registro como testemunha:

> Farei aqui uma breve digressão, contando minha entrevista com Katie King, entrevista cuja narração nunca foi publicada pela imprensa estrangeira.
>
> Era em 1873. **O Sr. Crookes já tinha publicado seus artigos sobre a força psíquica, mas não acreditava ainda nas materializações, acrescentando que só acreditaria nelas quando tivesse visto, ao mesmo tempo, a médium e a forma materializada.** Achando-me em Londres, naquela época, eu desejava naturalmente ver com os meus próprios olhos esse fenômeno, único então. – Tendo travado relações com **a família da Srta. Cook**, fui gentilmente **convidado para assistir à sessão que devia realizar-se a 22 de outubro**. Reunimo-nos em pequeno aposento que servia para sala de jantar. A médium, Srta. Florence Cook, tomou lugar em uma cadeira no ângulo formado pelo fogão e a parede, por trás de uma cortina suspensa em argolas. **O Sr. Luxmoore, que dirigia a sessão, exigiu que eu examinasse perfeitamente o aposento e também as ligaduras da médium, pois julgava que esta última precaução era sempre indispensável**. Em primeiro lugar, **ele amarrou cada uma das mãos da médium, separadamente, com um cordão de linho, lacrou os nós; depois, reunindo as mãos por trás das costas, ligou-as conjuntamente com as pontas do mesmo cordão, e de novo lacrou os**

nós; depois, ligou-as ainda com uma longa fita que enrolou do lado de fora da cortina, em um gancho de cobre e que foi amarrada à mesa perto da qual ele estava sentado, de tal maneira que a médium não pudesse mover-se sem transmitir um movimento à fita. O aposento **era iluminado por pequena lâmpada** colocada por trás de um livro. Ainda não tinha decorrido um quarto de hora, quando a cortina foi levantada suficientemente de um lado, para descobrir **uma forma humana, de pé perto da cortina, vestida completamente de branco**, com o rosto descoberto, mas tendo os cabelos envoltos em um véu branco; as mãos e os braços estavam nus. – Era Katie.

Na mão direita segurava um objeto que entregou ao Sr. Luxmoore, dizendo-lhe: “É para o Sr. Aksakof; faço-lhe presente de tudo…” Ela me oferecia um pequeno púcaro de doce! E a entrega desse presente provocou um riso geral. Como se acaba de ver, o nosso primeiro encontro nada teve de místico.

Tive a curiosidade de perguntar donde vinha esse púcaro de doce.

Katie me deu esta resposta, não menos prosaica do que o seu presente:

– Da cozinha.

Durante toda essa sessão ela conversou com os membros do círculo; sua voz era fraca; não se percebia mais do que ligeiro cochicho. Ela repetia de instante a instante:

– Façam-me perguntas, perguntas sensatas.

Então eu lhe perguntei:

– Não podes mostrar-me a tua médium?

Ela me respondeu:

– Sim, vem depressa e olha.

Imediatamente abri a cortina, da qual eu não distava mais de cinco passos; **a forma branca tinha desaparecido** e, diante de mim, em um ângulo sombrio, divisei **a médium sempre sentada na cadeira; ela trajava um vestido de seda preta** e por conseguinte eu não podia vê-la mui distintamente, na sombra. Desde que voltei ao meu lugar, Katie reapareceu perto da cortina e me perguntou:

– Viste bem?

– Não muito bem – respondi –; está bastante escuro atrás da cortina.

– Então leva a lâmpada e olha o mais depressa que puderes – respondeu Katie.

Em menos de um segundo, de lâmpada em punho, cheguei ao lado de trás da cortina. **Todo vestígio de Katie tinha desaparecido. Achei-me em presença da médium, sentada na cadeira, imersa em sono profundo, com as mãos amarradas por trás das costas**. A luz da lâmpada, refletindo-se em seu rosto, produziu o efeito costumado: a médium gemeu, fazendo esforços para despertar; **um diálogo interessante estabeleceu-se, por trás da cortina, entre a médium, que se esforçava em despertar completamente, e Katie, que desejava adormecê-la ainda**; mas Katie teve que ceder: despediu-se dos assistentes e o silêncio se fez.

Estava terminada a sessão.

O Sr. Luxmoore convidou-me a examinar atentamente os nós, os laços e os selos; tudo estava intacto; quando eu tive que cortar os laços, experimentei grande dificuldade em introduzir a tesoura por baixo das fitas, tão fortemente apertados estavam os punhos.

Examinei de novo o gabinete, logo que a Srta. Cook o deixou. Ele não media mais do que cerca de um metro de largura e menos de meio metro de fundos; as duas paredes eram de tijolo. **Para mim era evidente que não tínhamos sido vítimas de uma mistificação por parte da Srta. Cook**. Mas então donde tinha vindo e por onde tinha desaparecido essa forma branca, viva, falante – uma verdadeira personalidade humana?

Estou bem lembrado da impressão que experimentei naquele dia. Certamente eu estava preparado com antecedência para ver aquelas coisas e, **entretanto, experimentava dificuldades em dar crédito a meus olhos. O testemunho dos sentidos e a própria lógica coagiam-me a acreditar, ao passo que a razão se opunha a isso**, tão certo é que a força do hábito subjuga todos os nossos raciocínios: quando estamos habituados com uma coisa julgamos compreendê-la.

Um observador superficial suporá mui naturalmente que o papel de Katie foi representado por uma pessoa qualquer que se tivesse introduzido por uma abertura habilmente dissimulada.

Mas não esqueçamos que as sessões não se

tinham realizado sempre no aposento ocupado pela família Cook. Assim, tive o ensejo, a 28 de outubro, de tornar a ver Katie em uma sessão que foi organizada **em casa do Sr. Luxmoore** – homem de fortuna –, antigo Juiz de Paz. Os convidados eram em número de quinze.

Esperando a chegada da Srta. Florence Cook, **examinamos o aposento que devia servir de gabinete escuro e que dava passagem para o salão**. Havia ali uma segunda porta, que o Sr. Dumphey (redator do *Morning Post*) **fechou à chave; ele guardou a chave no bolso**. Em pouco tempo chegou a Srta. Florence, acompanhada por seus pais; fizeram-na sentar-se em uma cadeira, perto da porta que comunicava com o salão, e o **Sr. Luxmoore amarrou-a, mas não da mesma maneira que na sessão precedente: a cintura e os braços estavam ligados separadamente; o cordão que prendia a cintura era ainda dessa vez passado por baixo de um gancho de cobre fixado no soalho, perto da cadeira ocupada pela Srta. Cook, que, em seguida, foi conduzida até o salão; os nós do cordão foram selados, como da primeira vez, pelo Sr. Luxmoore**. Todos os convidados assistiram àquela operação, depois da qual passamos ao salão. As cortinas foram cerradas; tomamos lugar defronte, em semicírculo. **O aposento estava iluminado suficientemente**. Em breve, a cortina abriu-se cerca de um pé e a forma de Katie apareceu na porta, vestida como de ordinário, e sustentou suas conversações habituais. **O cordel que jazia no soalho não se movia.** Katie insistiu ainda para que lhe propusessem perguntas sensatas.

Externei o desejo que tinha de que ela se aproximasse mais de nós; que passeasse pelo aposento; que desse um passo apenas, como o tinha feito nas sessões precedentes; ela respondeu que não poderia fazê-lo naquela noite. Desapareceu por um instante e reapareceu segurando entre as mãos um grande jarro japonês que estava no quarto em que se achava a Srta. Cook, porém à grande distância da cadeira na qual ela estava amarrada. O jarro foi retirado das mãos de Katie, que girou três vezes em torno de um mesmo ponto. Por esses movimentos ela queria evidentemente demonstrar-nos que seu corpo e mãos estavam livres de obstáculos e, por conseguinte, que não era a médium que se nos mostrava.

A sessão durou cerca de uma hora. Katie apareceu e desapareceu por muitas vezes. Finalmente a Srta. Cook começou a despertar; teve ainda uma conversa com Katie, e **a sessão terminou como precedentemente. Um dos assistentes examinou os selos e os nós, cortou os cordéis e retirou-os**.

[…].

No decurso de uma conversação que tive com Crookes, depois das sessões referidas, ele pediu minha opinião acerca dessas manifestações. **Respondi-lhe que me julgava coagido a considerá-las autênticas**. Ele me replicou: “Nenhuma ligadura me fará acreditar nesse fenômeno; conforme posso julgar, a ligadura não oferece obstáculos à força em atividade; só me darei por convencido quando vir ao mesmo tempo a médium e a figura materializada.” ([128])

Na obra ***Um Caso de Desmaterialização***, Aksakof, retorna a esse caso, fazendo os seguintes comentários:

> **O Sr. Luxmoore convidou-me para examinar os laços, os nós e os selos**. **Tudo estava intacto**; e, quando ele me propôs que cortasse os laços, foi com grande trabalho que consegui neles introduzir a tesoura, tal era o modo por que estavam atados.
>
> **Minha confiança na autenticidade deste fato é absoluta, e considero-o como da mais alta importância para a confirmação do princípio teórico que nos ocupa.**
>
> Perguntam certas pessoas: Como devemos compreender este fenômeno, e o que se deve concluir daí? Katie apresentava, como se sabe, uma semelhança perfeita com a sua médium? Ela era o seu *duplo* e não uma forma alucinatória, mas era-o em carne e osso, com coração e pulmões, segundo foi verificado por William Crookes.
>
> Pode-se razoavelmente admitir que a médium, num momento dado, tenha dois corpos completos ao mesmo tempo: um sob a forma de Katie, fora do gabinete, outro sob a sua própria forma dentro do gabinete?
>
> Evidentemente não. **Os laços conservados intactos provam que Katie não era a médium em pessoa, fazendo inconscientemente o papel de Espírito**. A médium **não teria podido, num momento, mudar o vestido, libertar-se dos laços, tornar a vestir-se, como antes, e amarrar-**

> **se, mesmo que isso fosse possível do ponto de vista físico**. Deve-se, pois, crer que, mesmo que eu pudesse antecipar-me a Katie, ou lançar a vista no gabinete enquanto ela estava fora, *não teria do mesmo modo visto a médium*, bem como o seu vestido, ou coisa alguma disso. Mas, como compreender que a forma se coloque com a rapidez do relâmpago no lugar da médium, vestida e amarrada? O vestido e os laços deviam portanto, ao desaparecer o corpo, cair por terra. Como pois retomá-los? Isso nos leva a supor que nem todo o corpo se desmaterializa, mas que subsiste alguma coisa – *um substratum*, uma forma astral, que conserva as posições dos laços e do vestido, e que, desse modo, a forma materializada pode, num momento, separar-se dessa forma fluídica, depois se reunir de novo a ela; e, assim, a médium acha-se no seu lugar. ([129])

Explicações que não deixam nenhuma margem à dúvida quanto a autenticidade da materialização de Katie.

3) Dr. James M. Gully

Epes Sargent (1813–1880), em ***Bases Científicas do Espiritismo***, narra o seguinte:

> O **Dr. J. M. Gully**, outrora de Great Malvern, Inglaterra, médico experimentado e investigador cuidadoso, escreveu-me em data de 20 de julho de 1874: “Relativamente à questão especial que me propusestes a respeito das minhas experiências de materialização da forma espiritual obtida pela **mediunidade da Srta. Cook,** respondo que, depois do exame do fato, durante dois anos e em

> numerosas sessões, não tenho a menor dúvida e estou firmemente convencido de que tais materializações ocorreram, e nem a mais leve suspeita de fraude ou ilusão feriu a ideia dos que assistiram às sessões da Srta. Cook."
>
> Pelos fatos aí produzidos, pode concluir-se que o corpo espiritual não é uma mera hipótese. Isso está provado pelos fenômenos e induções do Espiritismo, pela aparição objetiva dos Espíritos em corpos improvisados, pelo testemunho dos clarividentes, que podem ver os Espíritos, e pelo testemunho dos próprios Espíritos, que afirmam não só possuírem um organismo super-etéreo e humano em sua forma, mas ainda o poder de tomar corpos visíveis, semelhantes aos que tiveram em diferentes fases da sua vida terrena, quando estiveram na Terra; pelos fenômenos do sonambulismo e da clarividência, que evidenciam a existência dos sentidos espirituais, tão capazes de exercer a sua ação em relação ao espiritual, como os corporais em relação ao corporal, e são as profecias de uma vida sem fim; por todas as analogias que a razão e a experiência fornecem e pela crença dos homens em todos os tempos e climas, crença fundada sobre a reaparição dos parentes e amigos mortos. ([130])

4) Sessão de materialização em Paris, em 1900:

Em ***Fatos Espíritas***, encontramos a seguinte narrativa dando conta de uma nova experiência com a médium Florence Cook:

A *Revue Spirite*, de Allan Kardec, de 1900, traz a descrição de várias sessões de materialização realizadas naquele ano, em Paris, com **o concurso da Sra. Corner, a célebre Florence Cook** de William Crookes. Por falta de espaço, traduzimos apenas uma delas.

“No domingo, 22 de julho de 1900, às 9 horas da noite, reuniram-se em um hotel o Príncipe Wiszniewsky, a Princesa Wiszniewsky, o Sr. Doutor Bécour, as Sras. Bécour e Leymarie, o Sr. e Sra. Béra, o Sr. Côte, e o Sr. Martins Velho.

Às 9 ¼ horas da noite, os convidados dirigiram-se para a sala das sessões.

O gabinete era formado, no ângulo da única porta da sala, por duas cortinas de pano espesso e preto, caindo do teto ao soalho.

No interior do gabinete apenas havia uma cadeira, pregada no soalho; nessa cadeira é que a médium se sentava.

A Sra. Corner é uma mulher de cerca de quarenta anos de idade, morena, de cabelos muito pretos, de porte baixo, mas forte.

Ela senta-se na cadeira; está com um vestido escuro, decotado, tem as mangas curtas, com renda branca flutuante. **Amarram-se-lhe as mãos com uma fita que aperta, primeiro, cada punho, fortemente; depois, as mãos são reunidas**, deixando-se entre elas um intervalo de cerca de dez centímetros. **O corpo é amarrado por uma outra fita presa às costas da cadeira; por fim, a fita dos punhos é amarrada à do corpo**. Todas as extremidades livres das fitas são seladas com

um cartão. **Nessa situação, a médium não pode levantar-se nem se servir das mãos a mais de dez centímetros do corpo**; tem todavia a liberdade de se abanar, em vista do calor sufocante do gabinete.

Em seguida, **apagam-se as luzes, exceto a que é produzida por uma lanterna guarnecida de papel vermelho**. A claridade é suficiente para que ninguém possa deixar o lugar em que está, sem ser percebido por todos. Os assistentes estão sentados em semicírculo, formando a cadeia diante das cortinas.

Depois de dez minutos de espera, ouve-se a voz do "capitão"; é uma voz rouca e pouco natural. Ele só se exprime em inglês.

O "capitão" repreende asperamente a médium por agitar o leque, e lhe diz que esses movimentos embaraçam o trabalho. Uma curta discussão se trava entre ele e a Sra. Corner, terminando pela queda do leque, violentamente projetado pela abertura das cortinas, em direção aos assistentes: o mesmo acontece com o colar da médium. Em seguida, um grande braço branco e descoberto aparece. **Alguns instantes depois, "Maria" mostra-se na abertura das cortinas**.

"Maria", mais alta que a médium, traz um comprido vestido branco decotado e tem descobertos os braços, que parecem muito bem-feitos. **Ela cochicha em francês correto, mas diferente sensivelmente do francês da médium**.

O Sr. Côte entregou a "Maria" uma caixa de joias e esta foi levá-la ao Príncipe W…, que disse ter podido tocar as suas mãos, seu rosto e seu

> peito; uma vez ele sentiu o contato de mão de homem, que supõe ser do “capitão”. Como sobre a mesa estivesse um papelão luminoso, “Maria” o tomou e o aproximou do rosto do Sr. Côte, depois ela apanhou um lápis e um papel que estavam na mesa e, com um ruído seco, automático e com os movimentos bruscos e mal regrados, conhecidos por todas as pessoas que têm assistido à escrita mecânica por médiuns, traçou rapidamente algumas palavras de despedida.
>
> **Nesse momento, ouve-se a voz de “Su-Su”**, que deseja aparecer; depois de ligeira discussão, o “capitão” permite que ele apareça. Finalmente, **um homem baixo e moreno é percebido, não muito bem, ao lado das cortinas**; sua presença parece perturbar as manifestações, que se enfraquecem cada vez mais, apesar da recomendação feita aos assistentes de sustentarem uma conversação animada. O papelão luminoso é restituído pela abertura das cortinas e, logo, nesse lugar do gabinete, produzem-se fogos fátuos, que volteiam. Depois de longo repouso, o “capitão” anuncia o fim da sessão, recomenda os cuidados a ter com a médium e despede-se.
>
> Clareia-se a sala e **os assistentes verificam que a médium está sentada e ligada à cadeira, como no começo da sessão, estando intactos os nós e o lacre**. ([131])

Destacamos: reuniões em locais diferentes, médium foi totalmente amarrada, vestimentas diferentes, Katie roupa branca, Florence Cook vestia preto. Detalhes que convenceram Aksakof de que o fenômeno da

materialização era autêntico: “[...] eu hesitava em dar crédito a meus olhos, e entretanto a evidência dos fatos, as condições em que eles se tinham realizado, coagiam-me a aceitá-los. [...].” ([132])

Traremos agora, depoimentos de pessoas que testemunharam as pesquisas:

Em ***Um caso de Desmaterialização***, Aksakof, registra alguns depoimentos de testemunhas das sessões de materialização:

> **Testemunho do Sr. Benjamim Coleman:**
>
> Em **18 de novembro de 1873** efetuou-se uma reunião **na casa do Sr. Luxmoore**, tendo o Sr. Coleman tomado as seguintes notas: A sessão realizou-se no grande salão, que esteve aquecido toda a noite. O pequeno salão serviu de gabinete escuro, e cortinas escuras foram pendidas na abertura; uma lâmpada iluminava o grande salão. Os quatorze assistentes dos dois sexos, sentados a pequena distância do gabinete, podiam ver-se distintamente; em nenhum momento a luz foi apagada.
>
> A jovem Cook sentou-se numa pequena cadeira colocada no gabinete. O Sr. Luxmoore pediu aos senhores Blackburn e Coleman que a prendessem; **suas mãos foram ligadas por uma fita de linho, cujas pontas foram costuradas umas às outras, e lacradas; passou-se essa fita em torno do seu corpo, que foi solidamente amarrado, e, depois, foi ela presa num gancho de ferro fixado no**

chão, deixando-se alguns centímetros para movimento. Era absolutamente impossível a Miss Cook afastar-se de sua cadeira mais de algumas polegadas.

Um instante depois, a forma de Katie apresentou-se livre no salão; trajava um vestido branco, flutuante, preso à sua cintura; suas mangas eram longas e desciam até aos punhos; sua cabeça estava coberta por uma espécie de capuz, cujas abas lhe caíam pelos ombros; seus cabelos estavam presos por fitas de pano. Ela saudou as pessoas presentes, cada uma por sua vez, mas inquiriu, primeiro, o nome de um recém-chegado que lhe era desconhecido.

[…].

[…] Katie percorreu, em seguida, o grupo, e apertou delicadamente a mão de cada assistente. Durante a sessão, suas mãos e seu rosto estavam rosados, vivos e nada pálidos, como outrora; suas faces apresentavam-se coloridas e davam a aparência de uma mulher distinta e graciosa; ela abaixou-se para apanhar duas folhas de papel que haviam caído ao chão, e colocou-as na mesa.

Este fato completou a impressão que todos os assistentes tinham sentido, isto é, que, durante hora e meia, tínhamos conversado com uma mulher viva, inteligente, que, em vez de caminhar, mais parecia deslizar. Pela sua vigilância constante sobre a médium, provava que estava nela a sua vida, o laço que a sustentava. Em resumo, fomos testemunhas de fatos absolutamente naturais e maravilhosos.

Depois da sessão, comprovamos que os

laços que retinham Miss Cook achavam-se intactos; além disso, o fato de Florente Cook ter sido encontrada adormecida, com vestuário diferente do Espírito, e a desaparição de Katie bastavam para provar que Florente Cook e Katie eram duas individualidades essencialmente distintas uma da outra. ([133])

Testemunho do Príncipe Emile de Sayn Wittgenstein

As minúcias que seguem foram enviadas ao senhor Leymarie, pelo Príncipe E. de Sayn Wittgenstein, depois da sessão a que ele assistiu:

No dia 16 de dezembro de 1873, entrei, maravilhado, no meu hotel; estava surpreso de tudo o que tinha visto e ouvido.

Na casa da Sra. Cook, onde fui ter às oito horas, o Sr. Luxmoore permitiu que eu examinasse, com toda a liberdade, os dois salões, os seus móveis, permissão essa de que me aproveitei bastante. **Miss Florence Cook fez sua entrada; suas mãos foram ligadas solidamente uma contra a outra por nós, com cordões; outro cordão passava em volta da sua cintura. Ela sentou-se, e o cordão, passando por uma argola da cadeira, foi enrolado no seu pescoço, de tal maneira que não lhe era possível mover-se. Os nós foram lacrados e selados pelos assistentes**. Uma só lâmpada, com a luz um pouco baixa e coberta por um abajur azul, iluminava suficientemente o salão; formou-se a cadeia em semicírculo, e suas extremidades tocavam no gabinete.

Após alguns minutos de espera, uma espécie de

leve sussurro preveniu-nos da presença do Espírito; depois, o reposteiro, formando uma porta diante do gabinete, agitou-se vivamente. Um braço saiu para fazer um sinal. Enfim, a cortina abriu-se, e a mais encantadora das aparições mostrou-se aos nossos olhos; ela estava em pé, o braço direito colocado ao peito, o outro braço pendendo ao longo do corpo. Parecia passar em revista as pessoas presentes.

Era o Espírito Katie King, mil vezes mais belo do que a sua fotografia; eu tinha diante de mim uma mulher ideal, jovem, alta, esguia, elegante quanto possível; por debaixo do seu véu branco, passavam algumas mechas de cabelo castanho; seu gracioso vestido de cauda cobria-lhe inteiramente os pés nus; seus braços encantadores, delicados e brancos, eram visíveis até ao cotovelo. Os traços do seu corpo eram finos; as mãos, um pouco grandes, tinham dedos longos, afilados e róseos até às extremidades; seu rosto era mais redondo que alongado, e um pouco pálido; sua boca era sorridente, os dentes muito belos, o nariz aquilino; seus olhos azuis eram muito grandes, em forma de amêndoa e sombreados por longas pestanas que pareciam abrigá-los; as sobrancelhas eram belas e finamente arqueadas.

[…].

Assim termina a narrativa do príncipe. Quando ele voltou à Alemanha, desejou ter uma nova experiência com Florente Cook, que deu em perfeito resultado.

O *Spiritualist* publicou uma carta do príncipe Wittgenstein, na sua edição de 10 de julho de

1874. Nessa carta, procedente de Nieder Walluf, no Reno, o Príncipe apresenta os resultados da sua experiência, como segue:

"Um fenômeno bastante curioso, a escrita direta, foi recentemente obtido por Florente Cook. Pedi-lhe que colocasse, à noite, sobre a mesa, **uma carta lacrada que eu lhe havia entregado e, ao lado, papel e lápis**. O senhor William Crookes, tomando parte na experiência, encerrou minha carta noutro envelope, sobre o qual imprimiu, ele próprio, diversos sinetes, para estar certo de que a carta não seria lida sem que eles fossem violados. (O Espírito Katie King devia, pois, dar uma prova de clarividência.) Após a experiência, sendo-me a carta restituída, notei que os sinetes do Sr. Crookes e os meus estavam intactos.

Katie King copiara o conteúdo da minha carta, palavra por palavra, sem erro nem omissão, numa folha de papel separada, e escreveu-me uma resposta pessoal, com o *post scriptum* seguinte;

"Copiei vossa carta, caro amigo, para mostrar-vos que, realmente, ela foi lida por mim. Conto com a vossa bondade para desculpardes os erros, se os houver, porque ainda nada de semelhante eu havia feito.

ANNIE MORGAN ou KATIE KING. ([134])

Vejamos uma ocorrência com a **médium Kate Fox** (1837-1892), pertencente à Família Fox, de Hydesville (E.U.A.), onde se tem como iniciados os fenômenos espíritas da atualidade. Tomemos da obra ***Animismo e***

Espiritismo, de Aksakof:

> As mais importantes dentre essas **comunicações são certamente as que foram recebidas pelo Sr. Livermore** ([135]), **da parte de sua finada mulher, Estela**, no decurso das numerosas sessões que fez com Kate Fox, durante muitos anos, de 1861 a 1866. ([136]) Mais adiante o leitor encontrará (no § 8) **todas as informações publicadas acerca dessas notáveis sessões**, das quais só menciono aqui as que se referem às comunicações. **Elas foram, ao todo, em número de cem, mais ou menos,** traçadas em papel que o próprio Sr. Livermore marcava e trazia, e **foram todas escritas não pelo médium (cujas mãos o Sr. Livermore segurava durante toda a sessão), porém diretamente pela mão de Estela** e algumas vezes mesmo sob os olhos do Sr. Livermore, à luz espirítica criada *ad hoc*, luz que lhe permitia reconhecer perfeitamente a mão e até toda a forma daquela que escrevia. **A escrita dessas comunicações é uma perfeita reprodução da escrita da Sra. Livermore quando viva.**
>
> Em uma carta do Sr. Livermore ao Sr. B. Coleman, de Londres, com quem ele fizera conhecimento na América, lemos: “Finalmente acabamos de obter cartas datadas. A primeira desse gênero, datada de sexta-feira, 3 de maio de 1861, era escrita mui cuidadosamente e mui corretamente, e **a identidade da escrita de minha mulher pôde ser estabelecida de maneira categórica por meio de comparações minuciosas**; o estilo e a escrita do ‘Espírito’ são

para mim provas positivas da identidade do autor, ainda quando se deixem de lado as outras provas ainda mais concludentes, que eu obtive." Mais tarde, em outra carta, o Sr. Livermore acrescenta: "**Sua identidade foi estabelecida de maneira a não deixar subsistir a sombra de uma dúvida: a princípio por sua parecença, depois por sua escrita e finalmente por sua individualidade mental, sem falar de numerosas outras provas que seriam concludentes em casos ordinários, das quais não fiz menção, salvo como prova em apoio**."

O Sr. Livermore, enviando algumas dessas comunicações originais ao Sr. Coleman, **tinha-lhe mandado também espécimes da escrita de Estela, quando viva,** para compará-los, e o Sr. Coleman julga os primeiros "absolutamente semelhantes à escrita natural". (B. Coleman – O Espiritualismo na América, Londres, 1861, págs. 30, 33, 35). **Os que possuem cartas de Kate Fox podem convencer-se de que sua escrita nada tem de comum com a das comunicações da Sra. Livermore**.

Além desta prova intelectual e material, encontramos ainda outra em muitas comunicações escritas por Estela em **francês, língua completamente desconhecida da médium**. (grifo do original) Eis a esse respeito o testemunho decisivo do Sr. Livermore: "Uma folha de papel que eu próprio tinha trazido foi retirada de minha mão e, depois de alguns instantes, me foi visivelmente restituída. Eu li nela **uma comunicação admiravelmente escrita em francês correto, de que a Sra. Fox não conhecia uma palavra**."

> (Owen, “The Debatable Land”, Londres,1871, pág. 390). E em uma carta do Sr. Livermore ao Sr. Coleman, leio ainda: “Recebi também, não há muito tempo, muitas outras cartas escritas em francês. Minha mulher conhecia perfeitamente o francês; escrevia-o e falava-o corretamente, ao passo que a jovem Fox não tinha a menor noção da dita língua.” (“O Espiritualismo na América”, pág. 34).
>
> Encontramos aqui uma **dupla prova de identidade** (grifo do original): ela é verificada não só pela escrita em todos os pontos semelhante à da pessoa morta, mas ainda pelo fato de ser feita em língua desconhecida da médium. O caso é extremamente importante e apresenta aos nossos olhos **uma prova de identidade absoluta** (grifo do original) ([137]) (grifo nosso, exceto os mencionados como do original)

O testemunho do marido, dando conta que a escrita e a maneira de falar são os mesmos da esposa que se manifestava, materializando somente uma de suas mãos, é algo que devemos levar em conta. O que mais precisa acontecer para abrir os olhos dos cientistas, cegos pelo seu cientificismo materialista exacerbado.

Pode-se alegar que o marido foi sugestionado a ver a letra da esposa... Certo, mas vejamos esse caso de J. J. Owen, narrado por Aksakof, em ***Animismo e Espiritismo***:

[…] citarei uma experiência que traz em si, além da prova exterior da escrita, uma prova interior característica. Eis o fato que o Sr. J. J. Owen publicou no *Religio Philosophical Journal* de 26 de julho de 1884, e que tiro de *Light* de 1885 (pág. 35), onde foi reproduzido. Abrevio essa narração, dando completamente a palavra ao próprio Sr. Owen:

"Há cerca de doze anos eu contava no número de meus amigos íntimos um senador da Califórnia, muito conhecido e que era diretor de um banco próspero em São José. O Dr. Knox – é seu nome – era um pensador profundo e partidário resoluto das teorias materialistas. Ele estava acometido de uma afecção pulmonar progressiva e, sentindo aproximar-se seu fim, falava frequentemente do sono eterno que o esperava, e com ele o esquecimento eterno. Ele não temia a morte.

"Certo dia eu lhe disse: '**Façamos um pacto, doutor: se, lá em cima, vos sentirdes viver, fareis a diligência possível de comunicar-me as palavras seguintes**: ***Eu vivo ainda***.' (grifo do original) Ele me fez esta promessa solenemente… Depois de sua morte, eu esperava impacientemente que me desse notícias suas. Esse desejo se acentuou mais com a chegada à nossa cidade de um médium de materializações, vindo do oriente da América. Eu tinha absoluta confiança no caráter sério desse médium; ele declarou que podia às vezes obter provas de identidade por meio da escrita direta, sobre uma ardósia, e propôs-me tentar a experiência, pois que se oferecia ocasião… Limpei uma ardósia, coloquei em cima um lápis, de ardósia também, e conservei

a dita ardósia de encontro à face inferior da mesa. ([138]) **O médium colocou uma das mãos em cima de uma das minhas, por baixo da mesa, e a outra em cima do móvel. Ouvimos o ranger do lápis atritando a ardósia** e, retirando-a, nela encontramos as linhas seguintes:

"Amigo Owen:

Os fenômenos que a Natureza nos oferece são irresistíveis, e o pretendido filósofo, que luta frequentemente com um fato que se opõe diretamente às suas teorias favoritas, acaba por ser lançado em um oceano de dúvida e de incerteza. Não é precisamente o caso que se dá comigo, se bem que minhas antigas ideias acerca da vida futura estejam presentemente transformadas por completo; entretanto, confesso-o, minha desilusão foi agradável e eu sou feliz, meu amigo, por poder dizer-te: ***Vivo ainda*.**

Sempre teu amigo

Wm. Knox."

"Convém notar que o médium de quem se trata foi à Califórnia três anos depois da morte de meu amigo, que nunca o tinha conhecido e que **a escrita da comunicação era a tal ponto igual à de meu amigo morto, que foi reconhecida como sua pelo pessoal do Banco a que ele presidira**."

Se não tivesse havido identidade de escrita, teríamos podido explicar esse caso, como tantos outros, pela transmissão de pensamentos; mas, nessas condições, a manifestação torna-se pessoal. ([139]) (grifo nosso, exceto os mencionados como do original)

O fenômeno aqui não é de psicografia, mas de escrita direta, também classificado como de efeitos físicos. O Dr. Knox cumpre o pacto com o amigo, e o fato importante é que a letra dele como Espírito foi reconhecida pelo pessoal do Banco a que presidira, quando vivo.

O importante depoimento de Paul Gibier

> “A verdade sempre aparece, com, sem e apesar dos que, voluntária ou involuntariamente, vedam os próprios olhos e se fingem de cegos.” (PEDRO CAMILO)

O que percebemos em tudo isso é que, infelizmente, não foram estudados os casos como deveriam ter sido, ou seja, estritamente dentro do âmbito científico, entendendo este como um método supostamente idôneo e exaustivo de investigação.

Para provar que a realidade é bem outra, vamos trazer o testemunho de um cientista, cujo fato singular é que não acreditava que as materializações fossem de Espíritos, seu nome é Paul Gibier (1851-1900) ([140]).

Salpicaremos alguns trechos de seus livros – ***Análise das coisas***, ***As materializações de fantasmas*** e ***O Espiritismo (O faquirismo ocidental)*** – na ordem em que ele os escreveu:

> **Outubro de 1886**.
> Se fossemos espírita, esforçar-nos-íamos por

fazer desaparecer o que poderia ensombrar uma doutrina cujas principais pretensões são consolar os vivos da perda dos que se foram, e fazer-lhes encarar, como a religião de nossos avós os Gauleses, a morte como um despertar cheio de encantos, e a vida futura como um alvo desejável. ([141])

Não hesitamos em afirmá-lo bem alto: não partilhamos as ideias da escola espírita, e repelimos como prematura e insuficiente demonstrada a teoria da intervenção da alma dos antepassados nos fenômenos determinados por meio de certos indivíduos, a que chamaremos de médiuns, conformando-nos com o hábito e em falta de melhor nome. Mas afirmamos ainda uma vez e provaremos que existe uma categoria inteira de fenômenos aparentemente contrários às leis conhecidas da Natureza, inexplicáveis presentemente: o que não quer dizer que devamos renunciar a procurar a explicação deles. ([142])

[…] quando decidimos estudar o Espiritismo e seus fenômenos, com a ideia que nos íamos ocupar de grande mistificação. Se a nossa opinião ainda se não modificou no que diz respeito às doutrinas dos espíritas, o mesmo não acontece relativamente aos fenômenos que lhes servem de base. Somos forçados a confessar que se produzem fatos, os quais podem ser verificados por qualquer pessoa, e que esses fatos, sobrenaturais em aparência, não podem ser explicados só com o auxílio dos nossos atuais conhecimentos. ([143])

Ano 1890.

Talvez me seja permitido fazer entrever a persistência deste elemento, isto é, da *inteligência consciente* sobrevivendo à decomposição da matéria, à qual se achou momentaneamente unida, sob as aparências do corpo humano. Em outros termos: - mostrar a possibilidade da existência *abmaterial da inteligência*, depois da sua existência *comaterial*; tal é o fim a que me proponho. ([144])

A verdade é esta: A Inteligência existe fora da matéria, tal como nós a concebemos ordinariamente; e declarando, mais uma vez, que não sou um *modern spiritualist*, afirmou que todos os fenômenos denominados espiritualistas, pondo de parte a teoria do mesmo nome, são absolutamente reais, o que não quer dizer seja impossível a simulação dos mesmos, até certo ponto. Estes fenômenos chegam, pois, em apoio da minha tese, e é o que espero demonstrar.

Não importa! Será “grande vergonha” para muitos sábios atuais a sua obstinação em desconhecerem um fato tão capital, o qual, especialmente há um quarto de século, se apresenta continuamente ao seu exame. ([145])

Pois bem, é perfeitamente exato que indivíduos predispostos por sua constituição, e exercitados ou não para este fim, podem servir de intermediários entre os vivos e as inteligências ordinariamente invisíveis que pretendem, às vezes – nem sempre –, ser Espíritos de indivíduos, tendo vivido anteriormente, como nós. ([146])

Em meu precedente trabalho, expus longamente diversas experiências devidas a sábios dos mais distintos (W. Crookes, Zoellner, etc.), antes de expor as minhas próprias experiências. Não quis, então, emitir teoria alguma sobre os fenômenos espiritualistas, e isso por muitos motivos. Em primeiro lugar devo colocar o seguinte: se me achava perfeitamente certo da realidade dos fenômenos não me tinha ainda fixado a respeito da sua causa. Acreditava poder afirmar, todavia, que em certo número de caos, pelos menos dos que eu observara, alguns eram produzidos por uma causa intelectiva, que parecia independente. Demais, permanecendo no terreno dos fatos, não querendo adotar nem sustentar teoria alguma, guardava uma posição inexpugnável e não podia ser acusado de ter um partido feito, ou uma opinião preconcebida. ([147])

Ano 1890.

F) *Observações sobre as materializações*.

Uma vez reconhecida a existência das materializações, o problema que concerne a esses fenômenos está longe de ser resolvido. Com efeito, na presença de fatos tão estranhos, o experimentador, que, da negação *a priori,* passou à dúvida, e dessa última, à certeza, pergunta a si mesmo o que são as formas humanas que nos dão a impressão da vida e fundem-se diante dos nossos olhos, em nossos braços; formas que, em alguns segundos, criam carne e tecidos que fazem desaparecer tão rapidamente. Ele se faz, então, as seguintes perguntas que iremos examinar em detalhe e da melhor maneira que pudermos:

1º) ***Essas formas que aparecem aos nossos olhos têm uma existência objetiva ou sugestiva?***

A duração das aparições é, em geral, tão curta (embora em alguns casos excepcionais elas permaneçam com os assistentes e conversam com eles durante cinco, dez, vinte minutos ou mais) que temos o direito de nos perguntar se não somos o brinquedo de uma espécie de sugestão mental, de natureza hipnótica ou outra, análoga às influências exercidas sobre uma multidão pelos malabaristas do Oriente; a influência, no nosso caso, vindo da médium e de nossa própria subliminal (auto-hetero-sugestão). Porém, de um lado, sabe-se que os personagens ou as coisas colocadas em cena pelos malabaristas hindus desaparecem do campo visual, quando os espectadores se aproximam ou se afastam mais ou menos, e que a placa fotográfica não os registra. As materializações, ao contrário, podem ser não somente vistas e ouvidas, mas, tocadas, fotografadas e até modeladas. (Esperamos poder apresentar, um dia, fotografias e moldes, sem, entretanto, pretender a prioridade, pois essas provas foram obtidas um bom número de vezes).

Portanto, as manifestações possuem uma existência objetiva.

2º) ***De que substâncias ou de quais substâncias elas se formam?***

Conforme os ensinamentos obtidos de diversas fontes, pode-se dizer que essa substância vem do médium. Conhecem-se casos em que o peso do médium diminuiu em proporções consideráveis

durante a experiência; outros, em que o médium desaparecia em parte, senão totalmente, enquanto as materializações aconteciam. É um fato que nós nos propomos a verificar no laboratório que preparamos especialmente para essas pesquisas.

Quanto aos tecidos das fazendas, sua origem é discutida. Algumas *inteligências* disseram que elas os produzem desmaterializando uma parte das vestimentas do médium; outras falam de contribuições: tudo é possível. Às vezes, é permitido cortar uma peça que se pode examinar em seguida à vontade, até no microscópio, assim como os cabelos, ou as unhas, ou o sangue que foi permitido, diz-se, extrair da carne das formas materializadas. Vê-se que campo imenso e novo se apresenta às investigações dos estudantes da Ciência.

Nas observações que ainda não foram publicadas, que eu saiba, e em que, bem entendido, as precauções necessárias tinham sido tomadas para eliminar a fraude, marcas de azul de anilina foram feitas numa mão de aparição, e essa marca foi encontrada numa outra parte do corpo do médium. Notou-se ainda que um odor particular a ele, encontrava-se na aparição.

3º) ***Através de que processo a substância das materializações é transformada, aglomerada e dissolvida?***

Não tentaremos responder a essa pergunta sobre a qual não recebemos nenhum esclarecimento.

4º) ***Esses personagens que nos falam com uma voz que lhes pertence, são o que dizem***

ser?

Vimos mais acima (ver nota D) que “Ellan” não pôde ou não quis dar-me nenhuma explicação, quando lhe perguntei sobre a desmaterialização. Ele foi muito menos reservado quando lhe perguntei se ele não era uma segunda personalidade ou uma personificação emergente do subconsciente da médium, ou de onde emanariam também todas as outras materializações. Ele declarou-me enfaticamente que ele próprio, tanto quanto os outros “espíritos” que se manifestam por meio de seu instrumento (o médium), são entidades, personalidades distintas, espíritos desencarnados, cuja missão é de nos demonstrar a existência de outra vida. Ele acrescentou que é com o auxílio das “forças materiais” (?) que emanam do médium que eles conseguem se manifestar no nosso plano.

Sem aceitar cegamente afirmativas da natureza das que precedem, não seria permitido parar um momento para refletir sobre o assunto e até esperar que o fenômeno da materialização nos forneça, no futuro próximo, a solução desse problema inquietante que hoje confronta a psicologia; subliminal ou espíritos? Ou os dois? Ou nem um nem outro?

5º) *Se eles não são o que dizem ser, o que podem ser?*

Se os espíritos (materializações nesse caso) não são inteligências, almas que animaram corpos humanos “no nosso plano”, como eles gostam de dizer, as hipóteses não faltarão para explicar o que eles não dizem ser. E, primeiramente, eles dizem

sempre que são espíritos desencarnados? Cremos saber o contrário, mas não insistamos. Seria prematuro abordar essa questão nesse momento e como ele se comportaria; contentemo-nos, pois, em encarar a única hipótese que atualmente é permitida em psicologia: essas materializações seriam manifestações objetivas do inconsciente do médium? Nas escolas de psicologia menos suspeitas de “psiquismo”, hoje, admite-se que o inconsciente possa falar sânscrito ou marciano, ou personificar com perfeição defuntos dos quais jamais ouviu falar, mas que ele percebe (com certeza talvez) os caracteres na subconsciência de um vivo presente ou distante (telepatia). Numa palavra, segundo alguns psicólogos, não se pode saber tudo o de que é capaz o subliminal (como o nomeia o Sr. Meyers, nosso colega da S.P.R.).

Não nos detenhamos, pois, por tão pouco e, já que aqui estamos, digamos imediatamente que ele se passaria muito bem pelo subliminal, que tantas vezes nos prega peças com os histéricos, os indivíduos hipnóticos, sonambúlicos, etc., que teria êxito em transportar para fora, ao mesmo tempo que uma segunda ou enésima personalidade do médium, uma quantidade de substância desse último, suficiente para produzir momentaneamente um homúnculo, um fantasma, tendo mais ou menos a aparência da vida. Seria uma variedade poderosa de telecinesia. Daria, assim, a ilusão dessa enésima personalidade que lhe agradou imitar e da qual pode ter colhido a imagem física e moral no subliminal dos assistentes, como, em outros casos, imita-lhe a voz, as maneiras, a caligrafia, etc., sem sair do médium. Nos casos

como o de Maudy, poder-se-ia admitir que trata-se aí de uma reminiscência e que Maudy é apenas a representação da médium com a idade de 8 anos; mas tudo isso é muito complicado.

Aguardamos ainda antes de formular uma opinião e acumulamos paciência esperando ver o acordo se fazer entre os “espíritos” e os psicólogos. Pois é preciso dizer também: falta muito para que possamos crer sob juramento, em tudo o que essas formas materializadas nos contam, não mais, do que o que emana dos outros modos de suposta comunicação entre os mortos e os vivos. Quanto mais se estuda, observa, lê ou experimenta, mais se veem lacunas, absurdos e até contradições nessas diferentes manifestações que realmente dão, às vezes, a impressão da existência de alguma coisa como o inconsciente do Sr. de Hartman. Um devoto não hesitaria de nele reconhecer “o espírito de mentira”. Todavia, não é preciso se deixar desencorajar, e no meio de todos os destroços que o prospector retira da mina dos fatos psíquicos, não é impossível que encontremos muitos minerais preciosos para sermos pagos pelo nosso esforço, e, ouso dizer, amplamente pagos.

6º) *Se eles são o que dizem ser, o que devemos concluir?*

O que acabamos de dizer no parágrafo precedente poderia nos dispensar de considerar essa questão que é preciso, todavia, mencionar, pois ela vem, naturalmente, ao espírito. Pois bem! Pensamos muito simplesmente que as consequências desse fato teriam um alcance incalculável, dado o grau de evolução, ao qual os outros ramos da Ciência hoje chegaram. Porém,

não insistiremos mais nesse ponto que já consideramos num trabalho precedente.

Tais são as questões e as hipóteses que surgem diante do espírito do pesquisador na presença dos fenômenos que acabamos de estudar.

Acrescentarei apenas mais uma observação a propósito das materializações, é esta: nas reuniões que têm por objetivo assistir a esse fenômeno, as formas materializadas se mostram muito tímidas, no início, mesmo com um bom médium. Quando os assistentes se conhecem e uma confiança mútua se estabelece entre eles e o médium, as formas se deixam mais facilmente aproximar e tocar. Exemplo: tive numerosas conversas com “Ellan” que me permitiu apertar-lhe a mão, mas que se desfez e desapareceu, logo que uma outra pessoa, que ele mal conhecia, se aproximou. “Maudy” tinha uma predileção por uma das senhoras que assistia às nossas experiências e que ela conhecia há, pelo menos, quinze anos. *É preciso ganhar-lhes a confiança.* Essa observação poderá ter sua utilidade para aqueles que se iniciarem no estudo desses fenômenos. ([148])

E, finalizando, deixaremos o Dr. Paul Gibier arrematar:

Os sábios que, pelo contrário, só abordaram o estudo dos fenômenos em questão com ideias preconcebidas e contentaram-se com as experiências pouco satisfatórias que fizeram no começo; aqueles que, sem nada haverem observado, contentaram-se com a opinião alheia

> conforme as suas próprias ideias, e escreveram que os fenômenos, denominados espiritualistas, não existem, ou, o que no fundo, vem a dar no mesmo, que são o produto exclusivo da fraude, foram muito imprudentes, e devemos pedir-lhes contas por sua atitude. ([149])

Quantos não opinaram sobre os fenômenos de materialização apoiados no preconceito, seja o seu próprio ou no de terceiros?

Algumas pesquisas com outros médiuns

> “Fatos são indiscutíveis e, quando se repetem em condições experimentais controladas por diferentes pesquisadores em lugares diversos sempre da mesma maneira, tornam-se um axioma. Um axioma é uma verdade evidente por si mesma.” (MORRIS NETHERTON)

Em ***Fatos Espíritas***, Crookes registra no tópico “Materialização de diversos espíritos, que são reconhecidos”, o caso da **médium Sra. Moore**, que não logramos identificar quem seria. Relatamos:

> Havendo em São Francisco uma excelente médium, a **Sra. Moore**, tratou o Sr. H. J. Brown, com ela, uma sessão particular, à qual só a sua família assistiria.
>
> A Sra. Moore fez que **fosse examinado o quarto e o lugar onde ela se devia localizar**.
>
> **Os pais do Sr. H. J. Brown materializaram-se e foram reconhecidos**. A governanta dos seus filhos, **a Sra. Réa, viu e reconheceu vários parentes**, porém o mais curioso fenômeno foi **a aparição de um sacerdote**, que a Sra. Réa havia conhecido; ele apontou para a garganta, como se

não pudesse falar, depois desapareceu.

Nessa época, a Sra. Réa não sabia que esse sacerdote tinha morrido; soube mais tarde, chegando a Nova Iorque, que ele havia falecido de *um cancro doloroso na garganta*.

O lado característico dessa sessão é que os assistentes acreditavam que, apontando para a garganta, a forma materializada do sacerdote queria dar a entender que não podia falar, ao passo que seu fim era indicar que ela tinha sido afetada na garganta.

Os dois fatos, reunidos, completam-se de maneira admirável. ([150]) (grifo em itálico do original, negrito nosso)

O fato importante, nessa reunião, foi a manifestação de três espíritos, dois homens e uma mulher, através da médium Sra. Moore.

Aksakof, em ***Animismo e Espiritismo***, narra a seguinte experiência de materialização com isolamento total do **médium Srta. Wood** ([151]):

Efetivamente, na experiência de que se vai tratar e que foi feita em Belper (Inglaterra), o Sr. W. P. Adshead **empregou uma gaiola feita especialmente no intuito de encerrar nela o médium durante as sessões de materialização**, com **o fim de resolver definitivamente a questão seguinte: a aparição da figura materializada é ou não uma coisa distinta da pessoa do**

médium?

> Essa questão foi resolvida em sentido afirmativo. **Colocaram o médium, a Srta. Wood, em uma gaiola cuja portinhola foi fechada por meio de parafusos**. As plantas do aposento e do gabinete, perto do qual a gaiola tinha sido colocada, são reproduzidas na página 296 do "Psychische Studien", de 1878. Foi em tais circunstâncias que se **viram aparecer dois fantasmas: o de uma mulher conhecida com o nome de Meggie e depois o de um homem chamado Benny**. Um e outro se dirigiram para fora do gabinete (págs. 349, 354 e 451); **essas figuras se materializaram em seguida e se desmaterializaram perante os assistentes; finalmente**, entregaram-se, uma após outra, à moldagem de um de seus pés, na parafina. […]. ([152])

Fatos interessantes a manifestação de dois Espíritos – um homem e uma mulher –, através da Srta. Wood e, além disso, eles materializaram e desmaterializaram à vista de todos, a médium por estar "enjaulada", não havia a mínima possibilidade de fraude.

Da obra ***Animismo e Espiritismo*** transcrevemos o seguinte trecho relativo aos fenômenos produzidos pela **médium Srta. Annie Fairlamb Mellon** (1850-1838), no qual "o fantasma e o médium são simultaneamente visíveis aos espectadores":

Eis algumas passagens tiradas de uma conferência do **Sr. Aston**, feita em Newcastle, a 19 de setembro de 1877 e impressa no “Medium and Daybreak” (Londres) de 5 de outubro de 1877, pág. 626:

“Fui testemunha de fatos notáveis que se deram com a médium Srta. Fairlamb e venho comunicar-lhes o que ocorreu na sessão de domingo, 8 de abril passado, nos locais de nossa sociedade. Além da médium, a assistência constava de uma senhora e sete homens.

“À chegada da Srta. Fairlamb, **levaram à sala designada para a sessão dois baldes, um com parafina fundida e o outro com água fria, e colocaram-nos defronte do gabinete**, à distância de 2 pés. O gabinete era formado por meio de uma cortina de tecido de lã verde, fixada na parede por uma de suas pontas, donde ela caía sobre uma barra de ferro curvada em semicírculo, formando uma espécie de tenda. Depois de ter feito uma investigação minuciosa do gabinete e dos baldes, instalou-se a médium no interior do gabinete. Tendo percebido na assistência uma pessoa que lhe era desconhecida, a Srta. Fairlamb pediu que se tomassem todas as precauções necessárias para desviar a menor dúvida sobre a autenticidade dos fenômenos que iam produzir-se. **Entretanto, a maior parte das pessoas presentes estavam persuadidas da inutilidade dos meios habitualmente empregados para obter o isolamento da médium, a saber: as cordas ou fitas com as quais a ligavam, os sinetes apostos aos nós, a prisão em um saco ou em uma gaiola, etc., pois que as forças ocultas que**

se manifestavam nessas sessões parecia superarem todos os obstáculos materiais. Além disso, todas as pessoas depositavam completa confiança na Srta. Fairlamb e em seus guias invisíveis. Renunciamos, pois, às medidas de fiscalização e não tivemos motivos de queixa.

Após cantarmos duas ou três árias, **notamos que a cortina se abria lentamente e uma cabeça saía do gabinete; a figura tinha tez morena, olhos negros, e era ornada de barba e bigodes castanhos (a médium é loura, de olhos azuis)**. Via-se aquela cabeça ora aproximar-se até mostrar as espáduas, ora retirar-se, como se o fantasma quisesse certificar-se de que poderia suportar a luz. **Subitamente a cortina se abriu, e diante de nossos olhos se apresentou a forma materializada de um homem**. Trajava uma camisa ordinária de flanela de riscado e uma calça de algodão branco; a cabeça estava envolta em uma espécie de lenço ou xale. Era todo o seu trajo. O colarinho e as mangas da camisa eram abotoados. **O homem me parecia ter 5 ou 6 pés de estatura, era magro, mas vigorosamente constituído, e seu conjunto dava a impressão de um galhofeiro esbelto e ágil**. Depois de ter descrito com os braços alguns movimentos circulares, como se os quisesse desentorpecer, entrou no gabinete para aumentar a chama do gás, que estava disposto de maneira a poder ser graduado quer no interior do gabinete, quer do lado de fora. Em seguida ele apareceu de novo e se entregou a novos exercícios ginásticos, entrou por uma vez ainda atrás da cortina, aumentou a luz e dirigiu-se para o nosso lado com andar desembaraçado e

> vigoroso. **Entregou-se daí em diante a alguns exercícios de corpo e procedeu aos preparativos de moldagem: abaixou-se, tomou os baldes e levou-os para mais perto dos espectadores…** Depois tomou uma cadeira que se achava ao lado do Sr. Armstrong e colocou-a de maneira que o encosto separasse a cortina cerca de 20 polegadas (o que permitiu a três pessoas da assistência ver a médium); **sentou-se e começou a moldagem do p**é. Durante os quinze minutos que durou a operação, os experimentadores podiam ver ao mesmo tempo o fantasma e a médium, iluminados mais que suficientemente." ("The Medium", 5 de outubro de 1877, pág. 626).
>
> **Se eu posso ser juiz no caso, o conjunto dos fatos que reuni neste capítulo constitui uma prova absoluta da objetividade real do fenômeno da materialização**, e desde o momento em que se me oferece a oportunidade de responder ao Sr. Hartmann, insisto mui particularmente no princípio que serve de base a essas demonstrações, a saber: – uma vez estabelecida a realidade do fato da formação de moldes por um ser materializado, esse fato prova de modo absoluto que o fenômeno de materialização não deve ser considerado como o efeito de uma alucinação. ([153])

Primeiro ponto importante nós o temos no processo de moldagem utilizando-se da parafina, ao qual Aksakof dá a seguinte explicação:

> Passo agora às experiências que considero como as provas mais positivas e mais concludentes do fenômeno da materialização. Não se trata mais de impressões, porém de moldagens de um membro materializado, inteiro, por meio das quais faz-se em seguida um modelo de gesso, reproduzindo com perfeita exatidão todas as minudências da forma do corpo momentaneamente materializado. **A operação pratica-se da maneira seguinte: preparam-se dois vasos, um com água fria, outro com água quente, na superfície da qual há uma camada de cera fundida**. ([154]) Pede-se que a mão que apareceu mergulhe primeiro na cera fundida, durante alguns instantes, depois na água fria, e isso por muitas vezes; dessa maneira, a mão é em pouco tempo coberta por uma luva de cera, de certa espessura, e quando a mão materializada se retira, conserva-se um molde perfeito que se enche em seguida de gesso; **o molde, fundido em água fervendo**, deixa uma moldagem em gesso com a forma exata do corpo que enchia o molde. **Uma experiência desse gênero, feita nas condições requeridas para evitar qualquer fraude, nos dá uma prova absoluta: a imagem completa e permanente do fenômeno que se tinha produzido.** ([155])

Entendemos que aqui se tem uma prova inconteste de que a forma materializada não é um produto de fraude, porquanto, uma pessoa em estado normal jamais conseguiria colocar algum membro do seu corpo, mãos ou pés, em um balde contendo parafina quente. Taxá-la de alucinação, também é fora de propósito.

Vejamos na fig. 3, dois exemplos dos moldes produzidos:

Fig. 3: Fotografias obtidas das moldagens da mão direita e do pé direito de uma forma materializada.

O segundo ponto, a médium era uma mulher, a forma materializada de um homem, derrubando por completo qualquer hipótese de fraude.

E, finalmente, o terceiro ponto, trata-se do pedido da médium Srta. Fairlamb, visando não deixar margem alguma quanto à autenticidade dos fenômenos, para que se tomassem as providências necessárias para desviar a menor dúvida sobre a autenticidade dos fenômenos, que iam produzir-se: “as cordas ou fitas com as quais a ligavam, os sinetes apostos aos nós, a prisão em um saco ou em uma gaiola, etc.”

A conclusão de Aksakof é taxativa:

> Ora, **considero a produção de moldagens pelas formas materializadas como a prova absoluta da realidade objetiva do fenômeno da materialização** e, por conseguinte também, como a prova de que não há alucinação nesse fenômeno; devo, pois, dar aqui uma exposição das experiências desse gênero, com todas as particularidades necessárias. ([156])

As experiências de Aksakof com o fenômeno, proveniente de suas pesquisas, dão ao pesquisador autoridade para opinar sobre eles.

Lembramos dessa fala de Kardec, registrada na ***Revista Espírita 1860***, mês de setembro:

> O verdadeiro crítico deve afastar-se das ideias preconcebidas, despojar-se de qualquer preconceito pois do contrário julgará de seu ponto de vista, que talvez, nem seja justo. ([157])

Continuando na obra ***Animismo e Espiritismo***, vejamos este outro caso com as **médiuns senhoritas Wood e Fairlamb**:

> O segundo exemplo que quero citar refere-se a formas materializadas de personagens de raça exótica, e que apresentavam, por conseguinte, traços tão característicos que sua identidade podia facilmente ser verificada. **Nas sessões dos médiuns senhoritas Wood e Fairlamb**, de

> Newcastle, apareceram, entre outras, **duas pequenas figuras de pele negra, que foram em pouco tempo conhecidas com os nomes de Pocha e Cissey**. Essas personagens, em suas comunicações, declaravam que eram de raça negra. Os médiuns sensitivos ou clarividentes que assistiam a essas sessões verificaram igualmente que essas personagens eram negras. **Para corroborar esses testemunhos, temos as fotografias das médiuns tiradas pelo Sr. Hudson, em Londres.** Vê-se em uma delas, a da Srta. Wood, a figura negra de Pocha, que se materializava habitualmente nessas sessões, e sobre a da Srta. Fairlamb a figura de Cissey (ver Medium and Daybreak, 1875, pág. 346).
>
> Em uma fotografia que possuo e que representa as senhoritas Wood e Fairlamb juntas, vê-se, ao lado da Srta. Wood, uma forma vestida de branco, sentada no chão; é Pocha; seu rosto negro está descoberto e, à primeira vista, fica-se impressionado por seu tipo exótico mui característico. Em outra prova – que também possuo – distingue-se, ao lado da Srta. Fairlamb, uma forma vestida de branco, de rosto negro, que parece suspensa no espaço: é Cissey. Essas mesmas figuras, tais quais são reproduzidas pela fotografia transcendente, foram vistas, sob forma de materializações, por centenas de pessoas cujo testemunho citarei quando se tratar da fotografia simples dessas duas formas, em estado de materialização. ([158])

Essas manifestações de “duas figuras pequenas negras”, comprovam que o fenômeno é autentico, que,

além de serem vistas pelos presentes, ocorreu o registro fotográfico.

Na obra ***Um Caso de Desmaterialização***, Aksakof menciona a **médium Sra. Elisabeth J. Compton**:

> […] um fato perfeitamente convincente, na aventura seguinte do coronel Henry S. Olcott, chegado à América em 1874 com a médium Sra. Elisabeth J. Compton.
>
> O coronel conta-o no seu livro *People from the OtherWorld*:
>
> "Minha primeira sessão com a médium realizou-se na noite de 20 de janeiro de 1874. Os espectadores, em número de seis, estavam sentados sobre cadeiras, em volta do quarto, na distância de oito pés do gabinete. A senhora Compton tomou lugar no interior deste, em uma cadeira; abaixou-se muito a luz da lâmpada, e, durante muito tempo, nada se passou de interessante. Enfim, a porta abriu-se e **a figura de um índio** apareceu; dirigiu-nos uma interpelação e saudou-me cordialmente, porém não saiu mais para fora, declarando que a médium estava muito fraca e abatida para lhe fornecer a força necessária.
>
> Na tarde seguinte, mostrou-se **a menina Katie Brink**, que andou em volta do quarto, tocou em diversas pessoas e acariciou-lhes as mãos e as faces. Trazia um vestido flutuante de musselina branca, com pontas de crepe, à cabeça um véu de

noiva que lhe caía até aos joelhos; deslizava como se estivesse com sapatos de veludo, e, visível metade apenas na obscuridade, ela assemelhava-se à noiva de Coríntio, de Goethe…

Depois de haver passado pelos outros espectadores, veio a mim, que estava com uma das mãos apoiada no tabique do gabinete, e, acariciando-me docemente a fronte, **sentou-se-me nos joelhos, colocou um braço nos meus ombros e beijou-me na face esquerda. Seu peso não era maior do que o de uma criança de oito anos,** mas senti seus braços firmes nos meus ombros, e os lábios que me beijaram eram tão naturais como os lábios de uma pessoa viva.

Depois de combinar com os assistentes, penetrei no gabinete, enquanto a menina ficava do lado de fora; ***não achei aí a médium*****,** apesar de ter examinado não só todos os recantos, mas também, para melhor me certificar de que não estava alucinado, a cadeira, as paredes e todo o espaço em volta. Só podia haver uma alternativa: **ou o Espírito não era um Espírito, e sim a médium, ou a médium se tinha transfigurado** à moda dos taumaturgos orientais (evocadores dos mortos). Quis resolver definitivamente esta questão, antes de deixar a cidade. No dia seguinte, à tarde, depois de ter obtido o assentimento da Sra. Compton, para que ela se submetesse às minhas investigações, **retirei os seus brincos e coloquei-a numa cadeira, no gabinete, à qual prendi-a passando um fio de linha n° 50 através dos orifícios das suas orelhas, lacrando e selando as pontas no espaldar da cadeira, sob a qual imprimi o meu sinete particular**. Depois

fixei a cadeira no chão por meio de barbante, cujas pontas lacrei e selei de um modo completamente seguro.

Assim que a luz diminuiu, como é habitual nessas sessões, e fechou-se a porta do gabinete, cantamos durante alguns minutos; logo após, através da abertura praticada no lado superior da porta, **duas mãos flutuaram da direita para a esquerda, desaparecendo em seguida**. Tornaram a aparecer duas mãos ainda maiores, e, então, uma voz falou-me (se não era a do defunto Daniel Webster, pode dizer-se que era a sua reprodução exata, em profundeza, sonoridade e tonalidade), **deu-me instrução completa e sugeriu-me medidas de prudência sobre o modo pelo qual eu devia continuar as minhas investigações.**

Quando eu penetrasse no gabinete, aconselhou-me ele, enquanto o Espírito ficava do lado de fora, poderia tatear e tocar livremente por toda parte, para convencer-me de que a médium não estava ali, mas eu devia ter todo o cuidado em não tocar de um modo mais efetivo na cadeira. Entretanto, **era-me permitido aproximar as mãos tão perto quanto o desejasse, porém de modo que evitasse o contacto direto com a substância (da cadeira)**.

Em seguida, devia colocar no estrado da balança uma coberta, não importava de que espécie, para que o Espírito não ficasse em contacto com a madeira ou com o metal.

Prometi conformar-me com estas indicações, e, em breve, **tive a satisfação de ver pela porta aberta à menina de vestido branco** a que já me

referi. Ela avançou, percorreu o círculo, tocou em várias pessoas e aproximou-se, em seguida, da balança. Eu estava sentado, pronto a agir, com uma das mãos no peso e a outra no marcador, e, logo que ela subiu, **tomei o seu peso**, sem perder um segundo. Ela retirou-se logo do gabinete; e, então, li a marcação à luz de um fósforo. **Pesava apenas 77 libras inglesas**…

O Espírito tornou a sair, e, imediatamente, **penetrei no gabinete; examinei tudo com o maior cuidado, mas, como antes, não achei nenhum sinal da médium**. A cadeira ali permanecia, *mas nenhum corpo nela se apresentava*. Pedi, então, à **criança-Espírito** que se tornasse, sendo possível, mais leve, e **ela subiu à balança**.

Tão depressa como da primeira vez, pus a balança, em equilíbrio, e, assim que ela se retirou, **li no marcador o peso de 59 libras**.

Reapareceu ela ainda uma vez, e, então, percorreu todos os espectadores, acariciou a cabeça de um, a mão de outro, sentou-se sobre os joelhos da Sra. Hardy, pôs docemente a mão na minha testa, acariciou-me a face e subiu para o estrado da balança para me permitir uma última prova. **Desta vez não pesava mais de 52 libras, apesar de não ter sido notada, do começo ao fim, nenhuma mudança, quer no seu vestuário, quer na sua aparência corpora**l…

Terminado isto, Katie não apareceu mais. Depois de se terem escoado alguns minutos, fomos interpelados pela voz baixa, profunda e gutural do chefe índio, que se mostrou à porta.

Uma conversação entabulou-se entre ele e o Sr. Hardy, que tinha habitado alguns anos entre os indígenas do Oeste, e deu testemunho da autenticidade da linguagem falada pelo Espírito-chefe.

Entrei com uma lâmpada no interior do gabinete, e encontrei a médium exatamente tal como a havia deixado antes de começar a sessão; todos os fios de linha e selos do sinete estavam intactos. Ela conservava-se sentada, com a cabeça apoiada contra a parede, **à carne pálida e fria como mármore, visíveis às pupilas sob as pálpebras entreabertas, sem respiração e sem pulsação**. Assim que todos verificaram os fios de linha e os selos do sinete, cortei-os com a tesoura e levei a mulher cataléptica para o ar livre, segurando a cadeira pelo assento e espaldar. Ela permaneceu assim 18 minutos, sem movimento; a vida voltou-lhe pouco a pouco ao corpo, até que a respiração, o pulso e a temperatura da pele retornassem ao seu estado normal. Coloquei-a na balança: **pesava 121 libras**."

Como, de conformidade com isso, **a forma de Katie Brink pesava 77 libras,** segue-se que, para o corpo da médium no gabinete, **restavam somente 44 libras** ([159]) um pouco mais de um terço do seu peso normal; e, no entanto, ele já era invisível aos nossos olhos, assim como as suas roupas e os fios de linha. Deve-se, pois, supor que existia lá um corpo que conservava a posição do corpo da médium, de suas roupas e de todos os fios, e que lhes servia de base invisível. Mas, a forma de Katie Brink não se assemelhava à da sua médium; **tinha a estatura de uma criança de oito**

> **anos**. […]. ([160]) (grifo itálico do original, negrito nosso)

Ao que nos parece, o corpo da médium foi desmaterializado quando da ocorrência do fenômeno.

A providência de passar um fio de linha nas orelhas da médium lacrando-o, prova que apesar de tudo a forma materializada não era a médium, o que foi corroborado com a pesagem da Sra. Compton e de Katie Brink, cuja estatura era de uma criança de oito anos.

Seguindo a leitura de ***Um Caso de Desmaterialização***, temos este relato de Aksakof a respeito da **médium Sra. Elisabeth d'Espérance**:

> Em 1890, fui expressamente a Gotemburgo, para efetuar com a Sra. d'Espérance uma série de sessões de materialização.
>
> **Ela autorizou-me a submetê-la a toda espécie de provas que eu considerasse necessárias para convencer-me dos fenômenos**, privilégio este que ainda não havia concedido a ninguém.
>
> Na sessão de 5 de junho, eu estava sentado, como de costume, muito perto do recanto do gabinete onde se achava a Sra. d'Espérance, sentada ao meu lado; só nos separava a cortina, cuja abertura lateral se achava muito próxima do meu ombro direito; eu não tinha mais que puxar a cortina um pouco de lado, para poder ver a médium. **A forma materializada que apareceu,**

então, sob o nome de Iolanda já se havia mostrado várias vezes, e mesmo, apoiando-se no meu braço, tinha feito a volta do círculo. Uma lâmpada ao fundo, coberta com várias folhas de papel encarnado, espalhava uma frouxa claridade; mas, **assim que eu me achava com Iolanda, mesmo sob a lâmpada, esta alumiava bastante para que eu lhe pudesse reconhecer indubitavelmente os traços da médium**. Assim que voltamos ao gabinete, retomei o meu lugar, e Iolanda conservou-se metade do lado de fora, na abertura central da cortina.

Então, não cessando de observá-la, passei cautelosamente o braço direito pela abertura lateral da cortina, perto de mim. **Não tinha mais que estender um pouco o braço para certificar-me se a médium se achava no lugar; foi o que fiz. A médium estava sentada numa cadeira de braços, muito baixa**. Levantei a mão até à altura do encosto da cadeira, e deixei-a, em seguida, deslizar do encosto até o assento; **a médium lá não estava.**

Mas, no momento mesmo em que minha mão se achava já sobre o braço da cadeira, Iolanda entrou no gabinete, uma mão caiu sobre a minha e repeliu-a.

Imediatamente depois, a médium pediu-me de beber; estendi-lhe um copo de água pela mesma abertura da cortina por onde já tinha passado o braço; **a médium estava no seu lugar, com o vestido encarnado de mangas apertadas. Iolanda, um instante antes, era visível com um vestido branco, tendo os braços nus até às espáduas**, os pés também nus, com um véu

branco que lhe caía pelo corpo, desde a cabeça; havia, entretanto, desaparecido, exatamente como sucedera com Katie.

Este caso deu-me muito que pensar.

Como Iolanda, que estava com *metade* do corpo fora do gabinete, pôde notar os movimentos do meu braço no *interior* deste?

Era-lhe isso positivamente impossível, pois a obscuridade quase completa não lhe permitia ver o movimento do meu braço sobre a cadeira, ou se eu o introduzia atrás da cortina. Ainda menos possível era ver o que o meu braço lá fazia, ou então o que minha mão fazia; entretanto, o movimento da mão que repeliu a minha era tão deliberado quanto preciso.

Se era realmente a médium em pessoa que, de um modo consciente ou inconsciente, representava Iolanda, e se a cadeira estava realmente vazia, a médium não podia ver e sentir o movimento da minha mão; ela deveria continuar a fazer o seu papel de Espírito, permaneceria no seu lugar ou entraria no gabinete, ou, então, sairia de novo, como se nada tivesse acontecido.

Mas, houve um desarranjo; Iolanda não se mostrou mais, e foi preciso terminar a sessão. Quando ouvi dizer, no dia seguinte, que alguma coisa atemorizara a médium, fui interrogar a própria Sra. d'Espérance, sem, contudo, lhe dizer coisa, alguma das minhas observações. Respondeu-me ela que, pelo fim da sessão, alguma coisa remexia em volta de si, da sua cabeça, dos seus ombros; que isso a amedrontara

> tanto que ela involuntariamente havia deixado cair à mão sobre a qual apoiava a cabeça, e que, nesse movimento, encontrara outra mão, o que ainda mais lhe havia assustado.
>
> Era bem estranho. As impressões da Sra. d'Espérance eram exatamente as que ela devia experimentar, se achasse no seu lugar. E, entretanto, a minha mão não havia encontrado o seu corpo na cadeira. Quem, pois, tinha tido essas impressões? Não se deve concluir daí que na cadeira se conservava um simulacro do seu corpo, imagem dotada de sensação e consciência? ([161])

O "desaparecimento" do corpo da médium Sra. Elisabeth d'Espérance se assemelha ao caso citado anteriormente, abrindo grande possibilidade para uma desmaterialização.

César Lombroso, em ***Hipnotismo e Mediunidade***, cita essa ocorrência:

> **Por muitos anos duraram as aparições de Iolanda, com a Sra. d'Esperance, e foi possível fotografá-las juntas: o fantasma emergia de um globo de vapor luminoso, que se formava do corpo da médium e se materializava a expensas desta, especialmente dos membros inferiores, que desapareciam durante a materialização**. Iolanda parecia uma jovem semi-selvagem, sem inteligência, porém muito curiosa; apenas aparecia e, ignorando que coisa fosse uma cadeira, intentou sentar-se no espaldar de uma e caiu; não demonstrou afeto por ninguém; brincava com os

> filhos de Fioller, por estar a isso habituada; em dez anos, aprendeu apenas algumas letras do alfabeto, mas tinha grande vontade de ser louvada e aplaudida; assimilou de imediato o uso de joias.
>
> O seu corpo parecia tão real, tão carnalmente feminino, que alguém, tomando-a por mulher verdadeira, quis ofendê-la, e com fatal dano para a médium, a quem isso causou enfermidade quase mortal. ([162])

Muito curioso é que “o fantasma emergia de um globo de vapor luminoso que se formava do corpo da médium e se materializada a expensas destas”, ou seja, o ectoplasma formava um globo e desse surgia a forma materializada do Espírito Iolanda.

Ora, tal processo irrefutavelmente implica entender que a médium e o Espírito manifestante eram seres distintos um do outro.

Na obra ***No País das Sombras***, relata d’Espérance, a autora, as particularidades do processo de formação da forma materializada de Iolanda, descrito por um dos membros do grupo:

> “**No começo pode observar-se um objeto branco, vaporoso e membranoso sobre o soalho, diante do gabinete**. Esse objeto vai, gradual e visivelmente, estendendo-se, como se fosse uma peça de musselina animada desdobrando-se sobre o chão, até atingir uma

extensão de dois e meio a três pés, com uma espessura de seis ou mais polegadas. Depois, **a parte central começa a elevar-se lentamente, como se fosse levantada por uma cabeça humana**, enquanto as membranas nebulosas se assemelham, cada vez mais, a uma musselina a cair em pregas sobre o ponto misteriosamente surgido. Quando a massa atinge a altura de dois ou mais pés, dir-se-ia ser uma criança que ali se acha escondida sob um pano, agitando seus braços em todas as direções, como se manipulasse alguma coisa. **A massa continua a elevar-se**, baixando às vezes para levantar-se a maior altura que anteriormente, até subir cerca de cinco pés. **Então, pode-se ver a figura do Espírito acomodando as dobras do pano que o envolve**.

Depois, os braços elevam-se consideravelmente acima da cabeça e Iolanda aparece, graciosa e bela, abrindo passagem através de uma massa de panos nebulosos. Ela tem cerca de cinco pés de altura; sua cabeça está envolta em um turbante, do qual os seus longos cabelos negros caem pelas costas.

Seu vestido, de aspecto oriental, deixa ver a forma de cada membro e todo o contorno do seu corpo; o excesso de pano branco, semelhante a um véu, fica enrolado ao redor do corpo por conveniência ou caindo no tapete, até que haja nova necessidade de operar; e para fazer tudo isso são necessários cerca de dez ou quinze minutos.

Quando ela desaparece ou se desmaterializa acontece o seguinte: dando um passo para a frente, a fim de se mostrar e deixar verificar a sua

> identidade pelas pessoas presentes, Iolanda, lenta, mas deliberadamente, desenrola o leve estofo que lhe serve de véu, junta-o, coloca-o na cabeça e deixa-o cair por cima do seu corpo, como se fosse um grande véu de noiva; depois abaixa-se imediatamente, diminuindo de volume à medida que parece dobrar-se sobre si mesma, desmaterializando seu corpo, sob o pano vaporoso, até que não tenha mais semelhança alguma com Iolanda. Em seguida, desce ainda até perder todo o aspecto de uma forma humana, chegando rapidamente até doze ou quinze polegadas de altura. A figura cai então completamente e não representa mais que a forma de um montículo de pano. Literalmente, não são senão os vestidos de Iolanda que, lenta mais visivelmente, fundem-se a seu turno e desaparecem.
>
> **A desmaterialização do corpo de Iolanda consome de dois a cinco minutos,** ao passo que o desaparecimento dos vestidos exige apenas de meio minuto a dois. Entretanto, ela deixou, uma vez, de desmaterializar os seus véus que ali ficaram no chão, e que outro Espírito, saindo do gabinete, veio contemplar com um ar de censura à pobre Iolanda. Quando **esse Espírito, de talhe elevado, se retirou, apareceu a figura infantil de Nínia, a pequena espanhola**, que veio ver também os despojos de Iolanda. Apanhando com curiosidade o estofo, ela envolveu-se nele, apesar de já trazer o seu corpinho vestido." ([163])

Claro que isso acontecia à vista dos presentes, como, então, atribuir tal materialização a uma fraude,

mesmo se tomando todas precauções para evitá-la?

Uma foto de Iolanda e a médium Elisabeth d'Espérance:

Fig. 5: A médium e o espírito materializado fotografados juntos

Transcrevemos da obra ***O Psiquismo Experimental***, o seguinte relato sobre a **médium Sra. Robert**:

> No fim de 1891, a *Sociedade de Pesquisas Psíquicas dos Estados Unidos*, presidida pelo reverendo M. J. Savage, de Boston, procedeu a diversas experiências, das quais merece citada a mais importante.
>
> **A descrição dessa memorável sessão foi**

assinada pelos membros presentes da referida sociedade, que conta homens como o Dr. Heber Newton, o Sr. A. Livermore e um certo número de pessoas de nomeada nas ciências e nas letras. Outro sacerdote (muito conhecido na América), que é também membro dessa sociedade, estava presente à sessão; declarou depois que julgava impossível e ridículo explicar tais fatos por teorias de fraude e ilusionismo. A médium era a Sra. Robert, de Nova Iorque, e a sessão realizou-se numa sala (ordinariamente pública) em Orset (Massachusetts). **Havia-se construído uma grande gaiola de arame, sustentada por uma armação de madeira. Essa gaiola foi feita por um hábil operário, que soube torná-la muito sólida. Na frente da gaiola havia uma porta, disposta de modo a poder ser fechada com um cadeado**. Essa gaiola foi colocada ao longo da parede da sala que fica no segundo andar, *e onde só se pode entrar por uma porta*. Antes que a médium entrasse na gaiola, a sua roupa foi examinada por uma senhora, que declarou que essa roupa era de cor escura (mais tarde ver-se-á a importância desse detalhe). Quando soou a hora da sessão, havia na sala cerca de sessenta pessoas, a cuja frente se achavam os membros da sociedade psíquica. Na assistência encontravam-se médicos, que tinham vindo especialmente para observar o fenômeno em condições tão novas.

A Sra. Robert, que era magra e de pequena estatura, parecia pálida e ansiosa, pois as condições eram absolutamente inusitadas. Às oito horas, a Sra. Robert entrou na gaiola;

imediatamente a Comissão, composta do reverendo Sr. Savage e um eminente doutor, fechou a porta com um cadeado. Além disso, coseram-se com um fio grosso os dois lados e o centro da porta, que foi selada com lacre, adaptando-se a este um sinete especial. Fez-se tudo isso para impedir *materialmente* que a médium saísse da gaiola. Depois baixou-se a luz e a sessão começou.

Mais de *trinta* formas saíram do lugar onde se achava a médium, e materializaram-se na presença dos assistentes, no espaço de uma hora.

As diversas formas que apareceram eram grandes ou pequenas e foram reconhecidas por aqueles a quem se dirigiram. A materialização de diversas formas fora da gaiola apresentou um espetáculo dos mais comoventes. **A princípio, aparecia no soalho uma mancha branca e nebulosa (em frente à gaiola); pouco a pouco crescia, até que a massa nebulosa tomava a forma de um ser humano *vestido de branco*.** Viam-se os movimentos das mãos manipulando esse vapor branco e tornando-o gradualmente consistente. Em seguida uma forma humana, inteiramente desenvolvida, se mostrava aos assistentes. Então, com uma expressão de radiante alegria, a forma se dirigia a alguma das pessoas presentes, ouvindo-se as palavras *mãe* ou *irmã*, murmuradas baixinho, depois do que a forma voltava, como que pesarosamente, à médium e desaparecia.

Apareceram também algumas formas de homens altos e fortes, sendo a médium uma

> **mulher baixa e delgada**, o que neste caso torna absolutamente improvável a teoria de que a forma é o *duplo* do médium. **A mais maravilhosa das manifestações foi, porém, a seguinte: a médium, Sra. Robert, apareceu subitamente em frente à gaiola**, caminhando lentamente para os espectadores estupefatos. Aumentou-se a luz e **os membros da Comissão examinaram a gaiola**.
>
> **O cadeado estava bem fechado, *intactos os fios com os respectivos selos*, e, no entanto, a médium, que se sentara na gaiola em presença da Comissão, se achava fora dela.** A pedido da Comissão, a médium, interrogando os espíritos ou inteligências que haviam produzido esse fenômeno, obteve como explicação que eles tinham *desmaterializado* ou desagregado momentaneamente a porta da gaiola.
>
> Segundo a doutrina da constituição atômica da matéria, a ciência física afirma que todo corpo sólido não é mais do que uma agregação de átomos vibrantes e girantes. Pode-se, pois, supor que inteligências superiores têm a faculdade de desagregar a matéria por meios que ignoramos, e de reintegrá-la em sua forma primitiva, com rapidez muito maior do que aquela com que podemos transformar o gelo em água e água em gelo. ([164]) (grifo itálico do origina, negrito nosso)

A colocação da médium dentro da gaiola de arame construída especialmente para evitar qualquer tipo de fraude e mesmo assim apresentam-se trinta formas materializadas, é uma prova da realidade dos fenômenos.

Aliado a isso, ainda temos várias materializações de formas de homens, através de um médium do sexo feminino, e vice-versa, fato que também depõe contra possível falsificação das materializações.

Carlos Imbassahy (1884-1969), em ***O Espiritismo à Luz dos Fatos***, cita Paul Gibier, que pesquisou as materializações produzidas pela **médium Sra. Salmon**:

> No próprio laboratório do afamado cientista francês Dr. Paul Gibier, produziram-se fenômenos de materialização de fantasmas.
>
> Servia como médium Madame Salmon. **As senhoras dos médicos que assistiam às experiências, eram encarregadas de vigiar a médium, despi-la, examiná-la e revesti-la de preto**, a fim de que ela não se confundisse com os fantasmas, que apareciam vestidos de branco.
>
> **A médium era colocada numa caixa metálica, como cadeado**, ficando a chave em poder do Dr. Gibier. Esse médico tinha a ajudá-lo, apenas, os seus preparadores, que o auxiliavam nos trabalhos de biologia.
>
> **A fiscalização era rigorosa e observada pessoalmente por Gibier, o qual lançava mão de todos os recursos para verificar qualquer indício de fraude. Esta, entretanto, ele nunca pôde perceber, mau grado sua constante e infatigável vigilância.**
>
> Com a luz suficiente para verificar o que se passava no laboratório, o Dr. Gibier e seus colegas

> notaram diversas aparições, variando na forma, no talhe, e até na voz. **Foram vistos muitos fantasmas de crianças**. As formações ectoplásmicas, à semelhança das descritas por Carlos Richet, **surgiam, gradualmente, à vista dos observadores**; elas se operavam diante dos assistentes. **As formas vaporosas iam-se condensando, até tomar o aspecto de corpos vivos**, que se deslocavam, andavam, falavam e apertavam a mão dos observadores, enquanto a médium jazia desacordada e visível à luz do laboratório. Interrogados os Espíritos, eles se diziam personalidades que já tinham passado pela Terra. ([165]). ([166])

Paul Gibier é mais um pesquisador que encerrou o médium, no caso, uma caixa metálica que junto com as formas de crianças constituem um conjunto de provas que corrobora a realidade das materializações.

Da obra ***Resumo da Doutrina Espírita***, de Gustave Geley, transcrevemos estes trechos:

> A primeira coisa que nos cumpre manifestar é o fato de que, depois de qualquer estudo, por muito pequeno que fosse, *nem um só homem de ciência negou jamais a realidade dos fenômenos*.
>
> Pelo contrário, são muitos os que, tendo principiado com cepticismo completo, acabaram por se converter ao Espiritismo.
>
> Na França, Allan Kardec foi o primeiro que estudou largamente os fenômenos e estabeleceu

os elementos essenciais da nova doutrina.

Os principais estudos metódicos do Espiritismo feitos pelos sábios ou grupos de sábios são os seguintes:

As investigações experimentais levadas a efeito com o auxílio de instrumentos de precisão, pelo professor Robert Hare, de Filadélfia, de 1851 a 1854.

As experiências do conde de Gasparin em 1854.

Os trabalhos da Sociedade Dialética de Londres, em 1869.

Os estudos de William Crookes, acerca da força psíquica, dos movimentos sem contato e das materializações, de 1870 a 1874.

As misteriosas investigações de R. Wallace.

As do astrônomo Zoellner, que o levaram a descobrir a quarta dimensão da matéria.

As de Aksakof e do professor Gibier.

As de Donald Mac-Nab, em 1888; as de M. Pelletier, em 1891, e as do doutor Paul Joire, em 1895.

As recentes e numerosas experiências feitas com a médium napolitana Eusápia Paladino por numerosos grupos de sábios de Nápoles, Milão, Roma e Varsóvia e, por último, na França, pelos senhores Richet, Sabatier, de Rochas, Darieux, de Gramont, Maxwel, de Watteville, etc.

Entre os principais sábios que afirmam a autenticidade dos fenômenos, podemos citar:

Em Inglaterra – Os professores Morgan e

Gregory; os doutores Chambers, Lockhart-Robertson; o professor Oliver Lodge, da Sociedade Real de Londres; o professor William O. Barret, de Dublin; os senhores Challis e Myers, ambos professores da Universidade de Cambridge; A. Russel Wallace, o ilustre naturalista e êmulo de Darwin, William Crookes, Varley, etc.

Na Alemanha e na Áustria – O professor Zoellner; o doutor Carl du Prel, de Munich; o doutor Ciriax; os professores Ulrici, Weber e Fechner, de Leipzig; Schrenck-Notzing, etc.

Na Suíça – O doutor Perty, de Berna; os senhores Metzger e Flournoy, de Genebra.

Na *Suécia* – Os doutores Tarneboem e Esland.

Na Rússia – Os professores Boutlerow e Wagner; o senhor Bodisco; o doutor Ochorowicz, etc.;

Em Itália e na Espanha – O professor Otero; Schiaparelli, diretor do Observatório Astronômico de Milão; Ermacora e Finzi; os professores Brofferio e F. de Amicis, etc.

Em França – O doutor Paul Gibier, diretor do Instituto Pasteur, de Nova York; Flammarion; o professor Richet; o doutor Darieux; o conde de Rochas, administrador da Escola Politécnica; o professor Sabatier, de Montpellier; o doutor Ségard, médico principal da marinha, etc.

Ao terminar essa lista, muito incompleta, vou citar algumas reflexões bastante sugestivas de experimentadores que, cépticos a princípio, acabaram firmes crentes na doutrina espírita:

“Poucos sábios têm havido no mundo tão

incrédulos como eu nas doutrinas chamadas espíritas. Para se convencerem disso, basta consultar a minha obra *Os loucos e os anormais* (*Pazzi ed Anormali*), bem como os meus estudos *Sobre o Hipnotismo*, nos quais cheguei, mesmo, a insultar os espíritas…" (Lombroso – *Anais das Ciências Psíquicas*).

"Mas agora estou confundido e lamento ter combatido com tanta insistência os fatos chamados espíritas. E digo os *fatos*, porque ainda continuo oposto à teoria..." (Lombroso – *Carta a Siolfi*).

"Quando me lembro de que em certa época admirava a coragem de William Crookes ao sustentar a realidade dos fenômenos mediúnicos; e quando penso, sobretudo, que lia as suas obras com o sorriso estúpido que iluminava o rosto dos seus colegas ao ouvir estas coisas, sinto uma grande vergonha por mim e pelos outros…" (Doutor Ochorowicz).

"Terei que negar o testemunho dos sentidos, ou que renunciar a todos os meus conhecimentos relativos à gravitação, à inércia, à força-motriz e a todos os atributos da matéria. Não posso calar-me perante esses fatos (os fenômenos mediúnicos), porque seria verdadeira cobardia moral." (Professor Elliot Coues).

"Depois de ter assistido em pessoa a diversas experiências feitas com a médium Eusápia Paladino, posso afirmar sem reticências a inteira veracidade dos fenômenos observados." (Professor De Amicis, da Universidade de Nápoles).

"Não tive outro remédio senão demolir todo o

> edifício das minhas convicções filosóficas, às quais havia consagrado grande parte da minha vida." (Doutor Masucci).
>
> "Até ao dia em que, pela primeira vez, presenciei os fatos do Espiritismo, eu era um materialista refinado… Era um céptico, um materialista tão completo, que nem sequer podia conceber a existência espiritual... Mas os fatos acabaram por me convencer. Obrigaram-me a aceitá-los *como fatos*, muito antes de eu poder admitir a explicação espírita. Nessa altura, ainda não havia no meu pensamento lugar para semelhante ordem de ideias. Mas, pouco a pouco, a evidência dos fatos criou um lugar no meu pensamento…" (R. Wallace – *O Moderno Espiritualismo*).
>
> Mais abaixo, o autor acrescenta que foi levado, assim, "a crer, primeiramente, na existência de muitíssimas inteligências extra-humanas de graus diversos e, depois, a crer na faculdade que certas inteligências têm de agir sobre a matéria e de influenciar os nossos pensamentos." ([167])

Considerações pertinentes, que fazem nascer reflexões sobre as materializações, porquanto não faz sentido um número considerável de sábios estarem enganados quando à realidade do fenômeno e só os céticos e negadores sistemáticos certos.

Do capítulo "Conclusões" de ***Um Caso de Materialização***, extraímos estes três itens:

1) O fato, tão frequente, **da semelhança da médium com a forma materializada acha sua explicação natural. Como essa forma é somente o desdobramento do corpo da médium, é natural que tenha todos os traços desta**.

Recentemente, ainda, durante as nossas sessões em Milão com Eusápia Paladino, tive ocasião de averiguar essa semelhança quanto às mãos, e mencionei em meu livro *Animismo e Espiritismo* um caso em que a semelhança dos pés foi verificada por meio de moldagens em parafina. **Quanto ao que concerne à *fisionomia*, temos as fotografias do Sr. Crookes, nas quais a semelhança de Katie King com a médium não pode ser posta em dúvida**. Por conseguinte (o que é importante para a experimentação e a crítica), **é evidente que essa perfeita semelhança não é uma prova absoluta de fraude por parte da médium**. Foi assim que o general Sederholm pôde muito bem enganar-se, quando concluiu que era a Sra. d'Espérance quem fazia o papel dos Espíritos. ([168])

3) **A hipótese em questão explica-nos a dificuldade que sempre existiu de se ver, ao mesmo tempo, a figura perfeitamente materializada e o médium; porque, como já disse, uma completa materialização exige, do outro lado, uma completa desmaterialização**, resultando, daí, a invisibilidade do simulacro que supomos existir no lugar do médium. **A mesma coisa se passa com relação às fotografias do médium e da forma materializada, que são extraordinariamente raras**. Parece que essa

dificuldade resulta do fato de não se saber onde existe a possibilidade de guardar o equilíbrio necessário na distribuição dos elementos materiais entre as duas formas. ([169])

6) A solidariedade do médium com a aparição torna-se evidente e perfeitamente compreensível.

Observou-se, por diversas vezes, que **as impressões físicas experimentadas pela forma materializada repercutem no médium**. Disso temos os primeiros indícios, e os mais comuns, nas experiências das cores transportadas sobre as aparições de mãos, e às quais me referi no livro *Animismo e Espiritismo*. Também citei, ali, o caso interessante de um golpe de faca vibrado num braço materializado, e cuja dor foi sentida pelo médium. Nas sessões da senhora d'Espérance, também se observou, por diversas vezes, que picadas feitas nas mãos materializadas eram sentidas pela médium.

Eu próprio estive presente a uma sessão, durante a qual a forma materializada mergulhou as mãos na parafina derretida, exclamando o médium, ao mesmo tempo, que isso o queimava!

Temos, enfim, um caso único nos anais do Espiritismo, narrado por cinco testemunhas, e que esclarece essa solidariedade de um modo mais extraordinário. Numa sessão com o Sr. Monck, em presença. e à vista dos assistentes, formou-se, saindo do lado esquerdo do médium, uma figura masculina. O médium permaneceu visível durante todo o tempo, e a luz era boa.

> Materializou-se a forma, completamente, e a sua fisionomia, as mãos e os pés foram examinados à plena luz do gás; além disso, ela levantou dos seus lugares, cada um por sua vez, os assistentes.
>
> Isto, seja dito de passagem, **prova que a hipótese da desmaterialização quase completa do médium, correspondendo à materialização quase completa de uma figura, como expliquei mais acima, não é, absolutamente, geral, pois, neste caso, o médium permaneceu corporalmente visível e tangível.** ([170])

Essas observações não podem ser relegadas, porquanto, são emanadas de alguém que pessoalmente pesquisou os fenômenos de materialização, com o cuidado de tomar as providências cabíveis para que não ocorressem fraudes.

Por outro lado, devemos compreender que “Se quer contrariar a lei de que todos os corvos são negros, você não tem que tentar demonstrar que nenhum corvo é negro; basta provar que um único corvo é branco” (WILLIAM JAMES) ([171])

Incidentes “agarrando o espírito” e outros...

> “A experiência é um mestre cruel.” (CARLYLE)

Apesar de lamentáveis, alguns incidentes ocorridos em sessões de materialização acabam por confirmar a realidade dos fatos.

O primeiro caso reservamos à **médium Florence Cook**, que é mencionado por Aksakof, em ***Um Caso de Desmaterialização***, tomado do testemunho do Sr. Henry Dunphy:

> Fui a uma sessão na casa do Sr. Luxmoore, em dezembro de 1873. Tomei lugar entre *Lady C…* e o senhor Blackburn, segurando as mãos de ambos, para formar a cadeia magnética.
>
> A aparição mostrou-se diversas vezes, e, enfim, adiantou-se até o meio da sala. Estava com um longo vestido branco, tinha duas saias e os pés nus; trazia um véu branco que cobria sua cabeça, e caía ao longo do seu vestido. Um cavalheiro da sociedade pediu permissão para aproximar-se do Espírito, o que lhe foi concedido; deixou, portanto, a cadeia, e avançou para Katie; esta lhe estendeu a mão, e ele, tendo-a apertado na sua, voltou para

o seu lugar. **A aparição avançou, então, para o fundo da sala, quando uma pessoa, que me era totalmente desconhecida, levantou-se e agarrou o Espírito pela cintura, exclamando: É a médium!** Imediatamente, dois ou três cavalheiros foram-lhe ao encontro para fazê-lo largar a presa, e uma luta seguiu-se. Como eu não tomava parte nisso, pude, à minha vontade, observar o que se passava. Notei que a forma parecia, primeiro, perder seus pés e suas pernas, e, para escapar-se, fazia movimentos ondulatórios semelhantes aos de uma foca dentro da água; **a pessoa que agarrara Katie King parecia mantê-la solidamente, porém não pôde impedi-la de desaparecer, pois ela conseguiu safar-se do seu aperto brutal, sem deixar nenhum indício da sua existência corporal, nem um pedaço do véu. O agressor nada pôde reter consigo, apesar dos seus esforços**.

Em seguida a esse ataque brusco, Florente Cook sentiu-se muito doente toda à noite; dois médicos assistiram-na, pois que ela teve violentas convulsões. Lady C… e a Sra. Ross-Church passaram, igualmente, a noite ao pé do seu leito, velando-a com toda a dedicação.

Muitos médiuns têm sido agarrados depois dessa história: uns eram farsantes, outros produziam realmente fenômenos; mas, nenhum dos falsos médiuns tinha consentido em ser ligado na cadeira, como Florente Cook, nem suportavam luz clara suficiente para se distinguir a verdade da impostura. Ao contrário, médiuns autênticos como William Eglinton, para citar este somente, obtiveram fenômenos verdadeiros, apesar das

condições severas que foram impostas e aceitas. ([172])

A **médium Florence Cook** é também citada por Carlos Imbassahy, em ***O Espiritismo à luz dos fatos***, cuja ocorrência ele narra da seguinte forma:

> Este que se segue passou-se com **a conhecida médium que trabalhou com Crookes**, e é narrado por Epes Sargent:
>
> "O fenômeno da materialização era tão novo para todos, que mesmo espíritas incrédulos procuravam explicar, pela fraude, o que eles não compreendiam. Supunham que Miss Cook se disfarçava para representar o papel de Kate King. **Um Sr. Volckmann quis prová-lo, agarrando o Espírito**; levantou-se subitamente e procurou segurar Katie. Esta, entretanto, conseguiu escapar-lhe e encontraram Miss Cook na cadeira, como de ordinário, com todos os laços que lhe tinham posto no princípio da sessão. **Esse incidente confirmou a autenticidade do fenômeno e muitas pessoas escreveram, então, testemunhando em favor da médium**." ([173])

Aksakof, informa que "alguns detalhes desta sessão foram publicados no *London Society*, em fevereiro de 1874, com a assinatura do Sr. Dunphy, advogado e homem de letras muito conhecido." ([174])

Conta a **médium Elisabeth d'Espérance**, em ***No País das Sombras***, a seguinte ocorrência:

O trabalho fatigante que havíamos tido com os nossos preparativos de viagem, a entrega de um desenho, a promessa de diversos outros, as visitas que nos foi preciso fazer e receber, os enfermos dos quais com pesar separava-me e muitas outras coisas causaram-me noites de insônia e dias cheios de agitação. Eu não sentia então o menor interesse pelos Espíritos; esperava que me não retivessem por muito tempo e, depois de recolher-me ao leito, só despertaria no dia seguinte ao meio-dia.

Não sei como a sessão principiou; tinha visto Iolanda colocar seu jarro no ombro e sair do gabinete. Mais tarde, entretanto, soube o que se passou.

O que experimentei foi uma sensação angustiosa e horrível, como se me quisessem sufocar ou esmagar, como se eu fosse uma boneca de borracha violentamente apertada nos braços de uma pessoa. Depois, senti-me invadida pelo terror, constrangida pela agonia da dor; julguei que ia perder a razão e precipitar-me num abismo medonho, onde nada via, nada ouvia, nada compreendia, a não ser o eco de um grito penetrante que parecia vir de longe.

Sentia-me cair, mas não sabia em que lugar. Tentava segurar-me, prender-me a alguma coisa, mas o apoio faltava-me; **desmaiei e só tornei a mim para estremecer de horror, com a ideia de haver recebido um golpe mortal**.

Os meus sentidos pareciam dispersos, e não foi senão aos poucos que pude concentrá-los suficientemente para compreender o que sucedera.

Iolanda tinha sido agarrada por alguém que a tomou por mim própria.

Foi o que me contaram. Esse fato era tão extraordinário que, se me não achasse em tão penoso estado de prostração, eu teria rido, porém não pude pensar nem mover-me. Sentia que pouca vida restava em mim e esse sopro de vida era para mim um tormento. **A hemorragia pulmonar**, que durante a minha estada no Sul fora aparentemente curada, **reapareceu e uma onda de sangue quase me sufocou**. Dessa sessão **resultou para mim uma longa e grave enfermidade**, que fez demorar por muitas semanas a nossa partida da Inglaterra, pois que eu não podia ser transportada.

O choque fora terrível e, o que era ainda pior, eu não tinha capacidade para compreendê-lo. Nunca me passara pela mente que alguém ousasse acusar-me de impostura. Eu tinha sido mulher de César, pelo menos no meu entender. ([175]) Trabalhara com os meus amigos, primeiramente com o desejo de instruir-me, e depois por amor à causa, a fim de torná-la conhecida. ([176])

Certamente, que o Espírito Iolanda se desmaterializou, deixando o seu agressor atônito, por não conseguir comprovar fraude alguma.

Aksakof, em ***Animismo e Espiritismo***, registra esta ocorrência com o **médium Dr. Willis:**

Na mesma ordem de ideias, podemos citar o fato seguinte, que não se relaciona diretamente

com o assunto tratado sob a rubrica 4. Trata-se da **reação** sobre o médium de uma sensação experimentada por um órgão materializado. Lemos no livro "The Scientific Basis of Spiritualism" (por Epes Sargent, Boston, 1881): "O Dr. Willis comunica o fato seguinte, relativo à sua própria mediunidade. Em uma das sessões, **um senhor tirou do bolso um canivete que tinha uma lâmina longa muito afiada**; não tinha confiado as suas intenções a ninguém, e, em dado momento, vibrou com ele **um golpe formidável em uma das mãos materializadas**. **O médium soltou um grito. Ele tinha sentido uma dor como se uma faca lhe atravessasse a mão**. O senhor em questão saltou de alegria por ter 'confundido' o médium, como o acreditava, persuadido de encontrar a mão do médium trespassada e coberta de sangue. Com grande surpresa e para sua confusão, **não encontrou a mínima escoriação nas mãos do médium**; esse tinha, entretanto, experimentado a sensação da faca atravessando-lhe os músculos e as articulações da mão; a dor só desapareceu no fim de muitas horas." ([177]). **Esse fato nos prova que a mão que apareceu não era uma alucinação, nem a mão do médium**. ([178])

Carlos Imbassahy, em ***O Espiritismo à Luz dos Fatos***, narra este outro caso acontecido com a **médium Eva Carrière**:

Conta Mme. Bisson "que certas experiências, tentadas contra sua vontade, por assistentes cépticos, poderiam ter tido consequências sérias

> para o médium e comprometedoras para a sua saúde".
>
> "Em Munique, um professor imprudente – diz ela – teve a ideia, inesperadamente, de **precipitar-se sobre a médium Eva Carrière, a fim de segurar o fenômeno que via**, e teve a surpresa de ver a matéria reabsorver-se diante de si, antes que lhe fosse possível apanhá-la".
>
> Em consequência disso, a médium esteve muitos dias doente, e as sessões foram paralisadas. ([179])

A repercussão negativa dos incidentes nos médiuns é fato. Porém, conforme já mencionado, a formação do ectoplasma se faz à custa de elementos físicos do médium.

Nenhum deles, porém, conseguiu "desmascarar" o médium. Portanto, a contragosto dos que os provocaram, acabaram comprovando a realidade das materializações.

Análise de alguns trechos de “Estudando o Invisível: William Crookes e a nova força”

> “As experiências, as mais celebres e as mais definitivas e sobre as quais parece impossível pairem quaisquer sombras de dúvida, são, indubitavelmente, aquelas levadas a efeito por Sir William Crookes.” (CHARLES RICHET)

As transcrições da obra Estudando o Invisível: ***William Crookes e a nova força*** sempre estarão com plano de fundo na cor amarela, para mais facilmente serem identificadas por todos os nossos leitores.

> Detectou práticas fraudulentas de diversos médiuns, mas **convenceu-se, por outro lado, da existência de fenômenos autênticos**. […]. ([180])

Que ótimo, que Crookes admitiu que existem fatos autênticos. Lembramo-nos desta frase: “Quando um fato contraria uma teoria dominante, abandone a teoria e conserve o fato, mesmo que ela seja apoiada pelas maiores mentalidades da época.” (CLAUDE BERNARD)

> É curioso que, quando Crookes anunciou que iria estudar o espiritualismo, vários pesquisadores o estimularam, elogiando ao mesmo tempo sua capacidade como investigador. Entretanto, **quando ele começou a publicar resultados favoráveis à existência de fenômenos inexplicados, as mesmas pessoas atacaram-no duramente**. ([181])

A existência de fanático não é coisa exclusiva das religiões. Infelizmente, também os vemos no meio científico, tornando-se um estranho no ninho, pois, seguramente, pode-se dizer que “O fanatismo é cego; não raciocina.” (KARDEC)

> **Florence Cook** era uma jovem médium que afirmava ser capaz de materializar espíritos. **Crookes frequentou sessões em que ela produzia efeitos fantásticos e concluiu que os fenômenos eram autênticos**. **No entanto, posteriormente, foram anunciadas descobertas de fraudes realizadas por Florence Cook**, e Crookes deixou de se referir a seus estudos com a confiança que tinha anteriormente. No entanto, o cientista sempre manteve sua confiança em Daniel Home. ([182])

Essa história de que “foram anunciadas descobertas de fraudes” está muito mal contada, pois isso faz presumir que vários fatos aconteceram. Como vimos, Florence Cook procurou William Crookes justamente por ter sido questionada a autenticidade do

fenômeno. Conforme o mencionado caso do Sr. Volckman, que agarrou o Espírito materializado pensando ser a própria médium ([183]), fato que a própria Juliana Hidalgo menciona ([184]). Seria de todo incoerente, que posteriormente, ela viesse a fraudar.

Em ***História do Espiritismo***, Arthur Conan Doyle relata o seguinte:

> Antes de deixar o assunto Katie King, algumas palavras devem ser ditas quanto ao futuro do grande médium, do qual aquela extraia o seu invólucro físico. Miss Cook tornou-se Mrs. Comer, mas continuou a exibir os seus admiráveis poderes. **O autor conhece apenas um caso em que a honestidade de sua mediunidade foi posta em dúvida; foi quando ela foi pegada por Sir George Sitwell e acusada de fingir-se de Espírito**. O autor é de opinião que um médium de materializações deveria ser manietado, de modo que não pudesse vagar pela sala – e isto com o objetivo de proteger o próprio médium. É pouco provável que o médium se mova em transe profundo, mas em semitranse nada impede que inconsciente ou semiconscientemente, ou ainda obedecendo a uma sugestão dos assistentes, passeie fora da cabine. **É um reflexo de nossa própria ignorância admitir que uma infinidade de provas pudessem ser comprometidas por um único episódio dessa natureza**. É digno de nota, entretanto, a circunstância de que, nessa ocasião, **os observadores concordaram que a**

figura estava de branco, enquanto que, ao ser agarrada, Mrs. Comer não estava de branco. Um investigador experimentado teria concluído que isso não era uma materialização, mas uma transfiguração, o que significa que o ectoplasma, sendo insuficiente para construir uma figura completa, foi usado para revestir o médium de modo que este pudesse carregar o simulacro. Estudando casos semelhantes, o grande investigador alemão Doutor Schrenck-Notzing diz:

> *"Isto (uma fotografia) é interessante porque esclarece a gênese das chamadas transfigurações, isto é… o médium toma a si o papel de Espírito, esforçando-se para representar o caráter da pessoa em questão, revestindo-se do material fabricado. Essa fase de transição é encontrada em quase todos os médiuns de materialização. A literatura sobre tais casos registra um grande número de tentativas de fraude de médiuns que assim representavam Espíritos, como, por exemplo, a do médium Bastian pelo Príncipe Herdeiro Rudolph, a da médium de Crookes, Miss Cook, a de Madame d'Espérance, etc. Em todos esses casos o médium foi agarrado, mas os estojos usados para o disfarçar desapareceram imediatamente e não mais foram encontrados."*

Assim, parece que a verdadeira censura, em tais casos, deve ser dirigida mais aos assistentes negligentes do que à médium inconsciente. ([185]) (grifo itálico do original, negrito nosso)

Portanto, temos que, de fato, houve apenas uma suspeita de fraude, mas não foi comprovada, o que é bem diferente do que insinua a autora.

> **O envolvimento pessoal de William Crookes com o espiritualismo** (do ponto de vista de acreditar na sobrevivência após a morte de uma alma pessoal, capaz de se manifestar e entrar em contato com os vivos) **teria variado muito com o passar do tempo.** Em torno de 1870, suas anotações pessoais indicam que Crookes parece ter aceitado a ideia. Depois, parece ter se tornado cético a respeito. Em suas publicações demonstrava acreditar que alguns fenômenos extraordinários que observara dever-se-iam a uma "nova força" e, ao mesmo tempo, sugeria que outros fenômenos demonstravam a atuação de inteligências não pertencentes às pessoas presentes às sessões. As inteligências poderiam apoderar-se dessa força para realizar algumas manifestações, mas **não haveria evidências satisfatórias de que eles seriam os espíritos dos mortos**. **Após o falecimento da esposa, Crookes voltou a acreditar na possibilidade de comunicação com os espíritos dos mortos**. ([186])

Parece-nos que a intenção da autora é vender a imagem de que Crookes é um indeciso, daí ser mais fácil questionar sua pesquisa.

É importante tomarmos algo que já havíamos falado antes. De ***Discursos Recentes Sobre as***

Pesquisas Psíquicas, reportamo-nos a um trecho da fala de Crookes, **em 1898**, em Bristol, no Congresso da Associação Britânica pelo Avanço das Ciências, no qual ele afirma que após ter passado trinta anos de sua publicação dos relatos das experiências, nada tinha a retratar, ao contrário, refirma suas declarações anteriores e acrescenta que poderia acrescentar várias coisas a elas. ([187])

Arthur Conan Doyle, em ***História do Espiritismo***, apresenta algo oportuno:

> Por gentileza de Mr. Thomas Blyton, tive ultimamente a oportunidade de ver a carta de pêsames escrita por Sir William Crookes, por ocasião da morte de Mrs. Comer. É datada de **24 de abril de 1904**, e nela diz: *"Transmita a mais sincera simpatia de Lady Crookes e minha própria, à família, por essa perda irreparável.* ***Acreditamos, como verdadeira crença, que os nossos entes queridos, ao passarem para o Além, ainda nos observam – e essa crença que deve muito de sua certeza à mediunidade de Mrs. Comer*** *(ou Florence Cook, como aparecerá ela por vezes à nossa lembrança) – fortificará e consolará aqueles. Que aqui ficaram*". […]. ([188]) (grifo itálico do original, negrito nosso)

Ora, em abril de 1904, Crookes ainda mantém sua convicção sobre a sobrevivência da alma, crença, que conforme diz, adquiriu graças à mediunidade de Florence

Cook, portanto, nada tem a ver com a morte de sua esposa, que ocorreu em 1917, dois anos antes de seu trespasse.

Juliana Hidalgo, no tópico “Objetivos desta pesquisa” deixa bem claro que:

> Interessa, entretanto, estudar até que ponto a investigação desses supostos fenômenos **seguia os padrões de cientificidade da época ou não**. ([189])

Considerando-se que, de certa forma, as materializações eram fenômenos novos e que ainda não haviam sido pesquisados, não vemos como identificar se as pesquisas de Crookes “seguia os padrões de cientificidade da época ou não”.

No máximo, o que se pode fazer na situação é comparar os seus procedimentos com os de outros pesquisadores, pois ainda não havia um padrão científico. Mas nem isso a autora fez. Nós apresentamos alguns pesquisadores das materializações para que se possa fazer uma comparação dos procedimentos.

> É exatamente explorando casos-limite como o dos fenômenos espiritualistas que se pode mais facilmente discutir até que ponto um pesquisador pode se orientar de forma totalmente racional e “neutra” na busca pela verdade, e **até que ponto**

> **ele é um joguete de emoções, preconceitos e concepções não-científicas na pesquisa e na aceitação (ou rejeição) de resultados obtidos por outros**. ([190])

Esperamos que essa assertiva também possa ser aplicada a própria Juliana Hidalgo, pelo que já vimos até esse ponto e pelo que ainda se verá.

> Seria desejável, também, analisar a correspondência de Crookes, em busca de informações que não aparecem nos trabalhos que ele publicou. Quando escreveu a biografia de Crookes, em 1923, d'Albe indicou **a existência de cerca de 40.000 documentos disponíveis**. Quase todo esse material, no entanto, desapareceu. Embora a quantidade de material disponível para consulta em 1923 ainda fosse enorme, **o biógrafo já relatava um fato curioso a respeito da correspondência do cientista: quase todas as cartas que de algum modo se relacionavam ao espiritualismo foram misteriosamente eliminadas**. Segundo d'Albe, a correspondência do cientista parece ter sido copiada e indexada, mas as cópias foram arrancadas e apenas o índice permaneceu intacto, revelando o assunto, a data e o remetente de cada correspondência. **Assim, todo esse material, que seria valiosíssimo para compreendermos o contexto em que ocorreram as investigações de William Crookes sobre o espiritualismo, encontra-se desaparecido**.
>
> De acordo com um levantamento recente, **é conhecida a localização de poucos documentos**

> **de Crookes, espalhados por diversas instituições; menos de 400 cartas e alguns cadernos com anotações de laboratório**. ([191])

Certamente, o desaparecimento desses documentos foi pura “queima de arquivo”. Fica a questão: diante disso, uma elaboração da história das pesquisas de Crookes não ficaria prejudicada?

> **A fim de verificar se havia diferenças metodológicas entre as investigações do cientista sobre fenômenos espiritualistas e outros tipos de fenômenos**, compararam-se os procedimentos empregados na determinação do peso atômico do tálio e nas investigações sobre o efeito radiométrico aos adotados nas pesquisas sobre os fenômenos espiritualistas. **Foram observados contrastes entre as investigações de Crookes sobre os fenômenos espiritualistas e suas investigações sobre os fenômenos “normais”**, bem como pôde-se compreender melhor **o envolvimento pessoal do cientista com o espiritualismo**, mostrando que, ao contrário do que apregoava, ele não mantinha uma posição totalmente racional e “neutra”, o que seria, aliás, praticamente impossível. Entretanto, alguns pontos permaneciam obscuros e precisavam ser esclarecidos em etapas posteriores. ([192])

Em nossa modesta opinião, não vemos como aplicar procedimentos investigativos relacionados a coisas materiais, ou seja, os fenômenos “normais” a que

se refere a autora, com os provenientes de algo extrafísico ou espiritual: “água e óleo jamais se misturam”.

Por outro lado, o fato de Crookes ter simpatia, acreditar, ou até mesmo seguir uma corrente espiritualista, nada disso o impede de ser imparcial em suas investigações.

> […] numa carta de agosto de 1874, endereçada a uma senhora interessada no espiritualismo, Crookes **afirma acreditar na existência de seres invisíveis** capazes de se comunicarem, mas **admite que, apesar de ter tentado insistentemente, não havia encontrado evidências de que esses seres eram os espíritos dos mortos.** […]. ([193])

De fato, há coisas em que acreditamos que não tem como se provar. Deus é um bom exemplo disso. No caso dos Espíritos, considerando a época, a confissão da forma espiritual que se manifestava dizendo-se ser um Espírito, já bastava.

Na atualidade, vivemos a “Era da Informação”, onde grande parte de informações pessoais são registradas em algum lugar, talvez se possa levantar dados biográficos para uma identificação mais precisa.

Sobre Katie King, disse Crookes:

> Escreveu também cartas de despedida a alguns dos seus amigos, assinando-se ‘Annie Owen Morgan’ e dizendo que fora este o seu verdadeiro nome durante sua vida terrestre. […]. ([194])

Seguindo em frente.

> William Crookes apresenta alguns fenômenos que teria observado em suas investigações, sem, entretanto, promover uma discussão mais detalhada deles. **Não menciona se foram utilizados experimentos para testá-los** nem analisa com profundidade as teorias que apresenta como possíveis explicações para essas ocorrências. ([195])

A confusão de Juliana Hidalgo é evidente, pois supõe que, pelo fato de em alguns fenômenos produzidos por Daniel Dunglas Home terem sido empregados alguns procedimentos, isso também se aplicaria à médium Florence Cook.

Mas é uma pena que ela não tenha listado os experimentos que Crookes poderia ter usado para testar os fenômenos, pois aí teríamos condições de avaliar melhor o comportamento de Crookes. A diferença entre os fenômenos produzidos pelos dois é algo gritante, que qualquer pessoa pode ver, caso, obviamente, preconceitos não lhe tolham a visão.

Após justificar por que não poderia mais continuar a investigar os fenômenos espiritualistas, Crookes começa a explicar as condições nas quais suas observações foram realizadas. **Procura demonstrar que esses fenômenos eram verdadeiros, pois teria agido com cautela e não medido esforços para evitar a ocorrência de fraudes**.

O químico inglês assegura que as sessões teriam ocorrido em sua própria casa e na presença de testemunhas confiáveis. Assim, o médium não poderia contar com a ajuda de comparsas nem teria como montar previamente algum dispositivo especial para simular os efeitos observados. ([196]) Além disso, Crookes parece contrapor-se às pessoas que se pronunciavam contra a realidade desses fenômenos com base no argumento de que os experimentos não podiam ser repetidos. **Segundo o cientista, seus resultados não seriam fatos isolados, mas, sim, corroborados por outros, obtidos por observadores independentes em diversos momentos e lugares**.

O autor procura, também, esclarecer o que denomina de “algumas falsas impressões existentes na mente do público”. **Quanto à iluminação, por exemplo, afirma que, ao contrário do que se dizia, não era necessária uma sala escura para obter fenômenos espiritualistas**. No caso das aparições luminosas, que obviamente só podiam ser percebidas no escuro. Crookes garante ter sido ainda mais cauteloso em suas observações, e que, por isso, a falta de um dos sentidos não enfraqueceria suas

evidências. ([197])

Como o fenômeno de materialização não oferece a mínima condição de ser manipulado, como acontece com os materiais, a única alternativa que cabe, no seu processo de formação, é a de estabelecer controles para que fraudes não ocorram, conforme se observa nas investigações desse fenômeno, se não por todos, certamente pela maioria dos pesquisadores.

Crookes, como vimos, disse que as reuniões eram feitas em sua casa, havia um controle sobre a Srta. Cook, sendo que o gabinete onde ela se instalaria para as sessões, era preparado por ele próprio, de tal forma que era impossível que a médium se enveredasse para o campo da fraude.

Sim, de fato, encontramos registros de vários outros pesquisadores dos fenômenos espíritas, incluindo entre eles os que se concentraram nas materializações, anteriormente citados.

Em relação à iluminação é preciso fazer distinção em qual fenômeno está se aplicando, pois, no caso específico das materializações, a escuridão, ainda que não completa, é recomendável pelos motivos expostos anteriormente.

Embora não faça especulações acerca da

> natureza dessa inteligência, **não atribuía explicitamente quaisquer desses fenômenos a espíritos nem parecia considerá-los como evidências de que a teoria espiritual seria verdadeira**. Crookes afirma, algumas vezes, a inteligência que governaria esses fenômenos parecia não emanar das pessoas presentes às sessões. ([198])

Da mesma forma, tem-se que separar qual médium Crookes estava utilizando para as experiências, pois cada um deles – Home e Srta. Cook – possuía particularidades distintas.

Juliana Hidalgo, em seus comentários sobre a carta de Crookes, de 3 de fevereiro de 1874, dirigida ao editor da revista *The Spiritualist*, que a publicou com o título "Miss Florence Cook's Mediumship", diz:

> […] **o cientista inglês parece deixar implícito** que alguém alegara **que Katie King e Florence Cook** (respectivamente, a forma que se materializava durante as sessões e a médium) **seriam a mesma pessoa**. ([199])

Em nota de rodapé, explica a autora:

> Esse episódio teria ocorrido em 9 de dezembro de 1873, quando um certo senhor W. Volckman concluiu, após agarrar Katie King pelas mãos e pela cintura, que tudo não passava uma farsa, pois

> Katie seria a própria médium travestida. Ver D'ALBE, *The life of Sir William Crookes*, p. 232. **O senhor Henry Dunphy, um advogado também presente à sessão, teria dado uma declaração diferente**. Segundo ele, os pés e as pernas de Katie desapareceram e ele fez um movimento semelhante ao de uma foca na água. **Katie teria deslizado para baixo, desvencilhando-se do controle de Volckman e desaparecendo sem deixar qualquer traço de existência corporal ou de suas roupas**. Cerca de cinco minutos depois, a médium teria sido encontrada na cabine do mesmo modo como estava no início da sessão, ou seja, usando as roupas e botas pretas usuais e com um cordão amarrado firmemente à sua cintura. **Florence teria sido examinada, mas nenhuma roupa branca como a vestida por Katie fora encontrada**. Ver verbete "Cook, Miss Florence" na versão eletrônica de Fodor, *Encyclopedia of Psychic Science*. ([200])

Esse caso nós o citamos, mas foi necessário voltar a ele, para que pudéssemos transcrevê-lo tomando do relato de Juliana Hidalgo para chamar a atenção neste detalhe da narrativa "teria dado uma declaração diferente". Só que em Aksakof, que cita a fala de Dunphy, é que se pode ver o que ele, Dunphy, positivamente declarou. ([201])

> Assim, numa sessão na casa de um certo senhor Luxmoore, Crookes assegura ter realizado todos os procedimentos formais de exame da

> fechadura e da sala, antes de trazer a médium para a cabine. Mesmo admitindo que através da iluminação turva ([202]) **podia-se notar uma Katie King de aparência surpreendentemente viva e feições muito semelhantes às da médium**, o cientista garante ter tido indícios de que as duas não poderiam ser a mesma pessoa. ([203])

Conforme já explicamos é possível que a forma materializada tenha uma certa semelhança com a médium, especialmente, no início do exercício de suas faculdades mediúnicas. A especificidade delas pode também levar a isso, quando o Espírito utiliza o corpo espiritual do médium, promovendo uma transfiguração.

> Comparando esse artigo com o publicado um mês antes, pode-se notar que, novamente, William Crookes não atribui a espíritos a responsabilidade pelos fenômenos observados. Assim, embora esteja diante de **um fenômeno que os espiritualistas provavelmente consideravam uma prova incontestável da existência dos espíritos**, pode-se notar que **em nenhum trecho do artigo o autor utiliza o termo espírito para fazer qualquer observação sobre Katie**. Muito pelo contrário, parece tentar manter-se alheio a qualquer conclusão a respeito da natureza do que havia observado, **referindo-se a Katie como uma "forma", sem tecer qualquer comentário sobre o que isso significaria para ele**. ([204])

Vamos conferir... Em ***Fatos Espíritos***, podemos

ler:

> “Em carta que escrevi a esses jornais no começo de fevereiro último, **falei dos fenômenos de formas de Espíritos que se tinham manifestado pela mediunidade da Srta. Cook** e dizia que aqueles que se inclinassem a julgar severamente a Srta. Cook suspendessem o seu juízo até que eu apresentasse uma prova cabal, que acreditava suficiente para resolver a questão. ([205])
>
> Passo agora à sessão que se realizou ontem, à noite, em Hackney. **Katie nunca apareceu com tão grande perfeição**. Durante perto de duas horas passeou na sala, conversando familiarmente com os que estavam presentes. Várias vezes tomou-me o braço, andando, e **a impressão sentida por mim era a de uma mulher viva que se achava a meu lado, e não de um visitante do outro mundo**; essa impressão foi tão forte, que a tentação de repetir uma nova e curiosa, experiência tornou-se-me quase irresistível.
>
> **Pensando, pois, que eu não tinha um espírito perto de mim, mas sim uma senhora, pedi-lhe permissão de tomá-la nos meus braços**, a fim de poder verificar as interessantes observações que um experimentador ousado fizera recentemente, de maneira tão sumária. Essa permissão foi-me graciosamente dada e, por consequência, utilizei-me dela, convenientemente, como qualquer homem bem-educado o teria feito nessas circunstâncias. **O Sr. Volckman ficará satisfeito ao saber que posso corroborar a sua asserção,**

> **de que o "fantasma" (que, afinal, não fez nenhuma resistência) era um ser tão material quanto a própria Srta. Cook.** […]. ([206])

Explica-se, portanto, a questão do uso da palavra forma para se referir a Katie King. Se no artigo mencionado pela autora, Crookes não se referia a Katie King como sendo um espírito, vemos que em outras oportunidades ele fez ou deixa a entender isso.

Em relação à experiência de Cromwell Varley, entre outras coisas, diz a autora:

> Embora o engenheiro alegasse que o experimento provava que "a senhoria Cook não apenas estava na sala escura enquanto Katie era vista, mas estava também perfeitamente imóvel", porque o circuito não fora interrompido, **algumas observações registradas e relatadas no artigo poderiam sugerir problemas nessa interpretação**. Quando Katie King emerge da cabine, por exemplo, **Varley comenta: "Você é idêntica à sua médium"**. Já num outro trecho no qual relata o início do aparecimento da materialização, **o engenheiro qualifica de "muito suspeito" o fato de que, quando Katie mostrou o seu braço, o ponteiro do galvanômetro desceu 17 divisões**, indicando que a médium havia se mexido bastante. Um pouco antes desse episódio, Varley já relatara que a leitura do **galvanômetro mostrara uma queda de 36 divisões em um minuto**, o que indicava que a

> médium havia se movido e as moedas deveriam ter saído um pouco do lugar.
>
> Deste modo, **embora a conclusão de Varley fosse favorável à realidade da materialização produzida por Florence Cook**, essas deflexões do galvanômetro, ocorridas justamente quando Katie se preparava para sair, bem como o comentário do engenheiro acerca da semelhança entre as duas, podem ter levado William Crookes a não mencionar esses testes como evidências de que Florence e Katie não eram a mesma pessoa. ([207])

Do livro ***Fatos Espíritas***, transcrevemos:

> Portanto, **é claro que o *menor movimento da médium* teria provocado oscilações do aparelho**; e teve-se a prova disso antes da experiência, como mostra o seguinte extrato de um artigo do Sr. Varley, onde todos os movimentos do galvanômetro são minuciosamente consignados, minuto por minuto: […]. ([208])

Então, o circuito elétrico criado por Varley, tinha exatamente essa função, ou seja, registrar qualquer movimentação da médium, especialmente o dela sair do gabinete, quando das experiências de Crookes. Porém, para que ficasse comprovado que Florence Cook teria saído da cabine, para se fazer passar por Katie King, a variação do galvanômetro deveria ser bem maior do que as registradas por simples movimentos.

É exatamente isso que, em ***Estudando o invisível: William Crookes e a nova força***, a própria Juliana Hidalgo, menciona:

> […] O arranjo era feito de maneira que, **se Florence saísse da cabine, e, portanto, "quebrasse" o circuito, uma deflexão de cerca de 200 divisões da escala** ocorreria no galvanômetro. Caso quisesse sair da cabine para fazer o papel de materialização, **restariam a Florence algumas opções**: **unir os eletrodos que a ligavam ao circuito**, mas, nesse caso, o galvanômetro mostraria uma alteração para cima de cerca de 80 divisões; **substituir o seu corpo por uma resistência equivalente**, o que seria muito difícil porque tal substituição poderia ser detectada, além de a médium não ter conhecimentos de eletricidade. ([209])

Assim, temos que a autora não prestou muita atenção no que ela mesma colocou sobre a experiência de Varley, a respeito da variação do galvanômetro, dando a impressão de que falou de algo que não entendeu muito bem.

Por outro lado, informamos que Varley, em certa sessão, com a médium dentro do circuito elétrico, viu que "Katie só se mostrou materializada a meio, até a cintura apenas, faltando ou conservando-se invisível o resto do corpo" ([210]), provando, que a forma materializada não era

a médium.

Por oportuno, retornamos a Aksakof, em ***Animismo e Espiritismo***, quando disse:

> Uma vez conseguida uma prova tão palpável do desdobramento, temos o direito de afirmar que, se sucede **a figura materializada apresentar semelhança pronunciada com o médium – como no caso de Katie King –, não se segue daí necessariamente que essa figura seja sempre o médium *in propria persona*, em disfarce**; […]. ([211])

Não necessitamos contra-argumentar mais do que isso, pois sobre a questão da semelhança de Katie King com a médium, essa possibilidade foi bem explicada, no capítulo “Ectoplasma”.

No capítulo 5 – “Outros trabalhos de William Crookes”, a autora analisa várias experiências do cientista – o peso atômico do tálio, o radiômetro, etc. – e faz comparação com as pesquisas espiritualistas.

> De certo modo, pode-se dizer que ele teria agido de forma semelhante durante as investigações dos fenômenos espiritualistas, já que os relatos das sessões sugerem que **não havia para o cientista uma metodologia preestabelecida de como cada fenômeno seria testado e de como evitar fraudes, de modo que as ideias parecem ter surgido à medida que as**

> **sessões foram realizadas**.
>
> […].
>
> Ao que tudo indica, **o rigor utilizado por William Crookes em suas pesquisas químicas e físicas parece não encontrar ressonância em seus experimentos com médiuns**. Assim, **no que tange às investigações sobre os fenômenos espiritualistas, é possível considerar que alguns dos experimentos relatados não seriam muito convincentes**. ([212])

Como já o dissemos "água e óleo jamais se misturam". É totalmente ilógica essa comparação da autora entre os procedimentos de Crookes em relação as pesquisas químicas e físicas com as que empreendeu com os fenômenos ditos espiritualistas.

Não é convincente a linha de raciocínio que utilizou, pois, especificamente quanto aos fenômenos de materialização, há elementos de convicção. Bastava um pouco de acuidade para vê-los, mas, é obvio que os preconceitos entorpecem a visão de muitos.

No capítulo 6 – "Investigações sobre os fenômenos espiritualistas anteriores às realizadas por Crookes", tomamos o seguinte parágrafo

> Vale a pena notar que, embora conhecesse as investigações de Robert Hare, Crookes não parece ter se interessado muito por investigar o fenômeno

> das “comunicações espirituais” que tanto atraíram a atenção do cientista. **Não há, nos artigos publicados por William Crookes e nos relatos das sessões contidos nos seus cadernos de anotações, qualquer teste a respeito desses fenômenos com dispositivos experimentais tais como os utilizados por Hare**. ([213])

Realmente, não deveria haver mesmo, porquanto os fenômenos pesquisados por ambos não se correspondiam em nada, a não ser quanto a terem sidos produzidos por inteligências, que não os médiuns, apesar de se dar o título genérico de “fenômenos espiritualistas”.

Entendemos, que isso é coisa que qualquer pessoa que tenha o mínimo conhecimento de Espiritismo bem o sabe, o que não vemos na autora.

Robert Hare (1781-1858), cientista norte-americano no século XIX, físico e químico de grande renome, foi o primeiro homem de ciência nos Estados Unidos a se dedicar à investigação experimental dos fenômenos mediúnicos e à defesa e propagação das ideias espíritas. Acrescemos ainda que:

> Começou então a realizar sessões experimentais com diversos médiuns, os quais submetia aos mais rigorosos controles. Diante dos primeiros fenômenos que observou, que **consistiam em movimentos de mesas e outros objetos sem contato físico, assim como os**

> **“raps” ou golpes nas paredes**, considerou que podiam ser explicados pela hipótese do físico inglês Michael Faraday, segundo a qual tais acontecimentos se deviam a movimentos musculares imperceptíveis conduzidos por uma ação inconsciente. Mas pouco a pouco foi se defrontando com manifestações mediúnicas mais complexas, de caráter físico e inteligente, que resistiam com êxito às provas e às representações mais engenhosas. ([214])

Portanto, fenômenos mediúnicos com a médium Florence Cook, que possuía a especialidade mediúnica de materialização de espíritos, nada tem a ver como os citados.

Crookes, também pesquisou o médium Daniel Dunglas Home, sobre o qual temos:

> O **Senhor Home é um médium** do gênero daqueles que produzem manifestações ostensivas, sem excluir, por isso, as comunicações inteligentes; mas as suas predisposições naturais lhe dão, para as primeiras, uma aptidão mais especial. Sob a sua influência, **os mais estranhos ruídos se fazem ouvir, o ar se agita, os corpos sólidos se movem, se erguem, se transportam de um lugar a outro através do espaço, instrumentos de música fazem ouvir sons melodiosos, seres do mundo extra-corpóreo aparecem, falam, escrevem e, frequentemente,**

> **vos abraçam até causar dor**. Ele mesmo foi visto, várias vezes, em presença de testemunhas oculares, elevado sem sustentação a vários metros de altura. ([215])

A expressão “seres do mundo extra-corpóreo aparecem”, certamente, refere-se às materializações, entretanto, não temos notícias de que Crookes tenha pesquisado esse tipo de fenômeno produzido por Home, especialmente, levando-se em conta esta fala do sábio, constante de ***Fatos Espíritas***, no tópico “Formas e figura de fantasmas”, parte da obra em que trata de suas experiências com o médium:

> **Esses fenômenos são os mais raros de todos os que fui testemunha**. As condições necessárias à sua aparição dir-se-iam tão delicadas, e é preciso tão pouca coisa para contrariar a manifestação, que **só tive raríssimas ocasiões de os ver em condições satisfatórias**. […]. ([216])

Na sequência, Crookes cita apenas dois casos ocorridos com Home:

> Ao cair do dia, durante uma sessão do Sr. Home, em minha casa, vi agitarem-se as cortinas de uma janela que estava cerca de oito pés de distância do Sr. Home.
>
> **Uma forma sombria, obscura, meio**

> **transparente, semelhante a uma forma humana**, foi vista por todos os assistentes, em pé, perto da janela da sacada, e essa forma agitava a cortina com a mão. Enquanto a olhávamos, desapareceu e as cortinas deixaram de se mover.
>
> O caso que se segue é ainda mais surpreendente. Como no caso anterior, o Sr. Home era o médium. **Uma forma de fantasma avançou de um canto da sala, foi tomar uma harmônica e em seguida deslizou ligeira pela sala, tocando esse instrumento**. Essa forma foi visível, durante vários minutos, por todas as pessoas presentes, ao mesmo tempo em que se via também o Sr. Home. O fantasma aproximou-se de uma senhora que estava sentada a certa distância dos demais assistentes e, a um pequeno grito dessa senhora, desapareceu. ([217])

Podemos corroborar isso, recorremos a Arthur Conan Doyle que, em ***História do Espiritismo***, disse:

> […] **Home não tinha grande experiência das materializações completas**, tais como foram obtidas naqueles dias por Miss Florence Cook ou por Madame d'Espérance, ou em nossos dias pela mediunidade de Madame Bisson. **Assim, podia ele dispensar a obscuridade completa em seus trabalhos**. […]. ([218])

Se Home "podia dispensar a obscuridade completa em seus trabalhos" porquanto "não tinha grande experiência das materializações" não há razão para

querer fazer qualquer relação ou comparação do que ele produziu com a produção mediúnica de Florence Cook.

Não podemos deixar de registrar o teor de uma nota inserida no Capítulo – "Investigações anteriores sobre os fenômenos espirituais":

> **O fenômeno de "*direct voice*", corresponde a falas produzidas pelo médium com a voz alterada.** Em quase todas as sessões ocorrem esses tipos de comunicações. São mencionadas diversas mensagens de supostos espíritos ligados a pessoas presentes na sala ou espíritos de pessoas famosas, como Allan Kardec. […]. ([219])

Para nós, aqui fica bem demonstrado que a autora não entendeu absolutamente nada do que seria um fenômeno da voz direta, que, conforme definição de Kardec, também poderia ser designado de pneumatofonia: "PNEUMATOFONIA (do grego *pneuma*, ar, sopro, vento, espírito e *phonê*, som ou voz.) – Voz dos Espíritos; comunicação oral dos Espíritos, sem o concurso da voz humana." ([220])

É preciso esclarecer que o fenômeno de voz direta é classificado como de efeitos físicos, em que o Espírito manifestante se utiliza do ectoplasma expelido pelo médium para produzir uma espécie de "garganta" pela qual fala ao público. Explica Doyle: "[...] um grande

médium de efeitos físicos pode produzir a Voz Direta fora de seus próprios órgãos vocais. [...]. ([221])

Assim, a não ser a doação dessa substância, ou seja, o ectoplasma, o médium não participa em mais nada para a produção do fenômeno, o Espírito fala diretamente, ou seja, sem a mínima participação do medianeiro.

Doyle, em ***História do Espiritismo***, ainda esclarece:

> **Os fenômenos da Voz Direta diferem da mera clarividência e da fala em transe, por isso que os sons não parecem vir do médium**, mas de fora, às vezes de uma distância de alguns metros e **continuar quando a boca está cheia de água e, outras vezes, se fazendo ouvir em duas ou três vozes simultâneas**. Nessas ocasiões uma trombeta de alumínio é empregada para aumentar a voz; e também, como supõem alguns, para formar uma pequena câmara escura, na qual as cordas vocais então usadas pelo Espírito, se podem materializar. **É um fato interessante e que trouxe muita confusão aos que têm pouca experiência, porque em geral os primeiros sons se assemelham à voz do médium. Isto logo desaparece e a voz ou se torna neutra ou muito parecida com a do morto**. É possível que **a razão desse fenômeno seja que o ectoplasma com o qual os fenômenos são produzidos seja tirado do médium e, assim, leve algumas peculiaridades dele ou dela, até que o tempo e**

> **as forças exteriores tenham o predomínio**. Seria bom que o céptico fosse paciente e esperasse o desenvolvimento, pois eu conheci um investigador ignorante e opiniático que jurava que havia fraude apenas porque notava a semelhança das vozes e então estragava toda a sessão com grosserias malucas, quando, se tivesse esperado, teria esclarecido as suas dúvidas. ([222])

Ernesto Bozzano esclarece muito bem o fenômeno da voz direta. Acrescentaremos, aqui, isto que ele disse em ***Marcas e impressões supranormais de mãos de fogo***:

> Notarei, além disto, que, na produção do fenômeno em questão, mister se faz não só considerar-se o fato de ter **a defunta se exprimido em "voz direta" e com um timbre vocal que foi reconhecido**, mas também esta outra circunstância: **que o fantasma se manifestou no meio de uma nuvem de ectoplasma**, que a Irmã tomou por uma "densa fumaça". […]. ([223])

Essa "nuvem de ectoplasma" é algo semelhante a uma garganta ou um cone, pelo qual o Espírito fala, a ponto de sua voz ser reconhecida pelos que o conheciam em vida.

Avancemos até a "Conclusão", da qual transcrevemos os seguintes trechos:

> Quanto às investigações com Florence Cook, nota-se que William Crookes parece colocar-se de modo muito mais vulnerável aos críticos. **Não dispomos de relatos de sessões que o cientista realizou com a médium**, mas os próprios artigos publicados por ele indicam procedimentos sugeridos por Katie King que poderiam limitar as condições de investigação do fenômeno de materialização. Pode-se observar, por exemplo, que **as condições de iluminação não eram boas** e que **o cientista não pôde fotografar a médium e a materialização em circunstâncias capazes de dirimir as suspeitas em relação à autenticidade do fenômeno**. ([224])

Não se tem de fato a fotografia da médium e de Katie King juntas, mas se para a autora fotos tem valor probante, por que razão ela não aceitou as que Crookes tirou desse Espírito? O sábio inglês relatou as circunstâncias de uma sessão de fotos na qual ele viu os dois personagens separadamente, mas com elementos suficientes para tê-los como distintos um do outro.

Por outro lado, jamais podemos desprezar os testemunhos de pessoas idôneas. Em ***Um Caso de Desmaterialização*** há uma apreciação de Gabriel Delanne sobre os fenômenos de materialização ocorridos com a médium Florence Cook, da qual transcrevemos:

> […] Ver-se-á, aqui, que **a aparição de Katie King, durante três anos, foi uma das mais bem**

> **observadas**. Pelo número e pela precisão das narrativas de que foi objeto, ela merece tornar-se clássica. A médium Florence Cook era uma menina de quinze anos, que seria incapaz de organizar uma tão gigantesca impostura sob a vigilância meticulosa de jornalistas, escritores e sábios de primeira ordem. Todas as medidas foram tomadas para que fosse impossível um engano. Procedeu-se como se ela fosse uma das mais hábeis simuladoras. **Ora suas mãos foram imobilizadas por laços cujas pontas eram costuradas e lacradas; uma correia passava-lhe pela cintura, a fim de ligá-la com as mesmas precauções, e as extremidades eram fixadas numa presilha de ferro no soalho**. De outras vezes, **seu corpo era percorrido por uma corrente elétrica, que passava num galvanômetro, e cujos desvios indicariam a menor deslocação da médium**. Entretanto, a aparição mostrou-se livre de qualquer prisão, artisticamente vestida com véus brancos que desapareciam ao mesmo tempo que ela. Diferia tão completamente da médium que um incrédulo endurecido, **o Dr. Sexton, viu Katie King ao mesmo tempo que a médium adormecida, e amarrada à cadeira. Seu testemunho confirma o da Sra. Florence Marryat, escritora muito conhecida**, e o de Sir William Crookes, que afirmam terem visto a mesma coisa. ([225])

Destacamos: “Dr. Sexton ([226]), viu Katie King ao mesmo tempo que a médium adormecida, e amarrada à cadeira.”

Vejamos este outro trecho da fala de Juliana

Hidalgo:

> […] Além disso, alguns ingredientes complicaram ainda mais a situação de Crookes: as críticas insistentes de Edward Cox; o fato de Florence Cook ter realizado sessões de materialização no laboratório do cientista juntamente com Mary Showers, uma médium que na época acabou pega em flagrante ao realizar uma fraude; **a própria Florence Cook foi pega em flagrante alguns anos depois**. Após o anúncio da **descoberta dessa fraude**, realizada por Florence Cook, Crookes deixou de se referir a seus estudos com a confiança que tinha anteriormente. ([227])

Entendemos como pura ilação o “Crookes deixou de se referir a seus estudos com a confiança que tinha anteriormente”. E quanto à suposta fraude da médium, nós já demonstramos que isso é pura “fake news”, usando de uma terminologia dos tempos atuais.

Fechamos esse capítulo com esta frase de Kardec: “É sempre lamentável que homens de ciência se precipitem a dar, sobre o que não conhecem, explicações que os fatos podem desmentir.” ([228])

Conclusão

> “Demais, cada fato que observei é corroborado por pessoas independentes, que o observaram em outros tempos e em outros lugares.” (WILLIAM CROOKES)

Juliana Hidalgo, especificando o seu trabalho fez questão de deixar bem claro que:

> “O objetivo principal do estudo será de natureza metodológica: procurar compreender até que ponto a metodologia utilizada por Crookes no estudo de fenômenos paranormais seguia os padrões de cientificidade da época, e se era possível, na época, distinguir claramente entre as alegações de cientificidade dos estudos paranormais e a cientificidade de outros estudos ‘normais’. (AU)” ([229])

Em nossa opinião, por absoluta falta de conhecimento do objeto do qual tratou, infelizmente, a autora não conseguiu seu objetivo, deixando muito a desejar. Devia ter dado ouvidos a Orígenes de Alexandria (185-254):

> O rigor da crítica exige uma busca longa e precisa, um exame de cada ponto, depois dos quais, com vagar e precaução, podemos afirmar que estes autores dizem a verdade e aqueles outros mentem sobre os prodígios que narram. ([230])

Em geral, as pessoas não têm o mínimo conhecimento de que os fenômenos espirituais foram objetos de comissões de cientistas, que visam derrubá-los, tomando-os como produtos de fraudes ou criação mental de alucinados.

Em ***Depois da Morte***, Léon Denis informa-nos que:

> Em 1869, a **Sociedade Dialética de Londres**, uma das mais autorizadas agremiações científicas, nomeou **uma Comissão de trinta e três membros,** sábios, literatos, prelados, magistrados, entre os quais Sir John Lubbock, da Royal Socíety, Henry Lewes, hábil fisiologista, Huxler, Wallace, Crookes, etc., **para examinar e "aniquilar para sempre" esses fenômenos espíritas, que, dizia a moção, "são somente produto da imaginação"**. Depois de dezoito meses de experiências e de estudos, a Comissão, em seu relatório, reconheceu a realidade dos fenômenos e concluiu em favor do Espiritismo.
>
> Na enumeração dos fatos observados, o relatório não só demonstra as pancadas e os movimentos da mesa, mas também menciona "*aparições de mãos e de formas que, não*

pertencendo a nenhum ente humano, pareciam vivas por sua ação e mobilidade. Essas mãos eram algumas vexes tocadas e seguradas pelos assistentes, convencidos de que elas não eram o resultado de uma impostura ou de uma ilusão".

Um dos trinta e três, A. Russel Wallace, colaborador de Darwin, e, depois da morte deste, o mais eminente representante do evolucionismo, prosseguiu suas investigações e consignou os seus resultados numa obra de grande êxito: *Miracles and Modern Spiritualism*. Falando dos fenômenos, exprime-se nestes termos:

"Quando me entreguei a essas experiências, era fundamentalmente materialista. Não havia em minha mente concepção alguma de existência espiritual. Contudo, os fatos são obstinados; venceram e obrigaram-me a aceitá-los muito tempo antes que eu pudesse admitir a sua explicação espiritual. Esta veio sob a influência constante de fatos sucessivos que não podiam ser afastados nem explicados de nenhuma outra maneira."

Entre os sábios ingleses cujos testemunhos públicos podem ser invocados em favor da manifestação dos Espíritos, também citaremos Stainton Moses (mais conhecido por Oxon), professor da Faculdade de Oxford, que sobre estas matérias publicou um livro intitulado *Spirit Identity*, e uma outra obra denominada *Psychography* (82), onde trata principalmente dos fenômenos de escrita direta; Warley, engenheiro-chefe dos telégrafos, inventor do condensador elétrico; Sergent Cox, jurisconsulto; A. de Morgan, presidente da Sociedade Matemática de Londres, que afirma claramente as suas crenças na obra:

> *From Matter to Spirit*; o professor Challis, da Universidade de Cambridge; os Drs. Charbers, James Gully, G. Sexton, etc.
>
> **Além de todos estes nomes, justamente estimados, há um outro, maior e mais ilustre, que vem juntar-se à lista dos partidários e defensores do Espiritismo; é o de William Crookes, membro da *Royal Society*** (Academia de Ciências da Inglaterra). ([231]) (grifo em itálico do original, negrito nosso)

Isso deveria ser suficiente para convencer os que buscam apoio da ciência para acreditar em alguma coisa, mas como, se não têm a menor notícia disso?

À medida que fomos lendo o livro "*Estudando o Invisível: William Crookes e a nova força*", percebemos que tudo quanto Juliana Hidalgo disse de William Crookes foi de forma negativa, intencionando colocar em descrédito toda a sua pesquisa dos fenômenos psíquicos, uma pena, pois, conforme muito bem disse Camille Flammarion:

> É dever do investigador abster-se completamente de qualquer sistema de teorias, até que ele tenha reunido um número de fatos suficientes para formar uma base sólida sobre a qual ele possa raciocinar. ([232])

E já que citamos Flammarion, tomaremos de ***As***

Forças Naturais Desconhecidas esta sua declaração a respeito dos fantasmas:

> Não pude vê-los nem fotografá-los. Mas **parece-me impossível duvidar do fantasma de Katie King, observado durante três anos por Crookes e os outros estudiosos da médium Florence Cook**. Não posso duvidar, tampouco, dos fantasmas vistos pela Comissão da Sociedade Dialética de Londres. Como vimos, nesses gêneros de aparições, **a fraude tem um papel frequente. Mas nas experiências mencionadas, as observações foram realmente conduzidas com tanta perspicácia que elas estão ao abrigo de todas as objeções, e trazem em si um caráter nitidamente científico**. ([233])

Bom, aqui temos um cientista dizendo que as pesquisas de Crookes "trazem em si um caráter nitidamente científico". Não seremos nós que o oporemos, mas ao que tudo indica Juliana Mesquita não se fez de rogada.

Dr. Giuseppe Lapponi, autor de ***Hipnotismo e Espiritismo***: afirma que:

> A única coisa que, a respeito dos fenômenos espiritistas, se pode, em dadas circunstâncias, considerar lícita, **é o estudo feito por pessoas reconhecidas capazes e competentes, com as devidas circunspecções** e com as necessárias

> observações das manifestações espiritistas que, às vezes, se apresentam de modo espontâneo. ([234])

Em ***Resumo da Doutrina Espírita***, o autor Gustave Geley corrobora esse pensamento, ao dizer que:

> Os fenômenos espíritas têm sido observados por muitíssimas testemunhas conscientes e por muitíssimos sábios ilustres que os controlaram, para que hoje se possam negar *a priori*. E mais ainda: ***ninguém tem o direito*** **de combater sem prévia contra-experimentação, as conclusões experimentais** dos Crookes, Wallace, Zoellner, Aksakof, Oliver Lodge, Myers, Lombroso, Richet, De Rochas e tantos outros não menos ilustres. ([235])

E especificamente sobre as pesquisas de Crookes, vejamos o que disse Arthur Conan Doyle, em ***História do Espiritismo***:

> As pesquisas sobre os fenômenos do Espiritismo por Sir William Crookes – ou Professor Crookes, como era então chamado – durante os anos de 1870 a 1874 constituem um dos mais significativos incidentes na história do movimento. **São notáveis devido ao elevado padrão científico do investigador, o severo e justo espírito com que o inquérito foi conduzido, os extraordinários resultados e a corajosa profissão de fé que as seguiu**. A tecla favorita dos adversários foi atribuir certa fraqueza física ou crescente senilidade a cada nova testemunha da

> verdade psíquica, mas **ninguém pode negar que essas pesquisas foram conduzidas por um homem em pleno apogeu de seu desenvolvimento mental e que a famosa carreira que se seguiu constituiu uma prova suficiente de sua estabilidade intelectual**. É de notar-se que o resultado não só veio provar a integridade da médium Florence Cook, com quem foram obtidos os mais sensacionais resultados, mas também a de D. D. Home e a de Miss Kate Fox, **que foram, também, severamente controlados**. ([236])

Será que Doyle teria se equivocado quanto à sua forma de entender o trabalho de Crookes?

Barão Carl Du Prel (1839-1899), em ***O outro lado da vida***, faz a seguinte afirmação:

> **Crookes chegou a fazer experiências de grande exatidão, com todas as cautelas científicas necessárias**, e pôde medir a força psíquica transferida para objetos inertes. ([237])

Um depoimento importante é o de René Sudre (1880-1968), autor de ***Tratado de Parapsicologia***, no qual refuta o Espiritismo, a certa altura, referindo-se a Crookes, diz:

> É preciso ler os sóbrios e belos relatos que ele publicou para ver que, pela primeira vez, **os**

fenômenos psíquicos eram submetidos aos métodos precisos de laboratório. Crookes construiu aparelhos engenhosos para as suas experiências. Constatou a alteração do peso dos corpos sem contato humano e a execução de árias num acordeão encerrado numa caixa metálica. Sem querer pronunciar-se sobre a sua origem, denominou *força física* a força cuja existência vinha de manifestar. De 1870 a 1873, Crookes fez novas pesquisas com o mesmo rigor científico, fora dos círculos espíritas, onde, dizia ele ironicamente, se é admitido "como um estranho seria autorizado a assistir aos mistérios de Elêusis ou um pagão a contemplar o Santo dos Santos". Os fenômenos observados por ele foram produzidos em plena claridade, seja por Home, seja por Miss Kate Fox. […].

Com um paciente não menos notável, Florence Cook, assegurou haver obtido um fenômeno mais extraordinário que todos os outros: a formação de um ser de grande beleza, de uma mulher de aparência viva que em nada se assemelhava ao médium adormecido, caminhando, conversando, deixando-se fotografar e desaparecendo de súbito com o despertar da médium. Esse ser misterioso declarou chamar-se Katie King, ter cessado sua existência terrestre e só poder permanecer três anos nesse estado materializado. Com efeito, desvaneceu-se, para não voltar mais, a 21 de maio de 1874, após haver dado aos assistentes uma mecha de seus cabelos e um fragmento de seu vestido branco. Ela havia ditado instruções para o tratamento de seu médium ao lado do qual se tinha mostrado constantemente e que lhe havia

suplicado que ficasse. **Num congresso científico, vinte e quatro anos mais tarde, o grande sábio, chegado ao apogeu de sua glória, declarou solenemente que de nada tinha a retratar-se**. Mas não fazia profissão de fé espírita e, sob os disfarces de sua palavra, podia-se adivinhar que admitia a possibilidade de outras explicações. **Em todo caso, nunca deixou de observar e de raciocinar como homem de ciência e não permitiu que se separasse o Crookes do tálio e dos raios catódicos do Crookes de Katie King**. ([238])

[…] Os adversários da Metapsíquica **recusam gratuitamente o testemunho de um Crookes** ou de um Richet, sob o pretexto de que eles foram vítimas "de ilusões efetivas". **Esse argumento desesperado é a confissão de que ignoram completamente as condições dos fenômenos**. ([239])

54. Estudo dos fenômenos físicos. – **Poder-se-ia dizer que quase todos os métodos na investigação dos fenômenos físicos consistem em garantir-se contra a fraude**. Aí está um sério escolho que, explorado pelos adversários da Metapsíquica, prejudicou a sua reputação e desencorajou mesmo, por vezes, os pesquisadores. Mas a certeza era tal entre os perseverantes que o estudo dos fenômenos físicos pode continuar em condições muito mais seguras graças a precauções reforçadas e a novos aparelhos de controle. **É possível dizer, hoje, que a realidade dos fenômenos físicos não pode mais ser posta em dúvida pelos homens de boa**

fé. ([240])

Ora, um detrator do Espiritismo, como se vê, reconhece o valor das pesquisas de Crookes. No último parágrafo, Sudre ressalta o que se poderia considerar padrão científico naquela época para os fenômenos espíritas de efeitos físicos: “garantir-se contra a fraude”.

Referências bibliográficas

AKSAKOF, A. *Animismo e Espiritismo,* volume 1. Rio de Janeiro: FEB, 2002.

AKSAKOF, A. *Animismo e Espiritismo,* volume 2. Rio de Janeiro: FEB, 2002.

ALEXANDER III, E. *Uma prova do céu*. São Paulo: Sextante, 2013.

ANDRADE, G. H. *Espírito, perispírito e alma: ensaio sobre o modelo organizador biológico*. São Paulo: Pensamento, 2002.

BOZZANO, E. *Marcas e impressões supranormais de mãos de fogo*. (PDF) Autores Espíritas Clássicos (site), 2010.

BOZZANO, E. *Metapsíquica Humana*. Rio de Janeiro: FEB, 2005.

CROOKES, W. *Discursos Recentes Sobre as Pesquisas Psíquicas*. (PDF) Autores Espíritas Clássicos e Portal Luz Espírita, 2018.

CROOKES, W. *Fatos Espíritas*. Rio de Janeiro: FEB, 1983.

CZERSKI, W. *Destino: determinismo ou livre-arbítrio?* Capivari (SP): EME, 2012.

D'ESPÉRANCE, E. *No País das Sombras*. Rio de Janeiro: FEB, 1974.

DELANNE, G. *A Alma é Imortal*. Rio de Janeiro: FEB, 1987.

DENIS, L. *Depois da Morte*. Rio de Janeiro: FEB, 1987.

DENIS, L. *No Invisível*. Rio de Janeiro: FEB, 1987.

DOMINGOS, M.; DIAS, P. C; LOUCÃO, P. *Relatos verídicos. Experiências de quase-morte*. Lisboa, Portugal: Ésquilo, 2011.

DOYLE, A. C. *História do Espiritismo*. São Paulo: Pensamento, 1990.

ERNY, A. *O Psiquismo Experimental*. Rio de Janeiro: FEB, 2006.

FERREIRA, J. M. H. *Estudando o invisível: William Crookes e a nova força*. São Paulo: EDUC: FAPESP, 2004.

FINDLAY, J. A. *No limiar do etéreo, ou, Sobrevivência à morte cientificamente explicada.* Rio de Janeiro: FEB, 2002.

FLAMMARION, C. *O Desconhecido e os problemas psíquicos, vol. 1*. Rio de Janeiro: FEB, 2001.

GAULD, A. *Mediunidade e sobrevivência: um século de investigações*. São Paulo: Pensamento, 1986.

GELEY, G. *Resumo da Doutrina Espírita*. São Paulo: Lake, 2009.

GIBIER, P. *Análise das coisas*, Rio de Janeiro: FEB, 1981.

GIBIER, P. *As materializações de fantasmas*, Rio de Janeiro: CELD, 2001.

GIBIER, P. *O Espiritismo (O faquirismo ocidental*), Rio de Janeiro: FEB, 1990.

GOSWAMI, A. *A física da alma*. São Paulo: Aleph, 2005.

IMBASSAHY, C. *O Espiritismo à Luz dos Fatos*. Rio de Janeiro: FEB, 1989.

KARDEC, A. *A Gênese*. Rio de Janeiro: FEB, 2007.

KARDEC, A. *A Gênese*. São Paulo: FEAL, 2018.

KARDEC, A. *O Livro dos Médiuns*. Brasília: FEB, 2013.

KARDEC, A. *O que é o Espiritismo*. Rio de Janeiro: FEB, 2001.

KARDEC, A. *Obras Póstumas*. Rio de Janeiro: FEB, 2006.

KARDEC, A. *Revista Espírita 1858*. Araras (SP): IDE, 2001.

KARDEC, A. *Revista Espírita 1859*. Araras (SP): IDE, 1993.

KARDEC, A. *Revista Espírita 1860*. Araras (SP): IDE, 2000.

KARDEC, A. *Revista Espírita 1865*. Araras (SP): IDE, 2000.

KARDEC, A. *Revista Espírita 1867*. Araras (SP): IDE, 1999.

KARDEC, A. *Revista Espírita 1868*. Araras (SP): IDE, 1993.

LAPPONI, G. *Hipnotismo e Espiritismo*. Rio de Janeiro: FEB, 2002.

LODGE, O. *Raymond*. São Paulo: Lake, 2012.

LOMBROSO, C. *Hipnotismo e Mediunidade.* Rio de Janeiro: FEB, 1999.

ORÍGENES. *Contra Celso*. São Paulo: Paulus, 2004.

OWEN, R. D. *Região em litígio entre este mundo e o outro.* Rio de Janeiro: FEB, 1982.

PALHANO JUNIOR, L. *Experimentações mediúnicas*. Rio de Janeiro: CELD, 1996.

PALHANO JUNIOR, L. e NEVES, W. F. *Dossiê Peixotinho*. Niterói (RJ): Lachâtre, 1997.

PALMÉS, F. M. *Metapsíquica e Espiritismo*. Petrópolis (RJ): Editora Vozes, 1957.

PIRES, J. H. *A Evolução Espiritual do homem (na perspectiva da Doutrina Espírita)*. São Paulo: Paideia, 2005.

PIRES, J. H. *Os 3 Caminhos de Hécate*. São Paulo: Paideia, 2004.

PIRES, J. H. *Relação Espírito-corpo*. São Paulo: Paideia, 2009.

RHINE, J. B. *O Alcance do Espírito*. São Paulo: Bestseller, 1965.

RHINE, L. E. *Canais Ocultos do Espírito*. São Paulo: Bestseller, 1966.

RICHET, C. *A Grande Esperança*. São Paulo: Lake, 1999.

SARGENT, E. *Bases Científicas do Espiritismo*. Rio de

Janeiro: FEB, 1982.

SCHUWARTZ, G. E. *A grande aliança: ciência e espiritualidade caminhando juntas*. São Paulo: Centro de Estudos Vida & Consciência Editora, 2012.

SUDRE, R. *Tratado de Parapsicologia*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.

TEIXEIRA, J. R. *Desafios da mediunidade*. Niterói (RJ): Frater, 2012.

ZIMMERMANN, Z. *Perispírito.* Campinas (SP): GEAK, 2000.

Periódico:

Reformador, ano 105, nº 1901. Rio de Janeiro: FEGB, agosto de 1987.

Internet:

AUTORES ESPÍRITAS CLÁSSICOS. *Biografia de Robert Hare*, disponível em: http://www.autoresespiritasclassicos.com/Pesquisadores%20espiritas/Robert%20Hare/Robert%20Hare.htm. Acesso em: 22 nov. 2019.

BÍBLIOTECA VIRTUAL DA FAPESP. *Estudando o Invisível: William Crookes e a nova força*, disponível em: https://bv.fapesp.br/pt/bolsas/81714/estudando-o-invisivel-william-crookes-e-a-nova-forca/. Acesso em 27 out. 2019.

CAPA: http://www.autoresespiritasclassicos.com/Pesquisadores%20espiritas/William%20Crookes/O%20Esp%C3%Adrito%20de%20Katie%20King.jpg. Acesso em: 20 nov. 2019.

EBIOGRAFIA, *Platão*, disponível em: https://www.ebiografia.com/platao/. Acesso em: 30 nov. 2019.

ENSAIOS FILOSÓFICOS, *Só sei que nada sei: a frase que Sócrates nunca disse...*, disponível em: https://filoinfo.net/

node/116. Acesso em: 30 nov. 2019.

FEB. Daniel Dunglas Home, disponível em: https://www.febnet.org.br/wp-content/uploads/2012/06/Daniel-Dunglas-Home.pdf. Acesso em 22 nov. 2019.

INFOESCOLA, *Fotografia*, disponível em: https://www.infoescola.com/artes/fotografia/. Acesso em 22 nov. 2019.

METRIC CONVERSIONS, disponível em: https://www.metric-conversions.org/pt-br/peso/libras-em-quilogramas.htm. Acesso em: 10 nov. 2019.

WIKIPÉDIA. *Homem Elástico*, disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Homem_Elástico. Acesso em: 10 nov. 2019.

[1] Ver: http://eradoespirito.blogspot.com/2011/07/livro-ii-estudando-o-invisivel-por.html.

[2] Biblioteca Virtual da FAPESP. *Estudando o Invisível: William Crookes e a nova força*, disponível em: https://bv.fapesp.br/pt/bolsas/81714/estudando-o-invisivel-william-crookes-e-a-nova-forca/

[3] FERREIRA, *Estudando o Invisível: William Crookes e a nova força*, p. 15.

[4] FERREIRA, *Estudando o Invisível: William Crookes e a nova força*, p. 15.

[5] Pseudônimo de Carlos Gardone Ramos segundo a revista *Reformador* de abril de 1979, p. 141.

[6] CROOKES, *Fatos Espíritas*, p. 10.

[7] FLAMMARION, *O Desconhecido e os problemas psíquicos, vol. 1*, p. 21-22.

[8] DOMINGOS; DIAS e LOUÇÃO, *Relatos verídicos. Experiências de quase-morte,* p. 239.

[9] KARDEC, *Revista Espírita 1860*, p. 274.

[10] KARDEC, *O Que é o Espiritismo*, p. 86-88.

[11] RHINE, J. *O Alcance do Espírito*, p. 72.

[12] RHINE, L. *Canais Ocultos do Espírito*, p. 254.

[13] ANDRADE, *Espírito, Perispírito e Alma*, p. 161.

[14] ANDRADE, *Espírito, Perispírito e Alma*, p. 162-166.

[15] DOYLE, *História do Espiritismo*, p. 346-347.

[16] RICHET, *A Grande Esperança*, p. 144.

[17] ZIMMERMANN, *Perispírito*, p. 94.

[18] W. J. Crawford, Gustave Geley, Albert Schrenk-Nortzing, Juliette-Alexandre Bisson (Mme. Bisson), William Crookes, Johann C. F. Zöllner, Paul Gibier, Ernesto Bozzano, Gabriel Delanne, Alexandre Aksakof, Albert Coste, Violet Tweedale, Hernani G. Andrade, Carlos de Brito Imbassahy. (ZIMMERMANN, *Perispírito*, p. 90-91)

[19] KARDEC, *Revista Espírita 1858*, p. 131.

[20] PIRES, *Relação Espírito-corpo*, p. 14.

[21] PIRES, *Relação Espírito-corpo*, p. 44.

[22] AKSAKOF, *Um Caso de Desmaterialização*, p. 144-145.

[23] DOYLE, *História do Espiritismo,* p. 359.

[24] GAULD, *Mediunidade e sobrevivência*, p. 16.

[25] KARDEC, *O Que é o Espiritismo*, p. 172.

[26] KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 314.

[27] KARDEC, *Revista Espírita 1868*, p. 30.

[28] OWEN, *Região em litígio entre este mundo e o outro*, p. 320.

[29] DOYLE, *História do Espiritismo*, p. 359.

[30] CROOKES, *Fatos Espíritas*, p. 26-28.

[31] CROOKES, *Fatos Espíritas*, p. 112-113.

[32] TEIXEIRA, *Desafios da mediunidade*, p. 95.

[33] FINDLAY, *No limiar do etéreo, ou, Sobrevivência à morte cientificamente explicada*, p. 23.

[34] FINDLAY, *No limiar do etéreo, ou, Sobrevivência à morte cientificamente explicada*, p. 98.

[35] PIRES, *Os 3 Caminhos de Hécate*, p. 23-24.

[36] GELEY, *Resumo da Doutrina Espírita*, p. 125-126.
[37] OWEN, *Região em Litígio entre este mundo e o outro*, p. 318
[38] OWEN, *Região em Litígio entre este mundo e o outro*, p. 419.
[39] BOZZANO, *Metapsíquica Humana*, p. 169.
[40] AKSAKOF, *Animismo e Espiritismo, vol. 1*, p. 186.
[41] D'ESPÉRANCE, *No País das Sombras*, p. 220.
[42] AKSAKOF, *Um Caso de Desmaterialização*, p. 109.
[43] OWEN, *Região em Litígio entre este mundo e o outro*, p. 429.
[44] ANDRADE, *Espírito, Perispírito e Alma*, p. 162-166.
[45] KARDEC, *A Gênese*, p. 292-293.
[46] KARDEC, *Revista Espírita 1867*, p. 250.
[47] AKSAKOF, *Um Caso de Desmaterialização*, p. 118.
[48] D'ESPÉRANCE, *No País das Sombras*, p. 189
[49] GOSWAMI, *A física da alma*, p. 41.
[50] GOSWAMI, *A física da alma*, p. 58.
[51] CZERSKI, *Destino: determinismo ou livre-arbítrio?*, p. 163.
[52] DOMINGOS; DIAS e LOUÇÃO, *Relatos verídicos. Experiências de quase-morte*, p. 223.
[53] DOMINGOS; DIAS e LOUÇÃO, *Relatos verídicos. Experiências de quase-morte*, p. 237.
[54] ALEXANDER, *Uma prova do céu*, p. 147.
[55] SCHUWARTZ, *A grande aliança: ciência e espiritualidade caminhando juntas*, p. 74.
[56] PALHANO JUNIOR e NEVES, *Dossiê Peixotinho*, p. 212-213.
[57] CROOKES, *Fatos Espíritas*, p. 64.
[58] AKSAKOF, *Animismo e Espiritismo, vol. 1,* p. 156-160.
[59] *AKSAKOF, Animismo e Espiritismo, vol. 1*, p. 200-201.
[60] AKSAKOF, *Animismo e Espiritismo, vol. 1,* p. 296-301.
[61] DENIS, *No Invisível*, p. 312-313
[62] D'ESPÉRANCE, *No País das Sombras*, p. 227-228.
[63] PALMÉS, *Metapsíquica e Espiritismo*, p. 51.
[64] KARDEC, *O Que é o Espiritismo*, p. 50.
[65] KARDEC. *A Gênese*, p. 48-49.
[66] KARDEC, *Obras Póstumas*, p. 299.
[67] KARDEC, *O Livro dos Espíritos,* p. 35-36.
[68] KARDEC, *Obras Póstumas*, p. 287.
[69] KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 198-199.
[70] KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 150-151.
[71] KARDEC, *Revista Espírita 1867*, p. 250.
[72] KARDEC, *Revista Espírita 1867*, p. 288.
[73] LODGE, *Raymond*, p. 23.
[74] RICHET, *A Grande Esperança*, p. 163-164.
[75] RICHET, *A Grande Esperança*, p. 164.
[76] RICHET, *A Grande Esperança*, p. 190.

[77] EBIOGRAFIA, Platão, disponível em: https://www.ebiografia.com/platao/

[78] ENSAIOS FILOSÓFICOS, *Só sei que nada sei: a frase que Sócrates nunca disse...*, disponível em: https://filoinfo.net/node/116

[79] PIRES, *A Evolução Espiritual do homem (na perspectiva da Doutrina Espírita),* p. 47-48.

[80] ERNY, *O Psiquismo Experimental*, p. 98.

[81] FLAMMARION, *Forças Naturais Desconhecidas*, p. 37-38.

[82] PALHANO JR, *Experimentações mediúnicas*, p. 20-25.

[83] RICHET, *A Grande Esperança*, p. 79-80.

[84] RICHET, *A Grande Esperança*, p. 160.

[85] RICHET, *A Grande Esperança*, p. 77.

[86] DOYLE, *História do Espiritismo*, p. 202.

[87] AKSAKOF, *Um Caso de Desmaterialização,* p. 152-153.

[88] Às vezes escrito Volckman. O episódio mencionado será visto num capítulo mais à frente.

[89] AKSAKOF, *Um Caso de Desmaterialização,* p. 175-176.

[90] AKSAKOF, *Um Caso de Desmaterialização,* p. 177.

[91] CROOKES, *Fatos Espíritas*, p. 19-21.

[92] ERNY, *O Psiquismo Experimental*, p. 136.

[93] LAPPONI, *Hipnotismo e Espiritismo*, p. 133.

[94] LAPPONI, *Hipnotismo e Espiritismo*, p. 141.

[95] CROOKES, *Fatos Espíritas*, p. 25-26.

[96] CROOKES, *Fatos Espíritas*, p. 29-30.

[97] CROOKES, *Fatos Espíritas*, p. 45.

[98] CROOKES, *Fatos Espíritas*, p. 61-65.

[99] CROOKES, *Fatos Espíritas*, p. 27.

[100] CROOKES, *Fatos Espíritas*, p. 67-74.

[101] CROOKES, *Fatos Espiritas*, p. 22.

[102] CROOKES, *Fatos Espiritas*, p. 74-82.

[103] INFOESCOLA, Fotografia, disponível em: https://www.infoescola.com/artes/fotografia/

[104] AKSAKOF, *Animismo e Espiritismo, vol. 1,* p. 53.

[105] AKSAKOF, *Animismo e Espiritismo, vol. 1,* p. 210-211.

[106] CROOKES, *Fatos Espíritas*, p. 83-86.

[107] BOZZANO, *Metapsíquica Humana*, p. 146.

[108] CROOKES, *Fatos Espíritas*, p. 81.

[109] AKSAKOF, *Animismo e Espiritismo, vol. 1*, p. 240-243.

[110] AKSAKOF, *Animismo e Espiritismo, vol. 1,* p. 229.

[111] LOMBROSO, *Hipnotismo e Mediunidade*, p. 267-268.

[112] CROOKES, *Discursos Recentes Sobre as Pesquisas Psíquicas*, p. 46-47.

[113] RICHET, *A Grande Esperança*, p. 160-161.

[114] A de ter feito uma corrente galvânica ligada à Florence Cook.

[115] AKSAKOF, *Animismo e Espiritismo, vol. 1,* p. 230-237.

[116] AKSAKOF, *Um Caso de Desmaterialização*, p. 149-150.

[117] William Crookes, relatado em *Fatos Espíritas*, p. 79.

[118] DELANNE, *A Alma é Imortal*, p. 268-269.

[119] PALHANO JR, *Experimentações Mediúnicas*, p. 197-198; DELANNE, *A Alma é Imortal*, p. 283, somente o trecho que cita o peso.

[120] DOYLE, *História do Espiritismo*, p. 177.

[121] AKSAKOF, *Um Caso de Desmaterialização*, p. 149-150.

[122] AKSAKOF, *Um Caso de Desmaterialização*, p. 113-114.

[123] AKSAKOF, *Um Caso de Desmaterialização*, p. 149.

[124] AKSAKOF, *Animismo e Espiritismo, vol. 1,* p. 224-225.

[125] AKSAKOF, *Animismo e Espiritismo, vol. 1*, p. 227.

[126] **Homem Elástico**, alter-ego de Ralph Dibny, é um personagem de história em quadrinhos do Universo DC. Sua primeira aparição foi na revista Flash número 112 de 12 de maio de 1960. Ele foi criado por Julius Schwartz, que só o criou por não saber que a DC havia adquirido os direitos do Plastic Man em 1956. (Wikipédia)

[127] AKSAKOF, *Animismo e Espiritismo, vol. 1,* p. 228.

[128] AKSAKOF, *Animismo e Espiritismo, vol. 1,* p. 249-253.

[129] AKSAKOF, *Um Caso de Desmaterialização*, p. 29-30.

[130] SARGENT, *Bases Científicas do Espiritismo*, p. 218.

[131] CROOKES, *Fatos Espíritas*, p. 151-155.

[132] AKSAKOF, *Animismo e Espiritismo, vol. 1*, p. 252-253.

[133] AKSAKOF, *Um Caso de Desmaterialização*, p. 121-124.

[134] AKSAKOF, *Um Caso de Desmaterialização*, p. 129-134

[135] "[…] Charles F. Livermore era um banqueiro muito conhecido em Nova Iorque, que, em 1860, teve a infelicidade de perder a mulher. […]." (BOZZANO, *Metapsíquica humana,* p. 152); Estela, esposa de Livermore, apareceu pela primeira vez em 15 de abril de 1861. (BOZZANO, *Metapsíquica humana*, p. 153)

[136] "[…] A materialização da mesma figura continuou durante cinco anos, de 1861 a 1866, durante os quais **o Sr. Livermore realizou 388 sessões com a médium Kate Fox** e cujos pormenores foram imediatamente registrados pelo Sr. Livermore no seu canhenho." (AKSAKOF, *Animismo e Espiritismo*, p. vol. 2, p. 387, grifo nosso)

[137] AKSAKOF, *Animismo e Espiritismo, volume 2*, p. 308-310.

[138] N.T.: Essas condições dão grande valor à experiência, pois, em regra, essa operação é executada pelo médium em pessoa. (Nota do Autor.)

[139] AKSAKOF, *Animismo e Espiritismo, volume 2*, p. 311-312.

[140] Pequena biografia: Diretor do Instituto Bacteriológico (Instituto Pasteur) de Nova York, antigo interno dos Hospitais de Paris; ex-assistente de Patologia Comparada do Museu de História Natural de Paris; membro da Academia de Ciências de Nova York, da Sociedade de Pesquisas Psíquicas de Londres e Cavalheiro da Legião de Honra (GIBIER, *As materializações de fantasmas,* p. 5)

[141] GIBIER, *O Espiritismo (O faquirismo ocidental)*, p. 33.

[142] GIBIER, *O Espiritismo (O faquirismo ocidental)*, p. 53.

[143] GIBIER, *O Espiritismo (O faquirismo ocidental)*, p. 97.

[144] GIBIER, *Análise das coisas*, p. 80.

[145] GIBIER, *Análise das coisas*, p. 81.

[146] GIBIER, *Análise das coisas*, p. 118.

[147] GIBIER, *Análise das coisas*, p. 146-147.

[148] GIBIER, *As materializações de fantasmas*, p. 79-87.

[149] GIBIER, *O Espiritismo (O faquirismo ocidental)*, p. 233.

[150] CROOKES, *Fatos Espíritas*, p. 130-132.

[151] Infelizmente, nada encontramos para identificar quem seria a Srta. Wood.

[152] AKSAKOF, *Animismo e Espiritismo*, p. 201-202;

[153] AKSAKOF, *Animismo e Espiritismo, vol. 1*, p. 206-208.

[154] A cera fundida é também designada de parafina fundida. (AKSAKOF, *Animismo e Espiritismo*, p. 162)

[155] AKSAKOF, *Animismo e Espiritismo, vol. 1,* p. 161-162.

[156] AKSAKOF, *Animismo e Espiritismo, vol. 1,* p. 162-163.

[157] KARDEC, *Revista Espírita 1860*, p. 275.

[158] AKSAKOF, *Animismo e Espiritismo*, p. 216-217.

[159] Conversão: 121 libras = 54,88 kg; 77 libras = 34,92 kg; 44 libras = 19,96 kg (para conversão usamos o site Metric Conversions, disponível em: https://www.metric-conversions.org/pt-br/peso/libras-em-quilogramas.htm)

[160] AKSAKOF, *Um Caso de Desmaterialização*, p. 31-34

[161] AKSAKOF, *Um Caso de Desmaterialização*, p. 35-37.

[162] LOMBROSO, *Hipnotismo e Mediunidade,* p. 284-285.

[163] D'ESPÉRANCE, *No País das Sombras*, p. 184-186.

[164] ERNY, *O Psiquismo Experimental*, p. 157-159.

[165] N.T.: **Dr. Paul Gibier** – "Compte rendu officiel Du IVme. Congrés de Psychologie", 1901. "Annales des Sciences Psychiques", 1901

[166] IMBASSAHY, *O Espiritismo à Luz dos Fatos*, p. 253-254.

[167] GELEY, *Resumo da Doutrina Espírita*, p. 46-49.

[168] AKSAKOF, *Um caso de desmaterialização*, p. 92-94.

[169] AKSAKOF, *Um caso de desmaterialização*, p. 95.

[170] AKSAKOF, *Um caso de desmaterialização*, p. 96-97.

[171] Citada por WEISBERG, B. *Falando com os mortos: as irmãs americanas e o surgimento do espiritismo*. Rio de Janeiro: Agir, 2011, p. 378.

[172] AKSAKOF, *Um Caso de Desmaterialização*, p. 139-140.

[173] IMBASSAHY, *O Espiritismo à luz dos fatos*, p. 72-73.

[174] AKSAKOF, *Um Caso de Desmaterialização*, p. 139.

[175] N.T.: Mulher de César: Alusão histórica a uma reputação de honestidade, que se declara inatacável. (Nota da Editora da FEB).

[176] D'ESPÉRANCE, *No País das Sombras*, p. 220-222.

[177] SARGENT, *Bases Científicas do Espiritismo*, p. 209-210.

[178] AKSAKOF, *Animismo e Espiritismo, vol. 1*, p. 160-161.

[179] IMBASSABY, *O Espiritismo à Luz dos Fatos*, p. 73.

[180] FERREIRA, *Estudando o invisível: William Crookes e a nova força,* p. 32.

[181] FERREIRA, *Estudando o invisível: William Crookes e a nova força,* p. 32.

[182] FERREIRA, *Estudando o invisível: William Crookes e a nova força,* p. 32-33.

[183] AKSAKOF, *Um Caso de Desmaterialização,* p. 175-176.

[184] FERREIRA, *Estudando o invisível: William Crookes e a nova força,* p. 67.

[185] DOYLE, *História do Espiritismo*, p. 211-212.

[186] FERREIRA, *Estudando o invisível: William Crookes e a nova força*, p. 33.

[187] CROOKES, *Discursos Recentes Sobre as Pesquisas Psíquicas*, p. 46-47.

[188] DOYLE, *História do Espiritismo*, p. 216.

[189] FERREIRA, *Estudando o invisível: William Crookes e a nova força,* p. 34.

[190] FERREIRA, *Estudando o invisível: William Crookes e a nova força*, p. 34-35.

[191] FERREIRA, *Estudando o invisível: William Crookes e a nova força*, p. 36-37.

[192] FERREIRA, *Estudando o invisível: William Crookes e a nova força*, p. 41-42.

[193] FERREIRA, *Estudando o invisível: William Crookes e a nova força*, p. 46.

[194] CROOKES, *Fatos Espíritas*, p. 85.

[195] FERREIRA, *Estudando o invisível: William Crookes e a nova força*, p. 188.

[196] N.T.: Aliás, segundo Crookes, nem as habilidades de mágicos conhecidos, como Houdini, Bosco e Anderson, apoiados em todos os dispositivos possíveis, seriam capazes de explicar a maior parte desses fenômenos.

[197] FERREIRA, *Estudando o invisível: William Crookes e a nova força*, p. 193-194.

[198] FERREIRA, *Estudando o invisível: William Crookes e a nova força*, p. 197.

[199] FERREIRA, *Estudando o invisível: William Crookes e a nova força*, p. 214.

[200] FERREIRA, *Estudando o invisível: William Crookes e a nova força*, p. 214-215.

[201] AKSAKOF, *Um Caso de Desmaterialização*, p. 139-140.

[202] N.T.: O cientista deixa transparecer que nas sessões com Florence Cook, assim como nas realizadas com Home, a iluminação não permitia que tudo fosse visualizado com clareza.

[203] FERREIRA, *Estudando o invisível: William Crookes e a nova força*, p. 217.

[204] FERREIRA, *Estudando o invisível: William Crookes e a nova força*, p. 219.

[205] CROOKES, *Fatos Espíritas*, p. 67.

[206] CROOKES, *Fatos Espíritas*, p. 70-71.

[207] FERREIRA, *Estudando o invisível: William Crookes e a nova força*, p. 236.

[208] CROOKES, *Fatos Espíritas*, p. 136.

[209] FERREIRA, *Estudando o invisível: William Crookes e a nova força*, p. 225.

[210] DELANNE, *A Alma é Imortal*, p. 269.

[211] *AKSAKOF, Animismo e Espiritismo, vol. 1*, p. 200-201.

[212] FERREIRA, *Estudando o invisível: William Crookes e a nova força*, p. 269-270.

[213] FERREIRA, *Estudando o invisível: William Crookes e a nova força*, p. 344.

[214] AUTORES ESPÍRITAS CLÁSSICOS, Robert Hare, disponível em: http://www.autoresespiritasclassicos.com/Pesquisadores%20espiritas/Robert%20Hare/Robert%20Hare.htm

[215] FEB, Daniel Dunglas Home, disponível em: https://www.febnet.org.br/wp-content/uploads/2012/06/Daniel-Dunglas-Home.pdf

[216] CROOKES, *Fatos Espíritas*, p. 45.

[217] CROOKES, *Fatos Espíritas*, p. 45-46.

[218] DOYLE, *História do Espiritismo*, p. 182.

[219] FERREIRA, *Estudando o invisível: William Crookes e a nova força*, p. 355.

[220] KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 416.

[221] DOYLE, *História do Espiritismo*, p. 413.

[222] DOYLE, *História do Espiritismo*, p. 417.

[223] BOZZANO, *Marcas e impressões supranormais de mãos de fogo*, p. 24.

[224] FERREIRA, *Estudando o invisível: William Crookes e a nova força*, p. 541.

[225] AKSAKOF, Um Caso de Desmaterialização, p. 193-194.

[226] Dr. George Sexton, antigo redator do *The Spiritual Magazine*, de Londres. (DOYLE, *História do Espiritismo*, p. 197)

[227] FERREIRA, *Estudando o invisível: William Crookes e a nova força*, p. 542.

[228] KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 47.

[229] Biblioteca Virtual da FAPESP. *Estudando o Invisível: William Crookes e a nova força*, disponível em: https://bv.fapesp.br/pt/bolsas/81714/estudando-o-invisivel-william-crookes-e-a-nova-forca/

[230] ORÍGENES, *Contra Celso*, p. 440.

[231] DENIS, *Depois da Morte*, p. 161-162.

[232] FLAMMARION, *As Forças Naturais Desconhecidas*, p. 311.

[233] FLAMMARION, *Forças Naturais Desconhecidas*, p. 415.

[234] LAPPONI, *Hipnotismo e Espiritismo*, p. 216.

[235] GELEY, *Resumo da Doutrina Espírita*, p. 111.

[236] DOYLE, *História do Espiritismo*, p. 201.

[237] DU PREL, *O outro lado da vida*, p. 91-92.

[238] SUDRE, *Tratado de Parapsicologia*, p. 47-48.

[239] SUDRE, *Tratado de Parapsicologia*, p. 69.

[240] SUDRE, *Tratado de Parapsicologia*, p. 95.

Paulo da Silva Neto Sobrinho é natural de Guanhães, MG. Formado em Ciências Contábeis e Administração de Empresas pela Universidade Católica (PUC-MG). Aposentou-se como Fiscal de Tributos pela Secretaria de Estado da Fazenda de Minas Gerais. Ingressou no movimento Espírita em Julho/87.

Escreveu vários artigos que foram publicados em seu site **www.paulosnetos.net** e alguns outros sites Espíritas na Web.

Livros publicados: **a) impressos:** 1) *A Bíblia à Moda da Casa;* 2) *Alma dos Animais: Estágio Anterior da Alma Humana?;* 3) *Espiritismo, Princípios, Práticas e Provas;* 4) *Os Espíritos Comunicam-se na Igreja Católica;* 5) *As Colônias Espirituais e a Codificação; e* 6) *Kardec & Chico: dois missionários;* **b) E-books:** 1) *Espiritismo e Aborto*; 2) *Kardec & Chico: 2 missionários. Volume II, 3) Kardec & Chico: 2 missionários. Volume III;* 4) *Racismo em Kardec?;* 5) Espírito de Verdade, quem seria ele?; 6) *A Reencarnação tá na Bíblia;* 7) *Manifestações de Espírito de pessoa viva (em que condições elas acontecem);* 8) *Homossexualidade, Kardec já falava sobre isso;* 9) *Chico Xavier, verdadeiramente uma alma feminina;* 10) *Os nomes dos títulos dos Evangelhos designam seus autores?;* 11) *Apocalipse: autoria, advento e a identificação da besta;* 12) *Francisco de Assis e Chico Xavier seriam o mesmo Espírito?;* 13) *A mulher na Bíblia;* 14) *Todos nós somos médiuns?;* 15) *Os seres do invisível e as provas ainda recusadas pelos cientistas;* 16) *O Perispírito e as polêmicas a seu respeito;* 17) *Allan Kardec e a lógica da reencarnação* e *18) O fim dos tempos está próximo?*

Livros e e-books a publicar: 1) *Espiritismo e má-fé*; 2) *Kardec e Chico: 2 Missionários, vol. IV;* 3) *Manifestação de Espíritos, a própria Bíblia é uma prova*; 4) *Pedro, tu és Papa?*; 5) *Relendo a Bíblia, Revendo a Teologia, vol. I;* 6) *Relendo a Bíblia, Revendo a Teologia, vol. II*; *7) Relendo a Bíblia, Revendo a Teologia, vol. III*; 8) *SEB – Anjos e Demônios*; 9) *SEB – Comunicação com os mortos*; 10) *SEB – Evocação de Espíritos*; 11) *SEB – Imortalidade da Alma*; 12) *SEB – Imposição das mãos*;

13) *SEB – Influência dos Espíritos*; 14) SEB – *Mediunidade*; 15) *A Alma Dorme no Mineral?*; 16) *A aura e os chakras no Espiritismo*; 17) *A Manifestação de Samuel a Saul (Análise das explicações da Bíblia Shedd)*; 18) *A Morte de Jesus foi para remissão dos pecados?*; 19) *Allan Kardec e a previsão de sua volta*; 20) *Allan Kardec foi um racista brutal e grosseiro*, 21) *Católicos acusam Kardec de racista*; 22) *Chico Xavier e suas vidas passadas*; 23) *Chico Xavier, afinal de contas, quem é você?*; 24) *Da mediunidade e dos médiuns*; 25) *EL, o verdadeiro deus dos hebreus*; 26) *Espírito agindo na matéria*; 27) *Evocar os mortos (Moisés, Emmanuel e André Luiz x Allan Kardec)*; 28) *Falhas na Bíblia inerrante*; 29) Há dogmas no Espiritismo? 30) *Isaías previu algo a respeito de Jesus?*; 31) *Jesus é o Espírito de Verdade*; 32) *Jesus teve ou não irmãos?*; 33) *Jesus, um Espírito superior ou puro?*; 34) *O que efetivamente nos salva?*; 35) *O ritual do batismo*; 36) Os *Animais: suas percepções e manifestações*; 37) *Obsessão, processo de cura de casos graves*; 38) *Possessão e incorporação, espíritos possuindo fisicamente os encarnados*; 39) *Reencarnação no Concílio de Constantinopla (Orígenes x Império Bizantino);* 40) *Refutação das Criticas contra o Espiritismo (Allan Kardec)*; 41) *Religião Espírita, é o que, de fato, é o Espiritismo*; 42) *Será que os profetas previram a vinda de Jesus?*; 43) *Toda Escritura é mesmo Inspirada?*; 44) *Trindade, o mistério imposto por um leigo, anuído pelos teólogos*; 45) *Umbral, há base doutrinária para sustentá-lo?*; 46) Os Espíritos superiores e o nosso livre-arbítrio; 47) *A ação do benfeitor de Chico Xavier era igual à técnica usada por Espírito obsessor;* 48) *Chico Xavier teria sido a médium Srta. Japhet?*; 49) *Anjos da Guarda, a que ordem e classe pertencem?*

Belo Horizonte, MG.
e-mail: paulosnetos@gmail.com